

REVISTA DE ENSINO



L. Perrotti

REVISTA DE ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA DIRECTORIA DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO II

MACEIÓ, JULHO-AGOSTO DE 1928

NUM. 10

Para crianças

OS DOIS CARCUNDAS

Julio Dorsay

Carcunda á parte, porque elle era carecunda, afrontosamente carcunda, que sympathico e bom rapaz era o Corentino Guégo ! Sempre de excellente humor e sempre disposto a rir ! E além disso tudo, bom violinista.

Era disputado para tocar em casamentos. E, embora o seu violino miasse ás vezes como um gato, tocava com tanto compasso e animação que arrebatava a todos os pares na dança. Tinham o cuidado, ao demais, de servirem-lhe bebidas de vez em quando, para cobrar forças, e, valha-nos Deus ! elle entornava o copo como se estivesse com a garganta secca de tanto tocar clarinete. De modo que vocês avaliam facilmente em que estado ficava elle no fim das festas.

Naquelle dia, como nos outros, Corentino havia bebido a mais não poder. Já era muito tarde e não queria demorar-se a voltar para casa, porque morava muito longe e tinha que atravessar uma vasta charneca, frequentada por anões encantados e brejeiros que gostam, á noite, de pregar boas peças aos pobres viajantes.

Mas os noivos haviam sido tão amaveis, e as pessoas que assistiram ás bôdas tão delicadas com elle,

que se viu obrigado a executar ainda alguns numeros e só poude sair por volta de onze horas. Pensava ter tempo, apressando o passo, de chegar á sua casinha antes da meia noite, que é geralmente a hora escolhida pelos anões para pôrem em pratica as suas farças. Bem empanzinado de comes e bebes, levando na mão esquerda o seu violino mettido num estojo e na direita o seu cacete, partiu Corentino corajosamente com o seu cachorro Rawall, de que se fazia sempre acompanhar nas suas expedições, e que era, em caso de um máo encontro, capaz de avisal-o e até de defendel-o.

Mas o nosso amigo confiára demasiadamente no seu equilibrio e na sua resistencia. Caminhava zig-zagueando, o que não diminuia a distancia, e se sentia tão fatigado que cochilava em pé.

— Diacho ! disse elle consigo mesmo a coisa assim não vae. Descansemos um bocadinho.

La estava Corentino na charneca. A lua brilhava como uma rainha no meio de sua côrte de estrelas. O ar era tépido; a noite de verão, serena e sem perfidias. Avisitou o sopé de um rochedo tapetado de musgo e alli se estendeu, ou melhor alli cahiu, com o proposito de

dormir um somninho reparador. E effectivamente, mal fechou os olhos, o reinado dos sonhos lhe ficou patente.

* * *

Rowall se havia deitado perto do seu dono ; mas, contrariamente ao que se passa de ordinario com os cães, cujas reservas de somno são inexgotaveis, não tinha vontade de dormir naquella noite. Não vendo, não ouvindo, nem farejando nada que pudesse distrahir-o, não tardou a se aborrecer, bocejou ruidosamente, e depois, como o dono continuasse dormindo, começou a lambelhe o rosto.

Imaginou Corentino que o barbeiro lhe estava fazendo a barba, e, meio acordado, mormurou: — Ah ! meu velho, como a tua navalha está bem afiada ! Sem duvida quizeste estreal-a commigo. Nunca vi navalha tão macia.

Depois disto Corentino ferrou outra vez no somno. Desolado com a sua falta de exito e certamente inspirado pelo diabo, Rawall (que horror !) não vacillou em pôr a pata sobre seu dono...

— Com a bréca ! outra vez agua quente ! exclamou Corentino, que desta vez despertou completamente. E' preciso dizer tambem que a temperatura havia de repente refrescado e que a briza marinha embarafustava justamente pelo nariz do dorminhoco. Levantou-se elle então, agarrou o seu violino, o seu cacete, e, sem se preocupar com Rawall, que, com o nariz no chão e a cauda arqueada, tinha tomado a dianteira na pista de algum lebre, se poz repidamente a

caminho, já descansado, com as idéas mais claras.

* * *

Nesse momento, de um campario distante chegou aos seus ouvidos um badalar argentino, que varias vezes se renovou. Contou as badaladas... Doze... Era meia-noite.

— Apre ! exclamou Corentino, estremecendo e já inquieto; dormi muito mais do que imaginava... Meia noite ! a hora dos anões encantados !... Sou capaz de cahir como um patinho nas mãos delles.

De repente, á luz da lua, avistou uma multidão de anões, que dançavam alegremente uma ciranda, cantando, e quando chegavam no estribilho se deixavam cahir no chão, só se erguendo nos versos seguintes.

Quando Corentino chegou perto dos anões, estes lhe barraram o caminho.

— Bôas falas, disse um delles ; vamos poder dançar ao som da musica... Olá ! camarada, tira o violino do sacco e acompanha a nossa canção... Tu a conheces ?

— Se a conheço ?... Pois não é meu officio conhecer ellas todas ?

— Pois muito bem ! então, começa lá. Tócarás, cantarás e até dançarás, para nos fazer companhia.

— Com muito gosto, o exercicio será bom contra o frio.

— E se todos nós ficarmos contentes commigo, prometto-te que serás recompensado.

* * *

Completamente senhor de si pela cordialidade do acolhimento.

e de mais a mais animado com o incentivo da recompensa, Corentino, com os gestos, com a voz e com o seu instrumento, guiou a ronda dos anões. Saracoteava, fazia saltar a careunda, e se por vezes, com seus requebros, as notas não saham muito precisas, pelo menos guardava elle sempre o compasso. Não tinha mais necessidade, contra o mêdo, contra o frio, nem de armadura nem de gabão ; quem o visse seria capaz de jurar que elle era rei dos anões e da charnéca.

O bailarico foi fatigante. Corentino começava a sentir chumbo nas pernas. Felizmente, as noites de verão são curtas, sobretudo, como justamente acontecia, no mez de julho.

Quando enfim na sua meia luz a aurora piscou os olhos, o anão que se havia dirigido a Corentino fez signal que parasse, e depois dirigindo-se ao nosso tocador de violino :

— Agora, lhe disse elle, que queres tu, meu amigo, como recompensa ? Dinheiro ou belleza ? Corentino reflectiu um momento. Poderia pedir dinheiro, mas tinha modestas aspirações e ganhava bem a sua vida. Em compensação, trazia ás costas uma coisa que o incommodava muito e o impedia de se casar com quem desejava. Sem duvida aquella fresca e linda moça de sua aldeia, a Perrina, por quem morria de amores, lhe dava provas de muita estima, porém quanto a se casar com ella, esperem bem !

— Ah ! Corentino, lhe dizia ella, que pena que tu não sejas direito !

Ao lembrar-se de Perrina tomou uma decisão : — Veja, respondeu elle ao anão, tocando com o dedo o alto de sua giba ; se pudesse me tirar a careunda, juro-lhe ! me julgaria muito feliz.

— Como que não hei de poder ! Adeus, volta para tua casa. Ah vem o sol. Tua careunda desapparecerá no caminho.

— Ah ! obrigado, muito lhe agradeço, senhor anão . . .

Como o senhor é gentil !

Desfaz-se ainda em agradecimentos, mas todos os anões haviam já partido, sumindo-se como a fumaça com o vento. O sol, com o seu globo inflammado, subia dominador no horizonte.

* * *

Bem caladinho, mas não menos radiante do que o sol, Corentino se raspou para casa a passos largos. Julgava-se já livre de sua careunda, sentindo-se mais leve do que uma ervilha secca dentro da vagem. Chegando diante da porta de sua casa, ia elle bril-a, quando na porta em frente appareceu o tamanqueiro Pennzec, seu vizinho, que acabava de saltar da cama e respirava o ar puro da manhã, antes de pegar no trabalho.

— Olá ! Guégo, exclamou o tamanqueiro, no auge da surpresa, que fizeste da tua careunda ?

— Não é possível ! . . . Não estou mais com ella ?

— Qual nada ! basta que te apalpes.

— E não é que é mesmo verdade ! . . .

— E Corentino, que, com a mão esquerda, depois com a direita, pas-

Influencia da Língua Árabe sobre o português

A proposito duma hypothese lançada pelo professor Ragy Basile e divulgada pelo erudito Sr. Dr. João Ribeiro, em artigo publicado no Jornal do Brasil, de 14 de Setembro de 1927.

AO DR. JOÃO RIBEIRO.

Admitte o prof. Ragy Basile a hypothese de provir a palavra portugueza *saudade* de uma das expressões arabes *saudá* ou *suaidá*, tendo ambas o sentido moral "de profunda tristeza e, literalmente, de sangue pisado e preto dentro do coração".

Nas transcrições *saudá*, e *suaidá*, representamos com *â* o *ã* da lingua arabe, e com um simples ponto (.) a letra *h'amza*, que equivale a uma rapida aspiração peculiar dessa lingua semitica (°).

Ora, se considerarmos as cousas exclusivamente sob o ponto de vista phonetico, nada se oppõe a que *saudá*, seja tomado como *étymo* e *radical* de *saudade* e, ainda, a que *suaidá*, seja tomado como *etymo* e *radical* das variantes antigas *suydade* e *soidade* (não falamos, por emquanto, da terminação *dade*.)

Realmente, com referència a este ultimo caso, *suaidá*, e até *suidá*, do pronunciado *sueidá*, e até *suidá*, pelos arabes que occuparam a Espanha, pois até hoje em algumas

regiões de lingua arabe, na pronunçiação popular, o ditongo *ai* muitas vezes se abranda em *ei* e até se reduz a um simples *i*. (1)

Seria então razoavel a evolução *suaidá*., *sueidá*., *suidá*., portuguez *suydade*, *soidade*.

Passando agora a tratar do sentido dessas palavras, notaremos que os dictionarios da lingua arabe dão *saudá*., e *suaidá*., indifferentemente, como significando : *atrabilis*; *melancolia* (*bilis negra*); *hypocondria*.

Vemos, pois, que essas significações são um tanto differentes das que ás referidas palavras dá o prof. Basile, e que são: a de "profunda tristeza, em sentido moral", e a "de sangue pisado e preto dentro do coração". Procurando melhor fundamentar a sua hypothese, diz o mesmo professor que "na me-

(°) Na lingua vulgar, em geral, o *h'amza* não sôa e assim pronunciam simplesmente *saudá* (*saudá*), *suaidá* (*suaidá*). Da mesma forma, o art. *al* se pronuncia simplesmente *al*, com quêda da aspiração representada pelo *hamza* inicial.

(1) O ditongo *ai* do arabe regular é vulgarmente pronunciado *éi* ou *ei* na Syria, e no Egypto e na Lybia, e *i* em Marrocos e em outros pontos do norte da Africa. Assim, por ex., as palavras *baít*, casa, e *saíf*, espada, soffrem, a partir do Oriente para o Occidente, as seguintes alterações: *béit*, *beit*, *bêt*, *bit*; *sêif*, *sif*. Eis porque quanto a *suaidá*., admittimos tambem a evol. *sueidá*., *suêdâ*. e, por fim *suidá*., talvez entre os marroquinos e os arabes da Espanha.

dicina *as—saudá* é uma doença do fígado que se revela pela tristeza amarga e melancolia. Sobre essa acceção já falámos atrás quando transcrevemos o que dizem os dicionarios relativamente ás significações de *saudâ.*, *atrabilis*, *melancolia*, etc.

Como novo esclarecimento, acrescentaremos que para “molestia do fígado, pallidez da pelle”, ha tambem em arabe a palavra *suâd*, que, como vemos, não se presta para radical de *saudade*, porque nella ha transposição de *au* em *uâ*.

Quanto á forma *suaidâ.*, cita o mesmo professor uma frase usada pelos arabes, na qual ella é empregada na mesma acceção da palavra *saudade*. Essa frase é *gatalatni as—suaidá*, que elle traduz por—matou-me a saudade. “E isso quando a pessoa entristece pela perda de um ente querido”. Se, de facto, assim é, claro está que ha exacta correspondencia de sentido entre a palavra arabe e a portugueza.

Mas, neste caso, havemos de convir que esse emprego de *suaidâ*, representa na lingua arabe uma subtilidade ou uma particularidade tão delicada, que difficilmente um estrangeiro poderia vir a conhecê-lo para então comparal-o com o emprego que damos á palavra *saudade*; e isto mesmo que esse estrangeiro fosse regularmente versado no conhecimento da referida lingua. Fizemos essa observação porque, como vimos, os dicionarios da lingua arabe (ao menos os que possuímos) dão essa forma e tambem *saudâ.*, como significando, é bom repetil-o, *unicamente* as doenças

ou molestias já tantas vezes citadas.

Não lhes dão, porém, qualquer outra significação que deixe transparecer ter havido uma traslação de sentido, da qual possamos deduzir o sentimento produzido pela “recordação dum bem perdido com o desejo de o tornar a possuir, pela magua causada por ausencia de entes que nos são caros, pelo desejo de volver á terra natal que se deixou, etc.” e que é, verdadeiramente, o que exprime a nossa tão decantada palavra *saudade*.

Mas, em vista da competencia e autoridade do prof. Basile, devemos aceitar as suas asserções quanto ao sentido especial que ás vezes em sua lingua adquirem *suaidâ*, e *saudâ.*, e que então, até certo ponto, seria comparavel ao que damos a *saudade*; e assim sendo, continuaremos, nos limites de nosso pouco saber, a fazer alguns commentarios relativos ás significações de outras palavras, co-radicaes dessas formas, e que elle, em seu estudo, cita para comprovação de sua hypothese.

De acôrdo com o que vimos fazendo, daremos primeiramente as suas definições e depois, para confrontos, as que encontrámos nos dicionarios por nós consultados.

Conta-nos elle que os arabes dizem: “*al-mússuaddat*, (2) os dias pesados e de tristeza”. Encontrá-

(2) Com o *t*, que vemos no fim de *al-mússuaddat*, o prof. Basile, transcreve o character chamado *tâ marbût'a*, que só apparece no fim das palavras arabes e que é sempre precedido da vogal breve *a*.

Como esse *t* não soa nas palavras empregadas isoladamente, nós o supprimimos em nossa exemplificação. Transcre-

mos *musúadda*, “maus dias (com artigo, *al-musúadda*, os maus dias)”.

E que, em arabe vulgar, “*saudana* é entristecer alguém, e *tasaudana* significa — ficou triste, angustiado. Um derivado desse verbo é *musanden*, melancólico, triste, dolorido, cheio de desgosto”.

Quanto ao primeiro verbo, *saudana*, achámol-o com a significação de “por ou deixar alguém de mau humor, enfadar (a alguém) e quanto ao segundo, *tasaudana*, achámol-o com a de “estar de mau humor”.

Ora, recapitulando, vemos que até aqui as significações dadas pelos dicionários ás palavras (substantivos ou verbos) citadas pelo prof. Basile continuam a convergir *unicamente* para uma idéa de “doença ou *mal physico*”, trazendo, consequentemente, “melancolia, mau humor, enfado”.

E agora, como accrescimo nosso, diremos que a *saudâ*, se forma em arabe o adjectivo *saudâúiy*, (3) que significa “melancólico, atrabiliário, bilioso (de mau humor)”, e que, portanto, *a acompanhar a evolução de sentido proposta pelo prof. Basile para o primitivo*, deverá significar “saudoso”, isto é “que tem saudades”.

vemos, pois, simplesmente *h'amza, musúdda*, em vez de *h'amzat, mussúddat*.

(3) Com *ú* transcrevemos o *úû*, consoante lebial comparavel ao *w* dos inglezes, em *we, William*, etc.; com *y* representamos o *yâ*, consoante palatal comparavel ao *y* dos inglezes, em *yacht, yess etc.*; com *î* transcrevemos o *i* longo do arabe, da mesma forma que com *â* transcrevemos o *â* longo e com *û* o *u* longo.

A seu cargo fica a elucidação desse caso.

Por aproveitar á questão, diremos tambem que a frase *sauda-al-qalb*, é traduzida por “o fundo”, o intimo do coração”. Depois de havermos percorrido os dicionários arabes que temos á mão (arabe-francez, arabe-inglez, francez-arabe, inglez arabe, etc.) e que nos serviram de base para as traducções que fizemos das palavras arabes, resolvemos consultar tambem o “Lexicon arabico-lusitanum”, e Freytag, afim de ver se entre os coradicaes de *saudâ. e suaidâ.*, nelles registrados, havia alguns que, por seu sentido, correspondessem á significação de *saudade*,

Nada, porem, encontrámos a respeito, e o que ha é, mais ou menos, repetição do que já foi dito.

Convem, todavia, transcrever o seguinte :

“*Suâd* (as transcripções figuradas são nossas), “*Morbi genus, ovibus et hominibus accidens. Kam.*”

“*As-suadâ*, “*Femella serpentis magna ac nigra; et Melancholia.*”

“*Saudâ-al-qalb*”. *Intimum cordis*”.

Se fizermos um retrospecto de tudo quanto dissemos até aqui, veremos que as nossas considerações tendem a ampliar e mesmo a apoiar, em certos pontos a hypothese do prof. Ragy Basile.

E' sobretudo para notar a evolução phonetica que procurámos estabelecer para obter um supposto, mas razoavel radical para as formas antigas *suydade soidade*; essa evolução, como vimos, tem por base a forma arabe *suaidâ.*, ficando, nes-

te caso, *saudâ*, para radical de "saudade".

E' tambem de algum auxilio a citação, que fizemos, de outras formas cognatas não mencionadas pelo referido professor e que, indirectamente, poderão reforçar a sua idéa.

Mas, quanto á exacta correspondencia de sentido entre as formas arabes e a nossa palavra *saudade*, tivemos que nos manter com certa reserva ou restricção, já porque nenhum esclarecimento positivo nos deram os dictionarios já porque não temos um conhecimento desenvolvido da literatura arabe, na qual taes formas são ás vezes empregadas em *sentido moral*, conforme afirma o prof. Basile.

Isto posto, vamos agora encaminhar as cousas para um outro lado e suscitar uma questão que, *em parte*, poderá prejudicar a hypothese em estudo.

Essa questão é a da agglutinação ou adaptação do suffixo portuguez *dade* aos radicaes *suidá*, a *saudá*, aos quaes, por supposição, daremos *origem arabe*.

Se, acompanhando opinião generalizada, aceitaremos o latim *solitate* para étymo de *saudade*, explicado fica, e intuitivamente, que a terminação *dade* da palavra nada mais é que uma alteração do suffixo latino *tate*. Mas se tivermos de accitar étymo arabe *saudâ*, proposto pelo professor R. Basile, é certo que a questão se complicará bastante pela difficuldade que ha em se explicar como e porque o suffixo portuguez *dade* se adaptou ao referido étymo ou, melhor, á forma portugueza resultante de sua

alteração phonetica, para com esta dar em nossa lingua uma verdadeira *agglutinação hybrida* (radical de origem arabe e suffixo portuguez).

Para justificar a nossa affirmativa, começaremos por dizer que, se percorremos a longa lista de derivados do arabe que possuímos, não encontraremos entre elles nenhuma que tenha recebido o referido suffixo *dade*, que, aliás, como sabemos, por via de regra, se adapta a *adjectivos* para formar *nomes abstractos*.

Facto este que, até certo ponto, é contrario aquella supposta *agglutinação hybrida*, porquanto *saudâ*, sendo nome ou substantivo em arabe e tendo, como quer o prof. Basile, passado para o portuguez como *abstracto*, não necessitaria do reforço de *dade* para exprimir a abstracção.

Queremos, em termos mais claros, dizer que, se *saudâ* tivesse dado em portuguez, como seria possível, uma forma simples como p. ex.: *sauda* ou *saudá*, esta por si só poderia significar *saudade*, dispensando assim a junção dum suffixo ou de qualquer outro elemento formativo.

Realmente, podemos dizer que em nossa lingua as *formas primitivas* dos derivados arabe, isto é, aquelles que representam *resultados simples ou immediatos* das transformações dos respeitvos étymos, conservam *em geral* as significações ou expressões dos mesmos étymos.

Ha, sem duvida, muitos casos de addição de terminações e suffixos

portuguezes a *elementos radicaes* de origem arabe, mas estes casos não pôdem prejudicar os nossos argumentos, porque tal suffixação se dá de accordo com os processos naturaes de derivação da lingua ou tende a desenvolver as idéas principaes contidas no que convencionalmente chamamos aqui *formas primitivas de derivados do arabe*.

Exemplificamos: de arabe *ás-saut*; (3) o azorrague, o chicote, temos o primitivo *açoute*; constituindo-se em thema verbal, *açoute* deu-nos o verbo *açoutar*, donde o part. passado *açoutado*, que, por sua vez, é *radical de acontador, acontadura* (os dois ultimos pouco usados).

Citemos agora alguns casos em que os suffixos foram *directa* ou *imediatamente* daptados ás *formas portuguezas primitivas*.

Daremos primeiramente os etymos arabes com suas significações e em seguida as formas portuguezas resultantes das respectivas transformações phoneticas, e, por fim, os derivados por suffixação.

De *al-qas'r*, (3) o castello, o palacio, -alcacer ou alcaçar: alcacereiro, guarda de alcacer.

De *al-kjurj*, (3) a bolsa que se traz no arção da sella — alforge: alforgeiro, o que traz alforge.

De *al-qâ-id*, o que conduz, o que guia, o commandante, — alcaide: alcaidaria cargo ou dignidade da alcaide.

De *al-karrûba*, o alfarroba (fruto): alfarrobeira, arvore que produz a alfarroba.

Ora, como vemos, em todos esses casos de derivação propria, aos quaes poderiamos juntar innume-

ros outros, a suffixação desenvolve as significações ou modifica as noções dos vocabulos radicaes; e assim nenhum delles pôde ser equiparado ao accreccimo de dade ás formas hypothéticas de origem arabe *saudá* ou *saidá*, visto que tal accreccimo seria redundante por não implicar idéa nova ou conceito differente.

Seria, é bom repetil-o, pospôr a um nome que supponmos *por si só abstracto* um suffixo designativo de *nomes abstractos*.

Uma comparação que julgamos muito apropriada ao caso: é como se ao anglicismo "spleen", adoptado em nossa lingua, viessemos um dia a suffixar dade para formar a palavra *spleenidade* ou, apor্তুguezadamente, *esplenidade*...

Afastada assim a hypothese de tal suffixação, é claro que, a accertarmos as palavras arabes em estudo para etymos de *saudade* e de suas variantes antigas, havemos de admittir que ellas deram em portuguez algumas *formas simples, que teriam existido num certo tempo*; mas isto, naturalmente, só se poderá provar pesquisando os antigos documentos da lingua.

(4) Com *ç* figuramos o *qâf*, brusca explosão guttural semelhante ao som *k*, porém mais forte que elle e peculiar das linguas semiticas; *t'* representa o *t'â*, que equivale a um *s* duro ou emphatico; *kh* equivale a um *t* duro ou emphatico; *s'* representa o *s'ad*, que equivale a um *s* duro ou emphatico; *kh* transcreve o *khâ*; *hh* transcreve o *hha*, fortissima aspiração ou, seguindo outros, expiração que só se pode apanhar de outiva e que não deve ser confundida com a aspiração do *h'a*, que vemos em *h'amza*, e que é muito mais fraca que ella.

Mas, se é que existiram, quaes poderiam ter sido essas formas ?

As que acima conjecturámos ou quaesquer outras ?

Sempre no terreno das hypotheses, vamos estabelecer um confronto que, pensamos, poderá ser de bom auxilio no esclarecimento da questão.

Tomaremos algumas palavras

arabes que, terminando tambem em *â*, passaram para o portuguez; em seguida daremos adiante de cada uma dellas as formas portuguezas resultantes das respectivas transformações; e, por fim as *formas hypothéticas e comparativas*, que deveriam ou poderiam ter dado *saudâ*, e *suaidâ*.

Formas hypothéticas correspondentes

De <i>al-hhinnâ</i> , (3) a planta que serve para tingir de vermelho—alfena (com o mesmo sentido)	<i>sauda</i> — <i>suaida</i>
De <i>as saqqâ</i> , o acarretador de agua, o que rega os campos — açacal (aguadeiro)	<i>saudal</i> — <i>suaidal</i>
De <i>al-kisâ</i> ., a vestimenta, o traje, — <i>alquicé</i> ou <i>alquicel</i> (capa mourisca)	<i>saudel</i> <i>suaidel</i>
De <i>al-bannâ</i> ., o architecto, o constructor, — <i>alvanel</i> ou <i>alvenel</i> (pedreiro que trabalha em alvenaria)	<i>saudel</i> — <i>suaidel</i>

Pensamos, pois, que esses modos de alteração, em portuguez, do final *â* das palavras arabes juntos ás considerações que fizemos relativamente aos casos de derivação propria constituem fortes argumentos que, como dissemos, poderão prejudicar a hypothese do professor Basile.

Mas, para haver coherencia com o exposto na primeira parte deste modesto estudo, vamos agora, em retrospecto, procurar demonstrar em que contingencias *saudâ* e *suaidâ*, convertidos, respectivamente, nos radicaes *saud* e *suid*, poderão ter influido na formação de *saudade* e de suas variantes antigas.

Para isso formularemos hypotheses e faremos comparações que envolverão simultaneamente, não só as questões relativas á origem latina da palavra, como o caso

agora aventado da possibilidade da origem arabe.

QUANTO A' FORMA

1. *Origem latina, incluindo-se implicita e intuitivamente o suffixo "dade"*.

1. Formas antigas "soedade" e "soidade". Segundo opinião geral, do latim *soletate*, através de *soledade*.

Convem notar aqui que Madureira Feijó, em sua "Orthographia explicada" cita "solidade" como erro de pronunciação, dizendo a respeito: "*Soledade*, por uso universal, e não *solidade*; mas dizemos *solidão* e não *soledão*". Se assim fôr, está visto que *solidade* melhor que *soledade* (donde "*soedade*") explicará a forma "*soidade*".

Aliás, em apoio do caso, ha

solidão (do latim *solidão*) e não *soledão* que, conforme observa Feijó, não se dizia em seu tempo.

Entretanto, segundo Constancio, houve também essa forma *soledão*, que está registada em seu Dicionário (V. 10.^o ed.) e então poderemos resumir as coisas da seguinte maneira :

Latim *solitute*, port. *solidade* (f. pop. cit. por Feijó), “*soidade*”.

Latim *solitute*, port. *solidade* — “*soedade*”.

Para confrontos :

Latim *solitudo*, port. *soidão* f. ant “*soidão*.”

Latim *solitudo*, port. *soledão* (Dice. de Constancio). — Falta uma forma *soedão*, que, se tivesse existido, seria comparavel a “*soedade*”.

2. *Origem arabe “só quanto aos radicaes” por havermos calculado que a terminação “dade” é suffixo portuguez.*

II. *Forma antiga “suydade”.* Houve também “*suydade*” não sabemos se antes ou depois de “*soedade*” “*soidade*”.

Para étymo dessa forma, achamos razoavel o arabe *suaidâ*, que, como dissemos, poderia ter sido pronunciado pelos arabes da Espanha., *sueidâ*. e até *suidâ*; daqui *suyda* e depois, com o suffixo, *suydade*, posteriormente contraído “*suydade*”.

Está claro que a aceitação desta hypothese equivale a confirmar a etymologia arabe, isto é, a negar origem latina das tres formas antigas “*soedade*” “*soidade*” “*suyda-*

de”, porque o radical *suyd* facilmente poderia ter-se transformado em *soid* e *soed*.

III.—*Forma “saudade.”* Segundo opinião geral, também tem sua origem em *solitute*, e assim será uma variante de *soidade*, que é forma mais antiga. Mas como ha difficuldade em se explicar a transformação do ditongo *oi* em *au*, alguns duvidam que essas formas tenham origem commum.

Carolina Micheelis, p. ex. conjecturou que *saudade* deveria ter apparecido sob a influencia de *sau-de*, *saudação* *saudar* (de *salutare*) etc. Entretanto, agora o prof. Ragy Basile, julgando ser a palavra de origem arabe, propõe para ella o étymo *saudâ*., cuja primeira syllaba parece indicar que na formação de *saudade* não houve, de facto, a referida transformação de *oi* em *au*, mas sim a influencia de elementos estranhos aos de origem latina.

Tratando do caso, admittimos a sua possibilidade, *mas só quanto ao radical da palavra*; e nesse pre-supposto teriamos, com a hypothetica addição da *dade*, a seguinte evolução: *sauda*, *saudade*, e, contraídamente, *saudade*. Para confronto, temos o adj. *saudoso*. no qual, á primeira vista, parece que o suffixo *oso* foi adaptado directa ou immediatamente ao radical *saud*, e assim os que opinarem pela origem arabe da palavra poderão, combatendo nossas duvidas, obejectar que a mesma coisa poderia ter-se dado com relação ao suffixo *dade*.

Mas, por sua vez, os que continuarem a optar pela origem latina poderão dizer que *saudoso* é forma contraída de *saudadoso*, da mesma forma que *caridoso* e *idoso* são formas contraídas de *caridadoso* e *idadoso*. Cap. o esp. *soledoso*, de *soledad*.

Tendo estudado as coisas sob o ponto de vista das formas ou dos elementos phoneticos dos vocabulos que se apontam como étymos *saudade*, vamos agora tratar das significações destes e confrontal-as com o sentido de nossa incomparavel palavra.

QUANTO A' SIGNIFICAÇÃO

1. *Origem latina*—*Saudade*, f. contr. de *soledade*, do lat. *solitas*, — *tis*.

“Magnum lexicon” — *Solitas* — Acc. ap. Non. a *solidão*, o *retiro*. — antiq. “*Dicc. de Santos Sarai-va*—*Solitas* (incluida entre as palavras de mau cunho), de *solus*. Tert. *Unidade*. Att. *Solidão*, *desamparo*, *abandono*, *deixação*. Apul, *Solidão*, *retiro*, *logar secreto*”.

Significações do deriv. port. *soledade*, tiradas dos dictionarios de Const., Aulete e C. de Fig.: *Solidão*; falta companhia; estado de pessoa que está só; *tristeza* de quem está só ou abandonado; a *saudade* que acompanha a pessoa que se acha solitaria; *saudade*; logar ermo ou solitario.

Significações de *saudade*, geralmente considerada como alteração de *soledade*, tiradas dos mesmos dic-

cionarios: *pesar*, *magua*, causada pela ausencia do objecto querido; lembrança triste e suave de pessoa ou cousas distantes ou extintas e desejo de as tornar a ver ou possuir; nostalgia.

Ora, como sabemos, em latim *solitas* é, por assim dizer, synonymo de *solitudo*, visto que esta palavra significa tambem logar deserto, ermo, retiro, soledade, desamparo, etc.

Solitudo ou, melhor, *solitudine*, deu-nos *solidão*, que, de accordo com o que vimos no latim continua a ser entre nós synonymo ou quasi synonymo de *soledade* (de *solitate*).

Podemos, portanto, deduzir desses factos que em portuguez a significação de *solidão* estacionou, se nos permitem dizer assim, ao passo que a de *soledade* se foi dilatando e, por natural translação, passou a exprimir tambem tristeza de quem está só ou que acompanha a pessoa que se acha solitaria — e até, em alguns casos, *saudade*, conforme o attestam as definições dos dictionarios.

Mas o curioso é que tal dilatação ou traslação de sentido acompanha depois, parallelamente, a série de transformações phoneticas soffridas por *soledade* e da qual já falámos tanto (*soedade*, *soidade*, *suydade*) e que, parece, tem seu fim em *saudade*, com as significações conhecidas.

Assim, podemos suppor que *soledade* já havia adquirido novas idéas ou novos conceitos capazes de leval-a definitivamente a significar *saudade*, embora sob formas diffe-

rentes e resultantes de sua corrupção phonetica. Realmente, a *tristeza* do solitario, do abandonado, do que se acha em logar ermo pode vir a despertar-lhe a *lembrança* triste e suave do objecto querido, o *pesar* e a *magua* que lhe causa a ausencia deste e, em summa, a *saudade* — as *saudades* . . .

2 — *Origem arabe, baseada na significação dos étymos arabes propostos pelo professor Ragg Basile.*

Um simples retrospecto de tudo quanto dizem os dictionarios da lingua arabe relaticamente ás significações das palavras *saudâ*, e *suaidâ*; leva-nos a pensar que ellas não se prestam para étymos de nossa palavra *saudade* ou de suas formas antigas bem conhecidas.

De facto, difficilmente um vocabulo que significa em arabe atrabilis, melancolia, bilis negra, hypochondria, poderia ter passado a exprimir em portuguez os varios sentimentos contidos em nossa privilegiada palavra.

Quanto ao sentido moral, poderia, quando muito, vir a significar, como se deduz das propriaspalavras do prof. P. Basile, “profunda tristeza, tristeza amarga”, que é, claro, não pôde ser comparada á *saudade*.

Aliás, isto é confirmado pelas definições que os dictionaros arabes dão para os diversos cognatos de *saudâ*, e *suaidâ*., a que atrás nos referimos. Definições que, como vimos, envolvem unicamente as idéas de “doença, mal physico, tristeza amarga, enfado”, etc.

Os substs. *suâd*, molestia do figado; *musúadda*, maus dias. O adj. *saudâiúy*, melancolico, bilioso. Os verbos: *saudana*, deixar alguém de mau humôr; *tasaudana*, estar de mau humor, etc., etc.

Em vista disso, e já que achamos pouco provavel a agglutinação do suffixo *dade* aos suppostos radicaes de origem arabe, antes da qual deveriamos ter tido em portuguez formas simples como *sauda*, *saudal*, *saudel*, *suâda*, *suaidal*, etc., é claro que opinamos pela pouca probabilidade de serem *saudâ*, e *suaidâ*, os verdadeiros étymos de *saudade* ou de suas formas antiquadas.

Todavia, tomadas as cousas exclusivamente sob o ponto de vista da phonetica, essas palavras arabes poderiam ter concorrido para a modificação dos radicaes *soid* e *soed*; *suidâ* (por *suuidâ*.) com relação a *suydade*, e *saudâ*, com relação a *saudade*.

Como vimos, para a modificação *soid*, *saud*, Carolina Michaelis admittiu tambem a influencia de *sau-de*, *saudar*, etc.

Ha, pois, nesse particular, mais uma conjectura que poderá ser tomada em consideração: a que admite a intervenção de elementos de origem arabe.

O exm.º sr. dr. João Ribeiro submeteu a hypothese lançada pelo prof. R. Basile apreciação e critica “dos glottologos”.

Não como glottologo, mas como um simples curioso do assunto, enviamos ao grande mestre estes subsidios, esperando que nelles haja

qualquer coisa de aproveitavel para a elucidação do caso.

Assim seja, e não teremos perdido o tempo que empregámos para fazer estas despreziosas considerações.

Da "Revista da Lingua Portuguesa".

S. Paulo, 19 de Dezembro de 1927.

José B. d'Oliveira China.

Função da escola

Hygino Bello

A escola é o centro de luz que se irradia na formação social.

Hoje, á luz dos progressos da Pedagogia em seus multiplos aspectos, temos a escola como centro principal da formação e do aperfeiçoamento educativo do menino para preencher perfeitamente no dia da amanhã a missão do homem social de nossos tempos.

Admittir-se ainda que a escola tem a função privativa de instruir, de formar a mentalidade do menino, será substituir a causa pelo princípio, a obra pelo artista.

A escola representâ em nossos dias uma instituição social tão intimamente ligada, aos destinos e ao progresso de um paiz, de um povo, de uma nacionalidade, que a sua função perfeita tem de corresponder aos multiplos reclames que a vida social exige em nossos dias. Ensinar é robustecer a intelligencia, formar os talentos, illuminar o espirito. Mas, si a missão da escola fosse somente ensinar, fazer a aprendizagem nos livros ou nas lições dos mestres, necessariamente colheriamos nesse trabalho intenso as grandes mentalidades, os grandes talentos, que representarão no dia de amanhã tão sómente centros de luz, homens talentosos, instruidos no grande se-

nario da vida humana, sem outra irradiação na grande personalidade humana.

Teriamos uma sociedade de sabios, de talentos, de homens instruidos, mas a sociedade, a patria, a humanidade não poderiam contar com a sua perfeição, com o estabelecimento das instituições, com a sua garantia, porque lhes faltavam os alicerces de sua organização social, a moral.

Ainda, si a escola tivesse a missão somente de formar os talentos, creando as mentalidades de nossa patria, ainda assim faltaria á sua missão civilisadora, porque preparava uma nacionalidade educada intellectual e moralmente, votada ao desprezo de sua cultura physica, procurando dirigir o edificio social, sem o preparo conveniente do terreno em que seriam lançados os alicerces para a sua perfeita consolidação.

E' sob este triplice fim, educar physica, intellectual e moralmente os alumnos que a escola de nossos dias tem a sua missão social. Ella representa a solução de continuidade entre o lar e a vida publica. Si a vida nos impõe deveres e obrigações que norteiam a missão social que desempenhamos, tambem nos cerca de todos os meios com que recciamos o espirito, amenisando-nos as attribuições do trabalho. No lar,

na vida ainda de inconsciencia reflectida, a creança assimila conhecimentos de solidariedade na familia ; na escola, vae ella, ainda tendo sua consciencia irreflectida, ter o apprendizado da vida social, vae á proporção que as responsabilidades vão se formando, á medida que a vida se lhe apresenta, não como o apanagio sómente do riso e da satisfação, porém, como a sequencia de deveres e obrigações, de necessidade de contemplar horisontes mais vastos, vae entrando na vida de consciencia reflectida e as primeiras obrigações e os primeiros deveres vão representando a aspiração de um idéal, que o preoccupa na consciencia de seus collegas.

E' justamente o tempo da exclaridade, portanto, a quadra propria das adaptações, de formação da personalidade de homem do futuro, completo, capaz de representar uma parcella poderosa no grande organismo social, na creança de nossos dias.

Essa formação é justamente a grande missão da escola, que representa o poderoso factor do futuro social.

N'uma atmospheria de amor e de carinho, sua missão se desenvolve.

O menino precisa ter impressões que lhe fallem ao espirito e ao coração ; sensações que se orientem, que se encaminhem, formando as sensações, finalmente fixando mais particularmente em sua consciencia, formando o sentimento, a mentalidade propria. N'estas condições, tem a escola a grande responsabilidade de futuro social ; de facto, si o professor mente a sua missão, esquece-se de que é um sacerdote on desempenho de uma missão altruistica e não um florão de destaque que a munificencia de erario publico ampara.

Sim, não estamos mais na epoca em que encarava a escola, como uma casa de oppressões e de terror.

O professor moderno é o psychologo perfeito, traçando na grande engenharia social as arterias de progresso, rasgando as intrincadas matagens e abrindo as avenidas por onde as gerações de hoje têm de penetrar no vasto scenario de progresso mundial, estudando e orientando a mentalidade do menino para o perfeito desempenho de sua missão.

PLANOS DE AULA

José Escobar

PLANO DE AULA SOBRE RECTANGULO

I — PREPARAÇÃO

PREPARAÇÃO MATERIAL

1 — *Materia individual* — Cada alumno deve ter :

a) *Material commum*: papel de calculo, lapis, borracha ;

b) *Material especial* : regua metrica, compasso, transferidor, esquadro, solidos geometricos.

2 — *Material colectivo* — O professor deve trazer :

a) *Solidos geometricos* para o estudo de rectangulo: prismas de qualquer base (triangular, quadrangular, exagonal, etc.); paralelepipedo, cubo: pyramides de base rectangular ; cylindro desenvolvido. Outros solidos, cone, esphera.

b) *Papel-cartão* com fórmula de

quadrilateros : parallelogrammo, rectangulo, quadrado, losango, trapezio e trapezoide.

3 — *Tactica escolar* — Ponham sobre a mesa o material indicado para a aula de geometria—Posição de atenção !

4 — *Disciplina* — Prevenção — Cada vez que o professor fôr explicar, fazer perguntas collectivas á classe, attender a uma pergunta, etc., deve primeiro se certificar de que não ha nenhum alumno distraído em conversar, em escrever, em consultar caderno ou livro, em brincar com o lapis, etc.; e depois mandar cessar a causa da distração.

PREPARAÇÃO MENTAL

5 — REVISÃO :

a) Que é corpo ? Mostrem-no. Esta folha de papel-cartão é corpo ?

b) Que é superficie ? Mostrem-na. Passem a mão sobre a superficie deste cubo; sobre outra; outra. Quantas superficies tem este cubo ? esta pyramide ? este prisma exagonal ? esta esphera ? este cone ? esta folha de papel ?

c) Que é linha ? Mostrem-na. Passem a mão nas linhas destes polyedros; deste cone.

d) Que é ponto ? Mostrem-no. Ponham o dedo nos pontos destes polyedros.

e) Venha um fazer a synopse.

6 — a) Como se classificam as superficies quanto aos lados ? Que é polygono ? Mostrem.

b) Quaes são os polygonos ? Venha cada um desenhar um polygono differente. Como se chamam as

rectas que limitam um polygono ? Digam que polygono é a face deste solido; e deste ? e deste ?

7 — Que superficie é o quadrilatero ? Mostrem-no nos solidos e na sala de aula.

b) Que são perpendiculares ? e obliquas ?

9 — Que são parallelas ? Mostrem-no nos solidos e em outros objectos.

10 — Que é linha horizontal ? vertical ? inclinada ?

II — INDUÇÃO

ACTIVIDADE MANUAL

11 — a) Tracem nos seus papeis uma horizontal; com o esquadro levantem nas extremidades duas perpendiculares iguaes; liguem os extremos dessas perpendiculares.

b) Venha um fazer o mesmo no quadro-negro. Ponha letras. Copiem-nas.

OBSERVAÇÕES GERAES :

12 a) — Que superficie é esta ?

b) Que vêem neste quadrilatero ? (lados, angulos). Vamos analysal-os.

BASE :

13 — a) Como se chama a parte em que se assenta uma casa ? (base).

b) Qual o lado em que assenta este quadrilatero ? (af). Como se chamará ? Qual é a base delle ?

ALTURA :

14 — a) Meçam com a regua metrica a menor distancia do lado superior á base. Tracem-na e ponham-lhe letras.

b) Essa menor distancia é a altura. Que é a altura ?

IGUALDADE DOS LADOS :

15 — a) Meçam os lados ab e cf. Que notam ? (são iguaes).

c) Como é, pois, esse quadrilatero quanto aos lados ?

PARALLELISMO DOS LADOS

16 — a) Meçam as alturas de seus quadrilateros; quanto deu ? Meçam-nas mais adiante; quanto deu ? Mais adiante; quanto deu ? Que notam ? (são iguaes).

b) Quando duas rectas guardam a mesma distancia, que são ? (parallelas).

17 — a) Meçam a menor distancia entre outros dois lados; quanto deu ? Meçam-na mais para cima; quanto deu ? Mais acima; quanto deu ? Que notam ? Como são esses lados ? (parallelos).

18 — Nesse quadrilatero, que já haviam notado quanto aos lados ? (eram iguaes dois a dois). — E agora ? (são parallelos dois a dois).

IGUALDADE DOS ANGULOS — ANGULOS RECTOS

19 — a) Meçam os quatro angulos com o transferidor; quanto deu ?

b) Que notaram ? (são iguaes). Que angulos são estes ? (rectos).

RESUMO

20 — Como é esse quadrilatero : quanto aos lados ? quanto aos angulos ?

COMPARAÇÃO

21 — a) Comparem o seu quadrilatero com este (mostrando um losango).

b) Quanto ao tamanho dos lados ?

c) Ao parallelismo ?

d) Quanto aos angulos ?

22 — Comparem-no a este (um trapezio).

23 — A este (um quadrado).

24 — A este (outro rectangulo).

25 — A este (parallelogrammo obliquangulo).

GENERALIZAÇÃO

26 — a) Distribue á classe, cartões rectangulares de varios tamanhos.

b) Examinem e meçam as superficies desses cartões.

c) Como são esses quadrilateros quantô aos lados ? e aos angulos ?

INDUÇÃO DA DEFINIÇÃO

27 — a) Essas superficies, esses quadrilateros, se chamam rectangulos.

b) Que é rectangulo ?

RETENÇÃO

28 — a) Repita a definição cada alumno da 6.^a fileira; da 3.^a fila; da 2.^a fila.

b) Todos a repetem em surdina.

29 — a) Venha um escrevel-a no quadro negro. (Corrija a orthographia).

b) Copiem-na nos papeis.

III DEDUÇÃO

VERIFICAÇÃO

30 — a) Que superficie é esta ? (mostrando cartão).

b) E esta ? (mostrando a de solidos).

c) E esta ? (mostrando objectos: lousa, livro, carteira, vidraça, tabôa).

EXEMPLIFICAÇÃO

31 — Que mostra um rectangulo :

a) Nos cartões ?

b) Nos solidos geometricos ?

c) Nos objectos da sala ?

32 — Dêem exemplos de rectangulos em objectos conhecidos.

CONSTRUCÇÕES

33 — a) Tracem uma recta de um decimetro.

b) Que angulos são os do rectangulo ? (rectos). Façam com o esquadro angulos rectos nas extremidades.

c) Seja a altura 8 centimetros. Que é preciso para que os lados sejam parallelos ? (guardar a mesma distancia). Marquem então a mesma altura. Liguem-nas.

d) Que superficies fizeram - vocês ? (rectangulos). Por que ?

IV — APPLICAÇÕES EDUCATIVAS

Educação do raciocinio

PROBLEMA

34 — a) Um quadrilatero tem os lados iguaes e parellelos dois a dois. Esse quadrilatero é um rectangulo ?

b) Um quadrilatero tem os angulos rectos ; como devem ser os lados ?

c) Que superficie é um quadrilatero que tem 4 angulos rectos e 4 lados iguaes ?

PROBLEMAS NUMERICOS

35 — Si um lado do rectangulo medir 0,12 e outro 0,18, quanto medirão os que lhe ficam oppositos ?

EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

EDUCAÇÃO VISUAL

36 — a) Façam um rectangulo a mão livre ;

b) — Façam outro cuja base seja o dobro. Outro, cujas bases e al-

turas sejam o dobro. Verifiquem com regua metrica.

c) Qual o rectangulo que é o dobro do outro ? que é quadruplo ?

37.º — a) Outro cuja base seja a metade; cuja altura seja a metade; cujas base e altura sejam a metade. Verifiquem.

b) Que é o 1.º rectangulo em relação ao 2.º ? (metade) ; ao 3.º ? (metade) ; ao 4.º ? (4.ª parte).

38 — a) Olhem estes dois rectangulos: qual a relação entre suas alturas ? entre suas bases ? E entre suas superficies ?

b) Qual destes rectangulos é o triplo deste ? O quintuplo ? o quadruplo ? o duplo ?

EDUCAÇÃO MOTORA

39 — a) Na aula de modelagem, façam solidos geometricos de faces rectangulares; de base rectangular; de base e faces rectangulares.

“SLOYD”

40 — a) Na aula de marcenaria, façam caixinhas com faces rectangulares.

b) Façam mesinhas, camas, armarios.

EDUCAÇÃO ESTHETICA

CULTURA DA IMAGINAÇÃO

41 — a) Na aula de desenho, façam ornatos, cujos motivos sejam rectangulos. Exemplo :

b) Aproveitem esses ornatos para illustrar seus cadernos ou para fazer frisos nas caixinhas; si são meninas para fazer bordados.

EDUCAÇÃO DA OBSERVAÇÃO

INVESTIGAÇÕES LOCAES

42 — a) Vejam em casa que fór-

ma têm os compartimentos, os móveis, o terreno.

b) Que objectos têm fôrma de rectangulo ?

c) Em que e porque se prefere essa superficie ?

EDUCAÇÃO MORAL

(Associação affectiva)

AMOR AO TRABALHO

43 — a) Não viram nunca, nos jardins, nas hortas, algum rectangulo ? um canteiro com fôrma de rectangulo ?

b) Pois ha rectangulos floridos : outros ha, cobertos de verduras. Nos nossos sitios e fazendas, ha muitos desses rectangulos; dahi saem o arroz, as verduras, as flôres, as plantas medicinaes, o nosso alimento, a riqueza da patria.

c) O Brasil quer que o brasileiro não abandone a lavoura, esses rectangulos fertes que fazem a sua fortuna. E Deus abençoá o trabalho.

RESPEITO AOS TRABALHADORES

Quem puder, desde menino, cultive ao menos um canteiro, um rectangulo florido; si de todo não fôr possível, admirem, respeitem, e amem aquelles homens bons, de mãos callosas, que sob o sol e a chuva fazem a grandeza do Brasil e a felicidade de todos, cultivando esses grandes rectangulos de nossas fazendas.

EDUCAÇÃO CIVICA

(Associação affectiva)

44 — a) Ha ainda um outro rectangulo, que devem conhecer e

amar, guardando bem no fundo do coração.

b) Levantem-se todos. E' este rectangulo côr de esmeralda, desta bandeira linda.

c) A bandeira é o symbolo de uma patria: e esta bandeira maravilhosa representa o Brasil — a patria mais feliz entre as patrias felizes !

PLANO DE AULA SOBRE PREPOSIÇÃO

Preparação material

MATERIAL INDIVIDUAL

1 — Cada alumno terá : lapis, papel, borracha e livro de leitura adoptado.

PREPARAÇÃO MENTAL

REVISÃO

2 — a) Que palavras indicam ser ou substancia ? (Pronome e substantivo).

b) E indicam accção ?

c) E modificação ? (adjectivo e adverbio.)

d) Quaes as palavras variaveis ? E as invariaveis ?

3 — a) Diga uma sentença com um substantivo. Qual é o substantivo ? Que é substantivo ?

b) S., diga uma com adjectivo. Qual é elle ? Que é adjectivo ?

c) V., diga uma com um verbo. — Qual é ? Que é verbo ?

d) J., diga uma com pronome. — Qual é ? Que é pronome ?

e) F., diga uma com adverbio. — Qual é ? Que é adverbio ?

EXPLICAÇÃO PREVIA DE TERMOS

4 — a) Desenhem em seus papéis dois bondes separados. Liguem-nos. Como ligaram ? Que é ligar ?

b) Para fazer um muro basta superpôr os tijolos ? — Que é que os liga ? (a argamassa).

c) Dêem synonymos de ligar (unir, atar, juntar).

HISTORIETA

5 — Alice, minha irmã, ia passar estes feriados com minha tia, em Santos, e escreveu um telegramma. Mas não podendo passal-o pois o telegrapho já estava fechado, mandou uma carta expressa com as mesmas palavras.

ACTIVIDADE MANUAL

6 — F., venha escrever o telegramma e a carta, que todos vão copiar.

TELEGRAMMA

“Foi impossivel seguir trem noite. Diga Titia desculpar. Abraçe Alice”.

CARTA

“Foi impossivel seguir por trem á noite. Diga a Titia para desculpar. Abraço de Alice”.

OBSERVAÇÃO E COMPARAÇÃO

FALTAS DE PALAVRAS

7 — a) Observem a 1.^a sentença do telegramma. Está unida ou separada ? (separada). — Está com-

pleta ? (não). Comparem-na com a primeira da carta. Que palavras faltam ? (“por”, “da”).

b) Comparem a segunda. Está ligada ou desligada ? (desligada). Que falta ? (“a”, “para”).

c) Comparem a terceira — Que falta ? (“de”).

OBSERVAÇÃO E COMPARAÇÃO

FALTAS DE PALAVRAS

7 — a) Observem a 1.^a sentença do telegramma. Está unida ou separada ? (separada.) — Está completa ? (não). (“noite”).

b) E na segunda sentença, a palavra “a” ? (liga “Diga” a “Titia”). E “para” ? (liga “Diga” a “desculpar”).

c) E na terceira a palavra “de” ? (liga “Abraço” a “Alice”).

d) Qual a função, pois, de certas palavras ? (ligar, são ligadoras).

INVARIABILIDADE

9 — a) Substituíam, naquellas sentenças, os substantivos e verbos pelos mesmos no plural ou por outros no plural:

“Foi impossivel nós seguirmos por trem da noite. Diga a todos para desculparem. Abraços de Alice e Laura”.

b) — Que observaram com as palavras ligadoras ? Vão para o plural ? Têm flexão de genero, numero, grau, (modo) tempo, pessoa ? isto é, são variaveis ? (não; são invariaveis).

GENERALISAÇÃO

10 — a) Vejam se deve haver palavras ligadoras, invariáveis, nestas sentenças e completem-nas :

I — Estou S. Paulo.

II — Mario brinca bolinhas.

III — O Brasil esteve dominio portuguez.

IV — João chegou Pariz.

b) Quaes as palavras ligadas ?

11 — a) Vejam si ha palavras nestas sentenças e quaes são :

“Fui até Tremembé, ajoelhei-me ante o altar do Bom Jesus, para fazer uma prece com todo o fervor.”

“Gostaria de ver as lindas ruas do Rio, desde a praça Mauá até a praia de Ipanema, contra a qual batem as ondas do Atlantico”.

b) Quaes as palavras ligadas ?

INDUÇÃO DA DEFINIÇÃO

12 — A estas palavras invariáveis damos o nome de preposição. Que é preposição ?

RETENÇÃO

13 — a) Os alumnos das cartéiras impares vão repetir a definição, um por um.

b) Todos vão repetil-a a meia voz.

c) Um vem escrevel-a no quadro-negro e todos vão copial-a.

DEDUÇÕES

VERIFICAÇÃO

14 — a) Procurem nestas sentenças quaes as preposições e as palavras ligadas :

I — Entre as moitas e sobre os galos aves cantavam alegremente.

II — Comprei o chapéo por... 20\$000 e dei-o a Luiz.

III — Não vou com Raul até á cidade.

b) Procurem-nas na lição “A aurora”.

EXEMPLIFICAÇÃO

15 — a) Dêem exemplos de preposições que descobriram até agora.

b) Formem sentenças empregando as preposições, a, de, contra, até.

c) Formem sentenças com quaesquer outras preposições.

EXERCICIOS

16 — Substituam nestas sentenças os traços pelas preposições convenientes :

I — Chega-te — bons e serás um delles.

II — Ninguem deve ficar — os maus.

III — O vapor chegou — porto muito tarde.

IV — Elle se sacrificou — Patria.

RECAPITULAÇÃO

17 — a) Que é preposição ? E' variavel ? Que palavras liga ?

b) Façam uma lista de preposições.

INVESTIGAÇÕES EM CASA

18 — a) Procurem no livro de leitura quaes as categorias grammaticaes que a preposição liga : si dois substantivos, substantivo com pronome, dois pronomes, etc.

(Da “Educação” de S. Paulo).

CARTAS DA CIDADE



Minha amiga :

A sua carta veio arrancar-me de um grande embaraço e de qual ha dias procurava desvencilhar-me. O caso é o seguinte: matutava eu como e de que modo poderia satisfazer o desejo do Illustre Dr. Director Geral da Instrução que, tão fidalgamente, pede o auxilio intellectual das professoras para a REVISTA DE ENSINO que era circula em nosso Estado.

Estava, pois, a rabiscar algumas linhas para a Revista, quando a sua epistola trouxe o thema com o qual eu deveria encetar esta palestra e entreter as que a esta seguirão sob a epigraphe de — Cartas da cidade.

Bate você, minha cara, á porta de minha experiencia professoral.

Recorre-se, diz você, ao precioso cabedal de meus conhecimentos.

Pede a minha ajuda, os meus conselhos, allegando o ser noviça na grande missão que vem de abraçar.

Concordo com o motivo acima exposto, discordando, porém, do valioso conceito que de mim faz.

Estou velha e cansada. Além disso, os minutos de minha vida são tão fatigavelmente preenchidos, que me não sobra tempo para folhear os tratados da Pedagogia moderna. Felizmente, uma pleiade de moças fortes e novas, está ahi para proseguir a obra grandiosa de ensinar e educar.

E eu, minha amiga, tenho o prazer de colloca-la ao lado das intelligentes, das trabalhadoras, daquellas que deixando

atrás os velhos preconceitos, seguem, confiantes, o novo caminho, traçado para o soerguimento das gerações vindouras.

Muito tem a esperar de você a Instrução. Moça, forte e cheia de vontade, corresponderá, de certo, a expectativa de seus superiores que veem em você uma fervorosa propagadora da bella causa.

Não se atormente e nem se amofine com os empecilhos que surgirão á sua frente. Com perseverança, remove-los-á a outra margem. Sobretudo, não se deixe dominar pelos aborrecimentos diarios, e não desfaça os sonhos acalentados durante os quatro annos de Escola Normal. Ai, de você, se deixar fenecer as illusões tão caras á sua missão! Ellas representam as lindas miragens de nossa caminhada. Segui-las sempre e sem cansaço, até o ponto visado, eis o que nos cumpre a fazer. Dirá você — são divagações de uma velha penitente. — Não, minha amiga, as illusões foram um dôce viatico ás minhas cancelas.

Ter-se a illusão de que o alumno A. se corrigirá, que os seus defeitos serão extirpados, e que o seu progresso dependerá de nossa peiencia e de nossa tactica, é uma illusão bellissima esta, que arrancará de nós mesmas a seiva necessaria para se não deixar morrer. E, assim, veremos em pouco a nossa illusão transformada em consoladora realidade.

Mas, se em vez de afagar esta illusão, a professora a despresa e a joga fóra, como inutil á sua obra, ai della! porque todo o seu edificio ruirá. A's decepções quotidianas encontradas no desempenho de

ses deveres, virá, em breve, o pessimismo que destruirá a sua bôa vontade e mostrará (falsamente) a nullidade dos seus bons propositos.

E, falando com sinceridade, digo-lhe, minha cara, que as illusões são necessarias á nossa vida de educadoras, pois, foi as-

sim que a sua velha amiga alcançou a meta desejada, sem tibieza e desfalecimentos.

Effectuosamente, a sua

MARIA HELENA.

Methodo Montessori

Traduzido do espanhol, especialmente para
a "Revista de Ensino"

M. DE POEW

(Continuação)

IV

Como a senhora Montessori conduz a creança a usar de sua liberdade sem prejudicar as dos outros.

Quando, depois de reler o programma—typo das escolas publicas belgas, que apesar de datar de 1890, conserva valor real,—se penetra n'uma escola publica, surpreende-nos a enorme distancia que separa a theoria da pratica.

"O menino, diz discretamente o programma, não é chamado á escola publica para permanecer *inerte* durante largas horas, para receber alli *passivamente* lições, para ouvir *machinalmente* advertencias e exhortações. Deve mover-se; deve agir sem cessar, não sómente pondo em jogo seus membros e suas forças physicas, sinão tambem exercitando as faculdades do espirito e manifestando os sentimentos do coração."

Eis a theoria. Realmente, as pobres creanças estão collocadas umas junto ás outras sobre bancos, em largas fileiras, alli se devem manter quietas, não abandonar seu lugar e executar trabalhos; todo menino, assim, os de tres como os de seis annos, agrade-

lhes ou não, interesse-lhe ou não e respondam ou não ás aspirações naturaes de sua natureza.

A *actividade livre* é calorosamente re commendada ás professoras, porém, não é praticada na maior parte das escolas maternas.

A Snr.^a Montessori quer que nellas a liberdade reine, sem a qual nenhuma observação efficaz da creança podia ser praticada; os representantes da antiga escola, pelo contrario, revoltam-se contra esta idéa; partem do principio de que para "aprender", os meninos devem adoptar forçosamente a posição sentada e que é impossivel impôr a ordem numa escola de creanças livres.

Uma disciplina baseada na liberdade, responde á esta observação a eminente italiana, deve ser naturalmente *activa e actuante*.

Um homem obrigado a se conservar mudo como uma porta e immovel como uma esttua não se pôde considerar como *ordenado e disciplinado*. Este homem está aniquilado. Um homem é ordenado ou disciplinado quando, sendo capaz de se conduzir e guiar por si proprio, se conformar livremente á vida de que traçou. Um menino que aprende a se mover, em lugar de permanecer

fixo no banco, prepara-se para o futuro e transforma-se lentamente numa pessoa que, por habito, se conduz *correctamente* em todas as circumstancias e com especialidade na vida diaria.

O menino habitua-se assim a uma disciplina que não se exerce somente entre as paredes da escola mas seguindo-a por todas as partes na sociedade.

A liberdade do menino deve conhecer outros limites além do interesse commum. Deve traduzir-se por bôas maneiras e acções correctas.

Deve-se impedir á creança tudo que seja prejudicial ou desagradavel aos demais, ou ainda, o que pareça descortez ou inconveniente. Tudo mais, tudo que tende a um fim util — qualquer que seja a sua expressão — deve ser tolerado na creança e absorvido pelo professor.

A applicação do systema Montessori exige do pessoal uma paciencia de anjo, um grande respeito pelo phenomeno a observar e a consciencia de uma objectividade perfeita nas comprovações. Na escola maternal, sobretudo, onde se trata de surpreender as primeiras manifestações espontaneas da vida physica, estas condições são da mais alta importancia. Como não seria possivel descobrir a consequencia de um acto espontaneo, se o suffocamos no proprio momento em que se vae produzir? Devemos *favorecer*, pelo contrario, a tudo que pôde contribuir para a plena expansão da vida.

Por isso se evitará com cuidado: 1.º o *comprimir todos movimentos espontaneos*; 2.º *fazer-o actuar por ordens*.

Os actos inuteis, prejudiciaes ou perigosos serão, naturalmente reprimidos ou evitados.

As mestras, sobretudo as que foram formadas segundo os antigos methodos não comprehendem o papel passivo que devem representar. Aprenderam a agir sempre por si proprias e a constituir o centro da

classe; pensam que sua tarefa deve consistir principalmente em suffocar as manifestações livres das creanças. Se, desde que entram em classe, os alumnos não guardam silencio ellas se queixam da desordem e querem fazel-o cessar em lugar de abrir muito os olhos para uma avida observação. Bem depressa distinguem, sem embargo, as acções que devem reprimir das que podem ser toleradas e que merecem ser estudadas attentamente, então sentem sua incompetencia e preguntam, assustadas, se a tarefa que lhes impõe não subrepuja suas forças.

A principio, as mestras, ou melhor, as directoras — porque nas Casas dos Meninos os pequenos podem ser *dirigidos* melhor do que ser *instruidos* — tendem a exigir das creanças a immobildade e o silencio, e olvidam *observar e distinguir* seus movimentos e acções. — A medida que estão mais bem preparadas seu interesse desperta e começam a admirar-se. As menos doptadas continuam marcando passos durante largos mezes.

Eis uma serie de exemplos de intervenções intempestivas por parte de jovem mestras ainda não iniciadas no systema. Tomamolas da edição franceza da *A Pedagogia scientifica. A Casa dos Meninos*, pela propria Snr.ª Montessori:

“Havia, por exemplo, um menino considerado como indisciplinado, um anormal. Começou, um dia, a transportar umas mezinhas com gestos de uma grande attenção. Ordenaram-lhe que estivesse tranquillo, porque fazia muito ruido; mas seu acto revelava uma primeira manifestação de movimentos coordenados para um fim pelo qual o menino manifestava suas tendencias; era por consequinte, um gesto util que precisava de ser respeitado.

“Occorria tambem ás vezes que, emquanto as directoras collocavam nas caixas os objectos utilizados, um menino se acercava dellas com evidente desejo de se apoderar

destes objectos utilizados, e imital-as. O primeiro movimento da mestra era mandal-o para seu lugar, dizendo-lhe como de costume: "Deixa estes objectos e volta a teu lugar".

Era um erro, porque a creança expressava com seu acto querer fazer uma acção util; triumphara, por exemplo, nos exercicios de ordem, de paciencia, etc. Outras vezes, os meninos se haviam reunido com ruido em derredor de uma tina cheia d'agua, na qual havia objectos fluctuantes. Existia na escola um menino de dois annos e meio; permanecia isolado e atraz dos outros e era visto animado por uma evidente e intensa curiosidade. Eu o observava ha muito tempo e com interesse; procurou primeiramente aproximar-se das outras creanças, empurrava-as com suas pequeninas mãos; depois comprehendendo que não teria forças para penetrar no grupo não renuncia a elle e olha em redor. A mimica muito expressiva do pensamento era interessantissima para ser observada naquelle rosto infantil. Se eu possuísse uma machina photographica teria apanhado esta expressão. Observou uma cadeira pequena e pensou, evidentemente, em collocal-a atraz dos meninos e subir nella. Surprehendi-a com o rosto illuminado pela esperanza; porém justamente n'esse momento, a mestra segura-o brutalmente pelos braços ou gentilmente, segundo o seu parecer e fel-o ver a tina por cima do grupo dos meninos, dizendo-lhe: "Vem queridinho, olha, tambem, tu pobresinho!"

Certamente o menino vendo os brinquedos fluctuantes, não experimentou o mesmo gozo que esteve a ponto de alcançar, suprimindo o obstaculo com suas proprias forças; e o ter visto estes brinquedos não foi para elle nenhuma vantagem, emquanto que, o esforço intelligente teria desenvolvido suas forças interiores. A mestra impede

ao menino educar-se por si proprio sem lhe dar, em compensação, nenhum bem.

Estava a ponto de alcançar uma victoria e encontra-se entre dois braços protectores, como um impotente.

Na sua carinha extingue-se aquella expressão de gozo, de anciedade e de esperanza que tanto me havia interessado e pintava-se a expressão estúpida da creança sciente de que outro agirá por ella.

"Quando as mestras se fatigaram com as minhas observações, começaram a deixar os meninos fazerem tudo o que queria; eu os vi com os pézinhos sobre a meza e com os dedos no nariz, sem que ellas intervissem para corrigil-os; vi outros que puxavam os seus camaradas violentamente sem que a mestra lhe fizesse a menor observação. Então tive que intervir, pacientemente, para fazer comprehendere a maneira rigorosa com que é preciso prevenir, e pouco a pouco suffocar os actos reprehensiveis, afim de que o menino possa adquirir um discernimento claro do bem e do mal . . .

"Numa sala em que todos os meninos estivessem em movimento, intelligente e voluntariamente, sem fazer nenhum acto incorrecto, me pareceriam muito disciplinados". Mais tarde os meninos podem estar dispostos em linhas, cada um num lugar determinado, com ordem de ficar nella. E' um primeiro passo para a educação e para a instrucção simultaneamente. Far-se-ão esforços para fazer comprehendere que isto acontece vale mais, que é mais ordenado, mais comodo e mais tranquillo; que a classe offerece assim um aspecto mais agradável. Então se manteria calmamente em seu lugar e este resultado ia sendo obtido em consequencia de uma especie de lição e não de ordem. Desde que comprehende isto, se habitua á ordem collectiva; e se depois, abandonam o lugar para dar uma volta, não agem involuntariamente

te, sinão com plena consciencia; quer dizer deixam o estado de repouso e de ordem, para realizar um acto voluntario, e como sabem que ha actos prohibidos, naturalmente são levados a ter conhecimento da differença entre o que está bem e o que está mal.

Assim os meninos aprendem a refletir a cerca dos seus proprios actos e a observação de sua maneira de ser quando passam dos *actos involuntarios* a seus primeiros *actos voluntariamente* ordenados; é da maior importancia para a directora, porque revelam nesta occasião uma especie de eleição entre suas tendencias pessoaes a qual antes não apparecia. E' notavel comprovar as differenças que se firmam, assim, entre os meninos, e notar as personalidades que se revelam. Ha meninos que ficam sentados nos bancos, somnolentos, apaticos, insensíveis; outros se levantam a cada momento, fazendo ruido, brigam, puxam os objectos; outros enfim, realisam um acto preciso, mudam de cadeiras para ficar mais bem sentados, vão contemplar um quadro ou ainda a escripta na pedra.

Vejam os por um instante que conclusões podemos obter destes pèquenos factos: os primeiros são retardados em seu desenvolvimento intellectual são quasi enfermos; para os segundos a formação do character está entretanto auzente; enquanto que os terceiros se apresentam como pequenos seres intelligentes, já adaptados ao meio, capazes de exprimir suas preferencias e suas inclinações, assim como fixar e dirigir voluntariamente a attenção em limites determinados. A idéa da liberdade não pode ser simples para um menino; não sómente porque o menino é essencialmente dependente de outro, sinão tambem porque a sociedade lhe põe innumeraveis entraveis. Um methodo de educação baseado na *liberdade* deve, pois, ajudar o menino a vencer estes obstaculos so-

ciaes que limitam sua liberdade, ou em outros termos o dirigirá para os caminhos da *independencia*.

Independencia — Um homem é tanto mais livre quanto menos sujeições conhece. As primeiras veleidades de acção que se revelam no menino devem, pois, ser empregadas na conquista desta independencia para a qual se dirigirá, de vento em poupa, desde seu nascimento. Até aqui dependia do seio materno; durante largos mezes todavia não pode prescindir do auxilio de outro; é incapaz de andar só, de vestir-se de lavar-se, de exprimir seus desejos. A' idade de tres annos poderia possuir, sem embargo, uma dose notavel de independencia. Vivemos num mundo em que a servidão reina como senhora. Prestar serviço a alguém é para nós, antes de tudo, realizar um acto de condescendencia de cortezia, de bondade. Servir a alguém contra a vontade deste chegaria ser sempre, ao menos até a um certo ponto attentar contra a sua propria independencia. Poderia dizer com desdem: "Eu não quero ser servido, porque não sou um debil." A primeira intervenção do educador na vida infantil, deve, pois, consistir, em auxiliar os pequenos na conquista da independencia: ensinar a caminhar-o sem outra assistencia, a subir e a descer as escadas, a apanhar os objectos cahidos, a despir-se e a vestir-se, a lavar-se, a exprimir claramente seus desejos, e experimentar o modo de satisfazer pessoalmente seus gostos. Desgraçadamente, temos a triste, a estúpida mania de servir aos meninos. Esta assistencia exagerada lhes é tão nefasta quanto a compessão de seus actos espontaneos uteis. Consideramos os meninos como se fossem bonecas. Esquecemos-nos de que, com frequencia o menino não actua simplesmente porque é incapaz de fazel-o; por isso, devemos *ensinar-lhe a agir*. Uma mãe que alimenta o menino e não ensina

a servir-se do colher, ou que não lhe mostra como se deve comer, não é uma bôa mãe; ataca a dignidade do filho. Trata-o como se fosse uma boneca e não um ser humano confiado a seus cuidados. A primeira maneira de agir é naturalmente mais comoda do que a segunda e exige menos tempo e paciencia. A primeira corresponde ao trabalho do servidor, a segunda é nobre, a primeira não é de ordem inferior sinão prejudicial. Aquelle que tem demasiados servidores se converte em seu escravo; seus musculos se atrofiam e a ociosidade lhe diminue o valor pessoal. Todo auxilio inutil e intempestivo aos meninos vae de encontro ao seu desenvolvimento racional e gera a tyrania que augmenta ao mesmo tempo que sua impotencia. Devemos, pois, esforçar-nos por transformar a geração que ascende, em *homens fortes*, quer dizer—*Independentes e livres*.

Quando chega um menino pela primeira vez á classe, a mestra o acolhe, com maior doçura porem não o aborrece com prevenções intempestivas: convida-o a sentar e lhe dá brinquedos, porém não se occupa mais delle. Se mostra má vontade se fica serio, finge não apereber.

O pequeno observa em silencio o ambiente que o cerca, estuda o meio, verifica as occupações de seus novos companheiros e depois de um dois dias e ás vezes, tres dias apenas se mistura com elles primeiramente como espectador e depois como autor. *Abolição das recompensas e dos castigos*. — A adaptação deste principio conduz naturalmente a suppressão das recompensas e dos castigos.

A unica recompensa que não decepciona jámais, é o sentimento do saber e do saber fazer, e o sentimento da liberdade interior. A senhora Montessori conta como ella e seus auxiliares poderiam convencer-se em muitas occasiões. Quando os meninos incomo-

dam a seus pequenos companheiros e recusavam ouvir ás advertencias, isolavam-n'os dos demais e submettiam-n'os a exames medicos, mesmo quando estivessem com saude. O menino assim isolado sentava-se em uma cadeira atraz de uma taboa e dispunha de brinquedos a seu gosto. Este isolamento era infalivelmente efficaz e produzia sempre mais sadios effeitos. O menino se acalmava visivelmnte; do seu lugar observava seus pequenos camaradas, via-os trabalhar, e as comprovações que fazia nesta occasião constituíam para elle uma lição mais efficaz que as palavras mais convenientes da mestra. Muito depressa notava que é muito mais agradável viver em bôa harmonia com os demais, e sem mais demora expressava o desejo de voltar para junto delles. Por este meio foi habituado á disciplina um grande numero de meninos que se mostravam intrataveis ao começo. Estes meninos isolados recebiam cuidados como se estivessem enfermos. Que se passava nestas almas jovens? Quem poderia descrevel-o? O certo é que com semelhante tratamento todos eram radicalmente curados.

Mostrava-se, por outro lado, orgulhosos com seu bello trabalho e com sua bôa conducta e demonstravam uma grande affeição a suas mestras.

V

A applicação do methodo Montessori e o material didactico especial.

Do ponto de vista do desenvolvimento physiologico e physichico do menino pode-se distinguir tres artes na techina do methodo :

- 1.º Desenvolvimento da função motora e o exercicio do systema muscular ;
- 2.º A educação dos orgãos dos sentidos;
- 3.º O desenvolvimento da linguagem. A educação do systema muscular não pede

aparelhos nem instrumentos especiaes; o mobiliario da casa dos meninos tem esta utilidade. Para a educação dos órgãos dos sentidos e o desenvolvimento da linguagem, a Senhora Montessori compoz, pelo contrario, um material didactico tirado em grande parte da obra dos sabios francezes Itard e Seguin. O material para a educação dos órgãos dos sentidos se compõe em parte de :

a) Tres series de dez cylindros suavemente deslizando em outros tantos buracos que perfuram tres blocos de madeira com cincoenta e cinco centimetros de largura oito de comprimento e seis de altura;

b) Tres series de corpos geometricos de dimensões crescentes que comprehendem :

1.º Cubos cõr de rosas.

2.º Parallelepipedos cinzentos.

3.º Duas series de dez parallelepipedós de tres centimetros; o mais largo mede um metro, e o mais curto um decimetro, e os outros diminuem progressivamente um decimetro. As taboazinhas da primeira serie têm uma cõr verde uniforme; as outras se dividem em decimetros com as côres azul e roxo alternadas.

c) Differentes corpos geometricos (prisma, pyramide, esphéra, cylindro, cone, etc.)

d) Uma colleção de diversos tecidos ;

e) Dois pedaços de madeira com as mesmas dimensões porém com pesos differentes.

f) Duas caixas que contenham cada uma sessenta e quatro taboazinhas, ao re-

dor das quaes se enrolam fios de lã e de sêda de oito tintas differentes cada uma com oito matizes quadradas;

g) Um pequeno armario com gavetas contendo fórmulas planas em caixas.

h) Tres series de cartões quadrados, sobre os quaes estão presas figuras geometricas;

i) Uma serie de caixas cylindricas faiçadas para a educação do ouvido;

j) Um duplo jogo de timbres musicaes; tabóas de madeira portacteis; pequenos discos para a indicação das notas;

Eis em fim o que se deve empregar no preparo da escripta e do calculo.

k) Duas carteiras de plano inclinado e muitas fórmulas de ferro para embutir ou encaixar;

l) Dois quadrados de cartão, sobre os quaes estão presas letras recortadas em cartão.

m) Um jogo de quadrados de cartão sobre os quaes estão presos numeros recortados em papel.

n) Um jogo de grandes cartões com cifras recortadas em cartão para o estudo dos numeros superiores a dez;

o) Duas caixas de pequenos ferros para numeração;

p) Caderno de desenhos apropriados ao methodo e lapis de côres.

q) Quadros sobre os quaes se fixam pedaços de tecidos ou couros unidos entre si por meio de botões, de cadarços de corchetes etc.

Este material serve para o exercicio do movimnto da mão.

Dra. MARIA MONTESSORI

Pédagogie Scientifique

— 2 VOLUMES —

VENDE-SE NA CASA RAMALHO-MACEIÓ

O PEQUENO PATRIOTA

LUIZ PISTARINI

Antonio era um menino
De dez a onze annos, pouco mais ou menos;
— Louro, magrinho, pallido, franzino,
Tinha o olhar aquilino,
E um bellos olhos, vivos e pequenos...
Filho de um velho e pobre fazendeiro,
Frequentava uma escola na cidade,
E, tres leguas, por dia, prazenteiro,
No seu pequirá — um alazão matreiro,
Fazias-as elle, da melhor vontade...
Porque — faltas ás aulas, para Antonio,
Era um desgosto tão acabrunhante,
Que nem pelo demonio,
Pensar queria em coisa semelhante...
Muitas vezes, o dia
Despontava chuvoso, e triste, e feio;
Mas Antonio lá ia...
Que lhe importava a chuva, que cahia,
E o frio que fazia,
Si um grande sol brilhava no seu seio,
— O aureo sol d'alegria?
Chovesse, pois, embora!
Enchesse a neve, do caminho o leito!
Mas, em chegando, de partir, a hora,
O pequeno se punha — estrada a fora,
Feliz e satisfeito...
Um dia. Era feriado;

Seu pae lhe dera tres mil réis em prata,
 Para comprar cadernos p'ra o dictado,
 Pennas, e um livro, de que andava á cata...
 E eis que já no seu nobre companheiro,
 Põe Antonio o lombilho, e, na verdade,
 Mais feliz do que um rei — guapo e lampeiro,
 Parte, a galope — rumo da cidade!
 Em caminha, no entanto,
 Sobre uma choça, aos ares desfraldada,
 Nota — cheio de espanto,
 Uma bandeira nacional hasteada!

“E' bôa!” — exclama. E, logo, respeitoso,
 Tira o chapéu, sem comprehender o facto...
 Mas, á porta, encolhido, um preto idoso,
 Que sorri do seu gesto — pretencioso
 Lhe explica, em tom gaiato:
 — “Yôyô estava pensando
 Que esse é bandeira de São João, de certo,
 E foi, depressa o seu chapéu tirando,
 Nem bem lhe chegou perto...
 Mas, não! Esse bandeira,
 Yôyô, não vale nada;
 Fui eu, que indo a cidade, terça-feira,
 A achei, cheia de poeira,
 Num grande embrulho, á toa, ahi na estrada...
 Trouxe=a pra casa e, aqui, na minha choça,
 Onde a puz sabe Deus, com que trabalho,
 Assim aberta, serve de espantalho
 Yôyô, os passarinho,
 Que dão cabo de tudo que se planta...
 Póde, agora, seguir o seu caminho.

Mas diz-lhe Antonio :

“Essa bandeira, é santa,
Meu velho. Tu não sabes o que dizes,
Quando me affirmas que ella nada vale...
—Oh! Como os ignorantes são felizes!—

Mas, deixa que te falle :

Não é um mastro de São João, por certo;
Mas vale muito mais, porque electriza
Nossa alma de patriota apaixonada,
Quando, assim, ao soprar da leve briza,
Embora num dezerto,

— A vemos, no ar, fluctuando, desfraldada!

Porque, velho, a bandeira

Lembra, da Patria, a imagem bem querida

Como esta lembra a Patria Brasileira,

Patria heroica e gentil jamais vencida!

Todo o paiz tem seu pendão glorioso,
Que o representa e que é, como elle amado;
Por isso, eu descobri-me, respeitoso,
Mal defrontei este pendão sagrado!

Pois o culto á bandeira é, com certeza,
O mais grato dever de um bom patriota,

Meu velho, esta é a verdade...

Não sou, como o suppões, nenhum idiota;

Mas acho natural tua surpresa

E muito justa a tua ingenuidade...

Que podes tu saber — pobre ignorante!

Victima imbelle do analfabetismo,

Que nada enxergas do nariz adiante,

Destas coisas de symbolo e civismo?

— Olha : queres vender essa bandeira ?

Dou-te, por ella, trez mil réis... Então?
Certo o preto julgára brincadeira,
Contudo, disse, pondo-a logo ao chão:
— "Pode levar, Yôyô, não vale nada;
Leve por trez mil réis,
Que, numa porta, serve, assim dobrada,
Como um capacho pra limpar os pés..."

Ah! diz consigo Antonio=Desgraçado!
Não fosse, como és, um ignorante,
E eu não sei, neste instante,
Quantos cascudos não te houvera dado!"

Mas, pagou-lhe a bandeira, e, já não tendo
Que fazer na cidade,
Voltou, depressa, para sua herdade,
Reflectindo e dizendo:

— "Vai papae me ralhar por esse feito...
Paciencia. Todavia,
Não sei porque, me sinto satisfeito,
Qual si houvesse a cantar, dentro do peito,
Alegre cotovia!...
Ah! Não fosse eu patriota,
Para deixar numa tapera hasteada
Pelas mãos de um idiota,
Da patria minha uma bandeira amada!
Levo por trez mil réis
Que numa porta, serve, bem dobrada,
Como um capacho pra limpar os pés!
Mas coitado! E' a ignorancia
Que taes palavras lhe ditou. Não creio

Que n'as dissesse, assim, com arrogancia,
Caso soubesse, que fazia um, feio...
—Boçal analphabeto
Sem saber o valor de uma bandeira,
Que importava, afinal, ao pobre preto,
Fosse esta russa, ou suissa, ou brasileira?
Davam=lhe cabo, os passaros, da roça ..
Precisava inventar um espantalho.
E zás! Arvora=a sobre a velha choça,
Qual de um panno qualquer, qualquer retalho...
Para a sua mesquinha intelligencia,
Era ella um trapo sem nenhum valor,
Que bem podia, aliás, n'outra emergencia,
Servir tambem de esteira ou cobertor...
Mas eu, por certo, commettera um crime
Si a deixasse onde estava,
Pois ainda sinto que a minha alma opprime
O dó de vel=a, como alli fluctuava,
Linda, auriverde, numa feia choça,
— Perola num borrarho —
Para espantar os passaros da roça...
Ora, o patrio pendão... feito espantalho!
Não! Nunca! Eu não podia
Justo céos! consentir em coisa tal!
Minha consciencia se revoltaria
E eu proprio, emfim, me consideraria
Peior que um animal!....

Comprei=a. E, adeus, caderno pra o dictado!
Adeus, pennas! Adeus livro terceiro!
Vai, por certo, papae ficar zangado,
Pois para obter este pendão sagrado

Dei todo o meu dinheiro...

Embora!..."

E, assim pensando,
Eis que entra no pátio da fazenda,
Garboso, no ar a flammula agitando...

Chegou. Foi logo apeiando
Muito orgulhoso do seu feito, quando
O papá lhe pergunta da encommenda,
E—"Onde houveste, Malazarte,
Lhe diz — essa bandeira?"

Sua irmã, dá com graça, um fino aparte,
E todos o olham de uma tal maneira,
Que o pequeno encallista
E em prantos ia já se desmanchar,
Quando de longe, sua mãe o avista
E corre, presto, para o apadrinhar...
Diz-lhe o mais velho irmão em tom brejeiro:
—"Na luta em que és valente, outra victoria,
Não?" — E accreenta ironico: — "Guerreiro!
Anda, arreia a bandeira e conta a historia.
Então, o esguio e pallido diabrete,
Põe a bandeira a um canto
E' sem temor de se tornar cacete,
Conta, inflammado de entusiasmo santo,
O modo por que houvera
O bello symbolo do País natal,
Que encontrára a fluctuar, numa tapéra,
De um velho preto estúpido e boçal...

E poz tão grande ardôr

Na sua narrativa
Que, cheio o pai, de uma alegria viva
O osculou, com amor,
E disse a rir: — “Meu filho,
Bravo! Gostei do teu procedimento!
E’ um acto nobre e tem tamanho brilho,
Que, emfim, nos enche de contentamento!
O irmão o applaude. A irmã, enternecida,
Dá-lhe um beijo na testa...
E sua mãe, com prantos, manifesta
Toda a alegria de que está possuída!

Antonio, então, o nobre heróe — radiante
Gosa feliz, de pé, muito contente,
O justo orgulho que, naquelle instante
Enchia o coração da sua gente!

O ensino primario nos Estados

Sylvio Rabello

Desde que a Associação Brasileira de Educação do Rio de Janeiro tomou a peito levantar o espirito nacional em pról da intensificação do ensino primario no Brasil, nota-se, em todos os Estados, um crescente interesse pelas questões que se relacionam com a educação do povo.

A primeira consequencia pratica desse facto foi a sympathia com que se recebeu, por toda parte, a idéa do Congresso Nacional de Educação, ultimamente reunido em Curityba com tão profieuos resultados.

Nesse certamen de proficuaes do ensi-

no, foram discutidas com proveito inumeras theses de alta importancia pedagogica, de modo a bem orientar os que precisam estar ao par das necessidades do ensino.

Essa comunhão de vistas traz incontestavelmente inestimaveis beneficios ao ensino publico, ainda hoje, infelizmente, tão eivado de falhas e imperfeições, que aguardam um esforço synergico, para serem removidas.

E não é só no seio do professorado que esse interesse pelas cousas do ensino se vem avolumando cada vez mais, mas tam-

bem em todas as outras classes sociais; onde elle se manifesta de modo sobremaneira intenso e promissor.

Afim de esclarecer o publico sobre o que já se ha feito, no Rio Grande do Sul e nos demais Estados, a bem do ensino primario, publicamos o quadro explicativo abaixo, de cujo estudo se poderá aquilatar do esforço educativo dos governos de cada unidade da Federação.

Elle se baseia nos dados fornecidos á imprensa pela Directoria Geral de Esta-

tistica do Rio de Janeiro, por occasião da passagem do centenario do ensino primario official no Brasil, referentes ao anno de 1926 e amplamente divulgados, e tambem no quadro publicado pela "Federação" de 14 de Janeiro ultimo. Contem a superficie de cada Estado, a população geral, a população em idade escolar, numero de matriculas nas escolas estaduais e a porcentagem desse numero para a população em idade escolar.

Numeros	ESTADOS	SUPERFICIE EM KM.*	POPULAÇÃO (ESTIMATI- VA DE 1926)	CRIANÇAS EM EDADE ESCOLAR (10 "%)		PORCENTAGEM DOS ESCOLARES ESTADUAES EM RELAÇÃO Á POPU- LAÇÃO ESCOLAR
				EM EDADE ESCOLAR (10 "%)	CRANÇAS MATRICULA- DAS NAS ES- COLAS ES- TADUAES	
1	Paraná	199.897	870.255	87.825	45.795	53 %
2	São Paulo	247.239	5.751.822	575.182	290.288	51 %
3	Santa Catharina	94.998	847.656	84.765	34.411	41 %
4	Espirito Santo	44.684	587.451	58.745	22.744	39 %
5	Minas Geraes	539.810	6.902.511	690.251	236.759	34 %
6	Rio Grande do Sul	285.289	2.683.683	268.368	88.088	33 %
7	Rio de Janeiro	42.404	1.844.304	184.430	58.615	32 %
8	Matto Grosso	1.477.041	312.671	31.266	8.157	26 %
9	Ceará	148.591	1.520.335	152.033	38.583	25 %
10	Amazonas	1.825.997	409.699	40.969	9.843	24 %
11	Alagoas	28.571	1.117.045	111.705	25.905	23 %
12	Sergipe	21.552	524.095	52.409	9.770	19 %
13	Bahia	529.379	3.859.241	385.924	68.523	18 %
14	Rio Grande do Norte	52.411	666.903	66.690	11.318	17 %
15	Goyaz	660.193	640.491	64.049	11.000	17 %
16	Pará	1.362.962	1.269.344	126.934	18.399	14 %
17	Parahyba	55.920	1.193.260	119.326	15.446	13 %
18	Pernambuco	99.245	2.617.310	261.731	19.986	8 %
19	Maranhão	346.217	1.047.206	104.720	8.613	8 %
20	Piauhy	245.582	733.740	73.874	4.976	7 %

Por elle se vê que o Rio Grande do Sul occupa o 6.º lugar, tendo abaixo delle collocados em situação inferior, 14 Estados da Federação. Acima do Rio Grande do Sul se encontram, com porcentagem mais elevada, Paraná, São Paulo, Santa Catharina, Espirito Santo e Minas Geraes,

E' digno de nota o que se ha feito nos

Estados do Paraná e São Paulo pela diffusão do ensino, conseguindo o primeiro a matricula de 45 mil creanças e o segundo a de 290 mil, não incluindo nesses numeros os particulares. E isto sem contar as ultimas realizações, que vultuam particularmente em São Paulo, onde o governo aca-

ba de crear mais de mil escolas sendo que setecentas em um só decreto !

São exemplos dignos da mais larga imitação.

E' verdade que o numero de alumnos matriculados, só por si, não diz da effi-
 ciencia do ensino ministrado, podendo dar-se o caso de um Estado, só pelo numero, sobrepujar a outro que tenha mais em vista a qualidade do ensino e se dedique, mais propriamente, á educação da intelligencia e do corpo das crianças que frequentam as suas escolas. E' um ensino mais dispendioso, porque requer escolas apropriadas, vasto material escolar, professorado competente e bem pago, mas de

resultados incomparavelmente mais proveitosos. E' obvio que elle não pôde attingir a mesma extensão do ensino ligeiro, que visa resolver o problema da alphabetização das massas incultas.

Um outro quadro estatístico nos permitirá vêr a acção dos governos estaduais sob uma nova face que revela tambem o esforços dos que se dedicam ao ensino de qualidade. Esse quadro foi publicado pelo *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro de 28 de julho de 1927 e contém as parcelas gastas com a instrucção primaria pelos differentes Estados e a porcentagem dessas parcelas comparadas com as suas despesas totaes.

N.º	ESTADOS	1925		1923	
		Quantia gasta com a instrucção	Porcentagem para a despesa total	Quantia gasta pelos Municipios	Porcentagem para a despesa total
1	Amazonas	1.421 :200\$	17,8 %	15.784	808 %
2	Alagoas	1.003 :420\$	17,5 %	10.148	0,7 %
3	Rio Grande do Norte	1.014 :200\$	17,2 %	109.481	13,0 %
4	Minas Geraes	12.438 :551\$	16,6 %	694.437	3,3 %
5	Parahyba	1.507 :993\$	16,4 %	98.109	7,4 %
6	São Paulo	46.690 :716\$	16,1 %	1.010.333	1,1 %
7	Ceará	975 :386\$	16, %	44.053	9,8 %
8	Sergipe	962 :567\$	15,7 %	10.855	09 %
9	Rio de Janeiro	5.263 :567\$	15,6 %	254.962	2,4 %
10	Santa Catharina	1.861 :380\$	15,2 %	118.170	4,0 %
11	Matto Grosso	771 :015\$	14,7 %	41.127	2,4 %
12	Goyaz	497 :505\$	14,1 %	130.875	13,2 %
13	Paraná	1.962 :680\$	13,3 %	36.886	1,0 %
14	Pará	1.511 :579\$	12,9 %	200.784	11,2 %
15	Maranhão	878.400\$	13, %	140.134	6 %
16	Piauhy	261 :640\$	9,9 %	50.408	7,3 %
17	Espirito Santo	1.307 :400\$	9,4 %	37.852	1,9 %
18	Pernambuco	2.318 :608\$	7,0 %	1.075.055	12,8 %
19	Bahia	2.598 :772\$	7, %	935.528	6,1 %
20	Rio Grande do Sul	5.487 :989\$	4,3 %	1.126.263	2,9 %

Por elle se vê que, se a instrucção, em alguns Estados do Norte, não tem o necessario desenvolvimento, não é por imprevidencia dos seus governos, alguns

dos quaes se esforçam na medida maxima, dedicando-se com incedivel carinho ás questões do ensino, como é o caso do Rio Grande do Norte, principalmente sob

a presidencia do Dr. José Augusto, mas por deficiencia do seu desenvolvimento economico que obedece tambem a causas mesologicas de difficultosa e complicada remoção,

Além disto, nas parcellas relativas aos Estados do Sul, estão no 1.º quadro comprehendidas as escolas primarias subvencionadas pela União.

Suppondo que não tenha havido alteração sensivel de 1925 para 1926 e dividindo a parcella empregada em cada Estado pelo respectivo numero de matriculas, vemos que o Estado de São Paulo gasta 161\$000 por alumno, o do Rio Grande do Norte 90\$000, o do Rio Grande do Sul 62\$000, etc.

Neste Estado, se considerarmos tambem o ensino municipal, esse quociente baixa para 42\$000 por alumno, conforme se verifica pelo ultimo relatorio do illustre Dr. Protasio Alves, relativo ao anno de 1926.

Ha porem a corrigir, no ultimo quadro acima publicado, a porcentagem de 4,3 do Rio Grande do Sul tomada sobre a despesa total do Estado que, como sabemos, está accrescida pelos gastos industriaes, em virtude da encampação do Porto desta cidade, da Viação Ferrea e outros servicos.

E' o que faz aquelle relatorio indicar a verdadeira porcentagem, que passa a ser de 11 %.

Ha ainda a notar que, considerando em conjuneto a instrucção primaria estadual, municipal e particular, é o Rio Grande do Sul o Estado em que ella está mais diffundida, sendo a porcentagem da matricula para o total das crianças em idade escolar, de 73 %, enquanto São Paulo attinge apenas, 60 % Minas Geraes 46 %, Rio Grande do Norte 33 % etc. Isto explica ser este Estado o de me-

nor coefficiente de analphabetos, que é de 61,15%, estando comprehendidas ahi as crianças de todas as idades, sendo o de São Paulo 70,17%, Paraná 71,80%, Piauhhy 88% etc, referindo-se estes ultimos dados ao anno de 1920.

Em conclusão: no Rio Grande do Sul, se bem que o ensino primario seja o mais diffundido, muita cousa é mister fazer ainda no que diz respeito á sua qualidade.

E sobre essa questão de verdadeira finalidade do ensino gratuito ministrado pelo Estado, as opiniões divergem. Uns querem o ensino extensivo, abrangendo o maior numero possivel de educandos, como aconteceu com a reforma Washington Luis, em São Paulo, hoje revogada, que limitou o ensino primario gratuito a dois annos abrangendo cada escola dois turnos diarios; outros propugnam pela elevação do nivel do ensino procurando dar á criança, pela educação apropriada, uma base mais solida, que melhor garanta o seu desenvolvimento futuro. E conqunato seja o nosso problema maximo o combate ao analphabetismo, não devemos perder de vista a creança simplesmente alphabetizada, soltando-a na vida entregue á sua propria sorte, mas cumpre ao Estado desenvolver-lhe a intelligencia e ensinar-lhe a trabalhar com methodo, para que se eleve o nivel da nossa produçção, multiplicando a riqueza e permittindo um ulterior desenvolvimento educativo. E' esta a orientação predominante, no seio do professorado, isto é, que não se deve sacrificar, dentro de certos limites, a qualidade á quantidade.

Mas, é tão sério o problema do analphabetismo no Brasil, pela extensão territorial, diversidade de costumes, carencia de transporte, que, se não houver a preocupação determinada e persistente de com-

batel-o a todo transe, é certo que elle se eternizará, pelo augmento geral da população que tem por effeito immediato multiplicar tambem o numero de analphabets.

Sendo assim, devendo o Estado ministrar o ensino intensivo, o ensino de qualidade e sendo, por outro lado imprescindivel o combate, sem treguas, ao analphabetismo, cabe aos particulares virem em auxilio dos governos, conjungando os seus esforços, para a resolução integral do problema o que não quer dizer que o Estado possa, por esse facto, rallentar, de algum modo, a sua função educativa, mas, pelo contrario, deve intensificá-la, cada vez mais, mesmo para estimular a eclosão da iniciativa privada que urge, quanto antes, desenvolver. E, conforme se patentea pelas estatisticas acima publicadas, nenhum Estado pôde ficar satisfeito com o ensino ministrado actualmente, mesmo porque os mais avançados longe estão do ponto em que se deveriam encontrar, não sendo preciso mais, para salientar a sua inferioridade, do que uma simples comparação com as estatisticas de outros paizes, mesmo no novo continente, mesmo entre os nossos vizinhos sul americanos.

Em uma epoca em que instrução é a chave de todas as conquistas, principalmente as de ordem moral, não comprehendendo porque algumas pessoas cultas affirmam que é preferivel deixar-se o individuo completamente ineulto a insinar-lhe simplesmente a ler, escrever e contar. Como elevar o nivel moral da familia e implantar o civismo na sociedade, se os individuos só conhecem a linguagem dos sons, que se perdem no espaço, e só confiam no precario testemunho da memoria? Dar o alphabeto ao ignorante é o mesmo que dar o martello e a serra ao

operario, a enxada ao agricultor, sem o que elles na poderiam fazer. O alphabeto é o instrumento que vem multiplicar o trabalho feito pela enxada, assim como a enxada multiplica o trabalho feito pelo braço.

Aconselhar a ignorancia, porque um homem que sabia lêr enganou a outro que não sabia, é o mesmo que prohibir o uso do martello, porque um desarmado matou uma criança com esse instrumento.

Fala-se muitas vezes nos genios que se perdem, obscuros e desprezados, porque não conseguiram obter a instrução. Para estes, o simples abe é o primeiro raio de luz que os arrebatará para um novo mundo que, sem elle, lhes ficaria eternamente desconhecido. Conseguida essa vantagem, vae dahi em diante, pelo esforço proprio, pelo prazer de novas descobertas cada vez mais valiosas, em progressão sempre crescente, até desvendal-o por completo. O primeiro impulso é muitas vezes sufficiente para se attingir, no mundo da materia, as velocidades vertiginosas; assim tambem, a simples conquista da leitura e da escripta basta, muitas vezes, para que a intelligencia continue por si mesma o seu caminho, até as mais elevadas culminancias.

Devemos dar a instrução integral, se as nossas forças permittirem, mas não podemos fechar o caminho aos que são capazes, privando-os dos inestimaveis beneficios do alphabeto.

A REVISTA DE ENSINO assigna-se na Directoria da Instrucção Publica.

Por anno:

Na capital 24\$000

Para fora 25\$000

DO ALCOOLISMO INFANTIL

Dr. Moncorvo Filho

Nenhum assumpto deve merecer actualmente maior attenção de nossos cientistas e homens de governo do que esse do alcoolismo, sobretudo no tocante á creança que é a mais prejudicada por esse factor social negativo do progresso e da robustez da raça.

Não é de agora que os funestos effeitos desse terrivel vicio têm preocupado o espirito humano; a historia ali está para demonstrar que as sociedades chafurdadas na intemperança, no debóche e na degeneração estirolaram-se, como succedeu ao povo grego e ao romano.

Entre todos os males attribuidos ao ethylismo, o exemplo da maior das guerras — a de 1914 — oriunda daquella tragedia de Saravejo em que um estudante embriagado assassinou o Principe Herdeiro do throno da Austria, revela o quanto póde o alcool ser o responsavel das maiores calamidades mundiaes.

Deixando de parte tudo quanto já me foi dado dizer na minha Conferencia (1) a proposito do palpitante assumpto, pretendo neste momento referir-me apenas á parte medica e hygienica propriamente dita da importante questão, começando pela *Hereditariedade*.

(1) *Alcoolismo infantil* — Conferencia realisada na Liga de Hygiene Mental em 18 de Outubro de 1927.

Uma lenda assaz conhecida reza que Vulcão — o Deus chôcho, malfôrmado e monstruoso, — fôra gerado por Jupiter na occasião em que este, embriagado, sofria as consequencias da ingestão de grande quantidade de nectar.

Hypocratis, Plutarcho e Aristoteles tiveram a intuição de que o alcool acarretava os mais graves damnos quando, por occasião da concepção, os genitores se achavam em estado de embriaguez.

“O alcoolismo não se extingue com o individuo ; transmite-se á sua descendencia, sob fórmulas extremamente multiplas e variadas”, disse-o um grande observador (2).

“O alcool tornou-se um veneno ethnico” (3) assegurava um outro grande espirito.

Uma das peiores consequencias do ethylismo, — demonstra-o a pratica dos observadores, — é, sem discussão, a herança que os filhos dos alcoolatras recebem, da horriavel tendencia morbida ao abuso das bebidas, o que em sciencia se chama *dipsomania*.

Além disso ha muito tempo que se notou a influencia do alcoolismo sobre a progenitura.—Não é de outra sóрте que uma lei de Carthago prohibia aos recém-casados as

(2) Ed. Fournier.

(3) Legrain.

bebidas alcoolicas por occasião dos banquetes de nupcias.

Ninguém se esquece tão pouco, pela narrativa de Plutarco, daquelle celebre phrase de Diogenes a um imbecil: "Teu pae te engendrou quando estava bebendo.

As creanças geradas em occasiões festivas, — facto incontestado e de antiga observação, — são em grande numero idiotas e enfermiças.

Em epoca não muito longe de nós, transmittindo aos seus alumnos tão desoladôra verdade, o insigne Professor PINARD chamava "filhos da alegria" os filhos dos alcoolatras concebidos na epoca das grandes festas como o Carnaval.

Pesquizas mais recentes de um medico italiano, procurando conhecer a data em que foram geradas centenas de creanças malformadas, teve a opportunidade de scientificar-se tambem de que a maioria o havia sido na epoca do Carnaval, da Paschoa e das vindimas.

Os mais modernos e conceituados pesquisadores puderam, com segurança, provar que a intoxicação alcoolica age directamente sobre o producto da concepção, havendo mesmo quem pense caber a responsabilidade do mal ao gerador macho.

Affirmou-se mesmo, procurando comproval-o com factos positivos, ter sido encontrado nos fétos (filhos de alcoolatras) o alcool em especie e bem assim se constatou a rapida passagem deste para as vesiculas seminaes. (1)

(1) Nieloux, Renaux, Morel, Demeaux, Contesse, Engelmann, Foret, Degen, Bertholet, Weichesselbaum e Kirle.

Verdade, sem contestação, é que "a mulher gravida que se alcoolisa, alcoolisa tambem o filho que traz no ventre" (2), o que parece explicar a razão pela qual, segundo commenta o autor do interessante livro "o mal que o alcool faz ás creanças" (3), certa inferioridade physica dos fétos provindos de paes alcoolicos.

Nas verificações feitas, emquanto os filhos abstinentes pesavam ao nascer, na media, 3600 grammas, os dos temperantes tinham 3570 grammas e os dos borrachos inveterados apenas 3470.

A experiencia de muitos homens de sciencia e a nossa propria, fartamente demonstrou a influencia nociva, sobre a próle, do ethylismo paterno ou materno, ou—o que é ainda mais grave — : de ambos.

N'um caso que foi entre nós publicado de um pequenino que logo depois de nascer succumbira á hemorragia umbilical por friabilidade dos vasos do cordão, a concepção se déra quando ambos os conjugues estavam em estado de completa embriaguez.

De qualquer maneira o alcoolismo congenito é um facto.

Pelas pesquisas de laboratorio sobre os ovos de gallinha (1), em cadelas (2), em cobais, em coelhos (3) e outros animaes pode ser estabelecida, de maneira ca-

(2) Guenard.

(3) Lemmes.

(1) Charles Fére, Daréste, Ovize.

(2) Mairet e Combenale, Demme, Fére, Stockard, Dujardim-Bearmstz, Fauré, Dodge, etc.

(3) Laitinen.

bal, a nefasta influencia do alcool ethylico sobre a genitura, acarretando graves damnos, desde a esterilidade até as mais accentuadas paradas do desenvolvimento, monstruosidades, etc., etc.

Os homens de sciencia foram mais longe, tendo podido provar que pequenas quantidades de alcool impediam até o desenvolvimento das plantas (4).

Foi verificado na pratica clinica (5) que em 21 casamentos entre alcoolistas, 10 foram estereis : os 11 restantes produziram filhos degenerados, dos quaes só se salvaram 3 e eram rachiticos.

Tivemos o ensejo de observar em nossa vida profissional, tanto na clinica civil, como dos serviços que dirigimos na "Policlinica Geral", na "Assistencia á Infancia" e no "Heliotherapium" casos semelhantes; de facto, sobre uma estatistica de 4.000 creancinhas, 1.167 haviam sido victimas do alcoolismo dos paes, 796 vezes tendo origem no pae e 18 na genitora. (6)

De uma outra estatistica de 188 creanças de familias pobres entre as quaes foi possivel obter informações, sobre 111, encontrámos quatro em que ambos os paes eram borrachos, 77, quer dizer quasi a metade do grupo que estudavamos, tendo sómente os paes victimas da intemperança.

Em um computo estatistico mais recentemente por nós obtido (7 annos,—de 1904 a 1911), de 1.433

creanças a respeito das quaes pudemos obter informações, 247 eram portadores de heredo-alcoolismo.

Vejamos outros subsidios.

Em 10 familias temperantes foram encontradas 81.9 % de filhos sadios; em 10 outras familias alcoolistas sómente a percentagem de 17.5 de filhos normaes. (7)

Em um computo outro, em 7 gerações, dos 709 descendentes registados, eram: mendigos 142, prostitutas 45, criminosos 77 e alienados 64.

Continuemos estribados na eloquencia das cifras . . .

Em 715 familias de alcoolatras, dos 814 filhos verificados: morreram precocemente 53, tiveram convulsões 173 (22 %), meningite 24 (55 %) e eram epilepticos ou hystericos 131 (17 %). (1)

Sobre 68 homens 47 mulheres, todas alcoolatras, e de cuja união provieram 476 filhos, sómente 79 eram sadios, os outros 397 constituindo uma legião de surdos, dementes, paralyticos, môrtos por convulsões, etc. (2)

Mais doloroso ainda é saber-se que em 83 familias de bebedores, 244 filhos era epilepticos. (3)

Não deixa de merecer tambem o maior interesse a verificação, nas prisões de Liverpool (4), dos nefandos effeitos do heredo-alcoolismo: em 600 ébrios habituaes uma

(4) Ridge.

(5) Kende.

(6) Moncorvo Filho.

(7) Demme.

(1) Legrain.

(2) Ladraque.

(3) Bourneville.

(4) Lilivan.

enorme cifra de obitos e de nascidos mortos foram registados !

Tivemos em nossos livros "Monstros humanos" e "Hygiene infantil e em algumas de nossas conferencias, a oportunidade de demonstrar ser o alcool o responsavel por não escasso numero de funestas consequencias desde a caducidade do germen e a não viabilidade do fêto, e as mais simples ou benignas deformidades até as mais graves, — verdadeiras monstruosidades !

A idiotia, a micro e a hydrocephalia, as imperfeições e desvios do desenvolvimento intellectual e moral, até a loucura, paralyssia e as nevroses de toda a especie, raras não se mostram no heredoalcoholismo.

Além de tudo isso, os estudos modernos fazendo conhecer as diferentes e importantes funcções das glandulas de secreção interna, levaram os observadores a reconhecer o papel das perturbações endocrinas nas grandes intoxicações dos geradores, e da qual uma das mais communs é a do alcool, na genese de não pouco graves accidentes, até mesmo á producção de fêtos mal formados ou monstruosos.

A associação da herança do alcoholismo á da syphilis, o que aliás é relativamente commum, póde dar logar a maiores males, como centenas de vezes nos tem sido dado observar, muito significativa se mostrando essa herança, entre outros, naquelle individuo portador de uma microcephalia que apresentamos em 1923 á Academia Na-

cional de Medicina e ao qual, pela sua triste apparencia simeana, o povo denominará de "Homem-Macaco".

Sobre a raça muito influindo para sua degeneração — não nos cansamos de repetir — o ethylismo causa verdadeiros desastres ; ha por exemplo, certas zonas como a Bretanha, em que familias inteiras têm, com o correr do tempo, desaparecido.

Para certos autores (1) a aguardente fôra o agente de destruição dos indios da America, tendo ficado provado que a embriaguez foi tambem das principaes causas de despopulação do Tahiti. (2)

Não me póssô furtar a lembrar aqui, pela lição que encerra, o caso daquelle individuo communicado em 1894 á Academia de Medicina de Paris (3) e que, de maneira tão clara, desgraçadamente deixou patente a lamentavel influencia do alcool sobre a próle.

Tratava-se de um casal cujo marido, aliás excellente chefe de familia, era abstinente; sobrevieram, aos primeiros annos de consorcio, dois filhos hygidos, creanças perfeitamente normaes. O genitor, porém, em certo momento começa a entregar-se ao vicio da embriaguez; nascem dois filhos degenerados (um alcoolista e outro hysterico). Aconselhado, esse pae, que ainda não era positivamente um borrachão na expressão da palavra, a abster-se do vicio, regenera-se : nascem depois dois filhos sadios.

(1) Quatrefeges, Rufz.

(2) Cuzent.

(3) Ballet.

A hereditariedade alcoolica é, pois, um facto incontestavel e os males dahi oriundos, merecem carinhosos commentarios.

Com o prejudicialissimo vicio das bebidas progridem a tuberculose, a loucura, a mortalidade, os crimes, os suicidios, a miseria, etc.

Entre os quadros que ideamos para o Musêo da Infancia procurando cingir-nos a demonstrações praticas originaes, transportamos para os paineis scenas, figuras e a reproducção de estatisticas, com o fito de empolgar o espirito do visitante, instruindo-se sobre os perigos do alcool.

N'um desses quadros referindo-nos aos monstros victimas da hedionda herança, exhibimos quatro casos de nossa clinica; um fêto que nascendo vivo não tinha siquer vestigios dos braços nem das pernas e morreu um mez apoz; outro que nascera com a massa encephalica fóra do craneo; outro um microcephalo com a cabeça monstruosa; apresentavam-se em extremo deformados os dois outros fêtos da demonstração. Todos eram filhos de alcoolatras !

Isso prova exuberantemente não restar duvida que "o alcool é o grande responsavel do soffrimento e da miseria humana; é um dos factores soberanos da dôr mundial". (4)

MORTALIDADE INFANTIL

Ha uma notoria influencia directa e indirecta do heredo-alcoolis-

(4) Jacquet.

mo sobre a mortalidade infantil. Os filhos dos ethylists succumbem n'uma proporção de 39.5 %, sendo epilepticos 3 quartos dos que vivem (5), chegando-se a affirmar mesmo que o ethylismo é o causador do terço ou do quarto da mortandade geral, sendo, cutrosim, o responsavel da metade dos obitos infantis. (6)

Registou-se nos archivos scientificos o caso de um bebedo, com uma próle de 18 filhos, sendo observado que 15 tiveram convulsões, 1 era epileptico, dois apenas não manifestando accidente algum grave. (1)

Cita-se mesmo o facto de um alcoolista que tivéra 14 filhos, dos quaes falleceram 8 no primeiro anno, sendo os outros 6 idiotas e epilepticos (2) e houve quem affirmasse tambem que 42 % das concepções dos alcoolistas são em pura perda. (3)

Uma estatistica fidedigna revelou, por seu lado, que de 83 familias de alcoolistas, houve 410 filhos, dos quaes 108 tiveram convulsões, morreram 169, sobrevieram 251, sendo que destes 83 eram epilepticos ! (4)

E' enorme, ninguem o contesta, o numero de victimas da herança alcoolica !

Uma investigação entre familias, alcoolistas ou não, e que merece

(5) Lanceraux.

(6) Jacquet.

(1) Marcé.

(2) Roesch.

(3) Arrivé.

(4) Martin.

apreço, deu o seguinte resultado :
(5)

Entre abstinentes, 13 % nasceram mortos.

Entre immoderados, 32 % nasceram mortos.

Uma outra estatística bastante suggestiva do "Chicago Juvenil Protective Associated" em relação á mortalidade da primeira idade, deu a conhecer ser ella de 23 % entre as mães abstinentes e de 55 % entre alcoolistas.

Finalmente diante daquella conhecido inquerito feito pelo Cardeal Mercier entre 14 summidades da Sciencia medica ingleza ficou-se conhecendo o seguinte resultado:

21 mães alcoolistas — 125 filhos — 69 % mortos antes dos 2 annos.

28 mães sobrias — 138 filhos — 33 % mortos antes dos 2 annos.

Cheio de ensinamento é tambem o exemplo da Noruega.

Quando no Seculo XIX o alcoolismo attingia alli no apogeu, o obituario infantil abaixo de um anno era de 300 mil; hoje o vicio está quasi extinto, graças ás medidas tomadas, não excedendo de 90 por mil o numero das creançinhas da quella idade que succumbem.

Em relação aos nascidos mortos victimas do alcoolismo ahi está essa empolgante estatística pela qual se fica sabendo que 216 filhos de familias usando abusivamente da cerveja, em Munich, produziram um total de 33 natimortos, dos filhos nascidos vivos morrendo antes do primeiro anno 59, physicamente doen-

tes 37, indemnes contando-se apenas 23 ! (6)

Póde haver exemplo mais flagrante ? Mas não é só !

Um notavel medico francez (1) affirmou que "de cada mil descendentes de alcoolistas, mais de 200 morrem logo; nos dois terços restantes conta-se grande numero de idiotas, epilepticos e muitos degenerados, desprovidos de senso moral, instinctivamente perversos, impulsivos, anormaes e em hostilidade perpetua á sociedade, para a qual constituem uma carga e um perigo".

Quem melhor estudou o alcoolismo sob seus diferentes aspectos (2) poude, por seu lado, observar 215 familias de intemperantes, acompanhando-os até a terceira geração.

Saiba-se que colossal foi o numero dos degenerados, cegos, surdos-mudos, etc., havendo 174 creanças succumbido nos primeiros dias após o nascimento.

Tão eloquente quanto este é o exemplo do hospital de Barne, na Suissa (3), em que o estudo comparativo sobre dez familias, nas quaes muitos membros eram alcoolistas, permittiu verificar comparativamente, que, nas familias sobrias (161), sendo de 5 o numero dos fallecidos em baixa idade, entre os membros das familias alcoolistas o total dos precocemente roubados á vida foi de 12.

(6) Kraipelm.

(1) Magnan.

(2) Legrain.

(3) Demme.

(5) Laitinen.

Si quizessemos nos demorar em detalhadas citações, bastava que para aqui trouxéssemos o subsidio de varios e eminentes medicos, hygienistas ou sociologos largamente esplanado em publicações diversas.

Entretanto quem se esquece daquelle egregio Professor francez (4) quando, alludindo á descendencia dos adoradores de Baccho, affirmou :

“Na primeira geração, manifestam-se a immoralidade, a depravação, os excessos alcoolicos, o embrutecimento moral; na segunda tendencia para o uso de bebidas alcoholicas, excessos maniacos, paralysisa geral; na terceira, tendencias hypochondriacas, lipemania e as tendencias homicidas; na quarta emfim a intelligencia pouco desenvolvida e a creança, estúpida ou idiota e degradada, attinge á edade adulta — e a raça se extingue”.

Outras opiniões confirmam esse modo de pensar (5) e não foi de outra sorte que o grande MOLIERE, considerando que “o bebedo nada produz que preste” (6) compoz aquella expressiva quadra que corre mundo.

Fechamos este capitulo com a apavorante estatística do hospital Saint-Antoine, em Paris: (7)

111 alcoolatras moderados perderem 66 filhos ou seja 18 %.

80 alcoolatras inveterados perderam 75 filhos ou seja 29,2 %.

(4) Cruveilhier.

(5) Darwin, Legrain, Caussin e Moreau.

(6) Amyet.

(7) Jacquet.

117 grandes alcoolatras perderam 220 filhos ou seja 61.2 %.

Não menos elucidativos são ainda as revelações, no mesmo sentido, de um grande numero de observadores. (1)

ALCOOLISMO ADQUIRIDO

Entretenhamo-nos um pouco com o que diz respeito ao ethylismo observado entre os pequeninos. Elle póde ser *agudo, latente ou chronico*.

Aqui, principalmente entre a gente de baixa classe, á imitação do que fazem certos outros povos, muitas mães collocar na boquinha da creança, logo ao nascer, uma chupeta com whisky (2), como que para habitual-a ao nefasto vicio desde os primordios da existencia.

Casos identicos com chupetas molhadas em Kirsch, cognac e aguardente teem sido publicados (3) e até o de um lactante de poucos mezes accommettido de convulsões intensas, oriundas desse condemnavel habito (4) e aquell'outro de um petiz de 9 mezes cuja ama, lavando-lhe a cabeça com rhum da Jamaica, viu a infeliz creança entrar em consideravel agitação que terminou pelo estado comatoso.

Na Normandia costumavam os paes friccionar com aguardente os labios dos recém-nascidos, deixan-

(1) Sullivan, Bezola, Foral, Bertholet, Bienfait, Bourneville, Hoppe, etc.

(2) Rodiet.

(3) Combe.

(4) Demme.

do mesmo cahir-lhes na bocca algumas gottas de bebida. (5)

Entretanto, — grande verdade — a creança instinctivamente repelle o alcool; a insistencia porém, com que se procura insinual-a no perigoso vicio, desgraçadamente acaba por habitual-a. Familias ha que chegam até a estimular a creancinha para que beba como *homem*, ou como *gente grande* e a pequenina vietima da ignorancia ou da maldade dos que a cercam — não tarda a soffrer as consequencias do hediondo habito. Aqui são os impiedosos membros da familia desordenada que obrigam creanças de mais baixa idade á que ella aprenda a beber; alli são os impiedosos genitores, borrachos conhecidos, que procuram embriagar tambem os filhos, como dizem, *para que conheçam os perigos afim de evita-los!*

Na Normandia era habito, nos grandes dias de festa, dar ás crianças de qualquer idade, uma ração de aguardente (6), sendo usual levarem os alumnos diariamente para a escola, com a merenda, uma certa dóse de aguardente que lhes era fornecida pelos proprios genitores. (1)

Na Bretanha, onde o alcoolismo chegou a attingir ao mais alto gráo, as creanças começam a usar desmedidamente de bebidas desde a idade de 11 a 12 annos (2). Quando de um inquerito nas Escolas de Bonn, em 1899, verificou-se que, entre as creanças de 7 a 8 annos, 8

% ingeriam, no minimo um copo de aguardente por dia; 25 % bebiam habitualmente cerveja e vinho, 16 % repellindo o leite por não lhe supportar o sabôr... E quanto doloroso é saber-se que todas essas bebidas eram fornecidas pelos proprios paes !

Casos até de pequeninos por embriaguez aguda os annaes da sciencia tem-se consignado (3) e nós, em nossos Serviços Chemicos já tivemos, como a outros dado foi verificar (4), a oportunidade de registar factos deplorabilissimos desse genero.

São em grande numero os exemplos de alcoolismo infantil em que hemos visto paes desnaturados propinarem bibibas e das mais fortes e até a aguardente de canna a pequeninos, mesmo desde o nascimento. Nestes temos podido reconhecer as mais graves desordens para o lado do apparelho digestivo e cardio-renal, já havendo encontrado até em certos meninos de 12 a 14 annos, signaes evidente de arterio esclerose !

Nos 31 annos de exercicio de nossa clinica hemos observado, a par das mais deploraveis deformidades congenitas em filhos de alcoolatras, casos verdadeiramente impressionantes de alcoolismo adquirido, alguns tornando-se da maior gravidade quando as creanças já eram portadoras da terrivel tara alcoolica. Deste ultimo genero não me pôsso furtar ao desejo de aqui

(5) J. Simon.

(1) Comby e Grancher.

(2) Rochard.

(3) Gariackvin, Moncorvo Filho.

(4) Follet, Baer, Demme, Alves Filgueiras; etc.

apontar um dos mais interessantes.

Tratava-se de uma formosa menina de 5 annos, lindos olhos e nedios cabellos, de rara vivacidade de intelligencia e que a cada passo demonstrava terrivel phobia : homens assassinos passavam-lhe uma grossa tórda ao pescoço, puxando-a um de um lado e outros de outro; após essa tortura tinha ella a impressão de que estava bebeda. A par disso, não raro lhe sobrevinham allucinações e sonhos desesperadores. Pois bem, esta bella creança, que felizmente pudemos curar, era filha de italianos constantemente entregues ao vicio da embriaguez e que por sua vez sujeitavam a filhinha ao uso diario do vinho.

ALCOOLISMO PELO ALEITAMENTO

No quadro relativo aos funestos effeitos do alcool sobre o aleitamento e existente no Museu da Infancia, assáz instructiva é a demonstração chamando a attenção para o assumpto. Muitos factos elucidativos nesse sentido hão sido publicados. (1)

Systematicamente preciso é que de vez se abandone o pessimo habito de mandar que as mães e amas *bebam cerveja para que possuam abundancia de leite!*

Estatisticas bem organisadas (2) mostraram que 73 % das mulheres incapazes de aleitar, são victimas da herança alcoolica dos paes !

A despeito das contestações de

certos medicos ao facto, as experiencias de laboratorio e a observação clinica de velha data vem provando (3), com a maxima evidencia, que o alcool ingerido pela mulher que amamenta uma creança, póde passar em alguns minutos pelo leite (4), o que explica perfeitamente os accidents comatósos tantas vezes observados, as convulsões e os accessos nervosos de todo o genero verificados em lactantes cujas nutrizes ingeriam bebidas alcoolicas. (5)

Ainda no 1.º Congresso Internacional de Protecção á Infancia em 1912 realisado em Bruxellas, provou-se (6), com a apresentação de casos de convulsões oriundas da intoxicação alcoolica das nutrizes, que a passagem do alcool pelo leite é um facto.

No escritorio de nossa clinica sobram casos dessa ordem e de incontestavel evidencia.

O uso, pois, de bebidas alcoolicas por uma nutriz, ingeridas sob o fallaz pretexto de lhe dar forças, deve ser totalmente abolido; o alcool communica ao leite uma acção entorpecente (7), quando não agitação, insommia rebelde, movimentos convulsivos e perturbações digestivas mais ou menos serias, como muitos clinicos se louvam de haver podido observar.

Quantas vezes hemos sido consultados para tratar de creanças

(1) Klingemann, Rossamon, etc.

(2) Bunge.

(3) Carpenter.

(4) Nieloux.

(5) Budin, Parier, etc.

(6) Alb. Delcourt.

(7) Rouvier.

tenras cujos males não raro de aspecto gravissimo, cedem promptamente á suspensão, por parte de quem as amamenta, de vinho ou cerveja ingeridos abusivamente na illusão de crear energias e abundancia de leite !

O alcoolismo pelo aleitamento, infelizmente tão mal conhecido entre nós, traz, para o lactante as mais tristes consequencias : pulso frequente e fraco, olhar brilhante e a face vermelha, acabando o petiz por apresentar a physionomia, estúpida, *habeté* como chama o francez. (1)

Via de regra, ha nesses casos sêde ardente e o emagrecimento rapido poderá chegar á morte, si a intervenção não se fizer sentir. N'um grande numero de casos a creança se mostra esquallida e magra, lembrando o "ar soffredor de pequenos velhos". (2)

Tem-se registado em certas condições o alcoolismo pelo aleitamento acarretando gordura e desenvolvimento physico exaggerados, mas que são positivamente illusorios em relação á saude geral.

Aonde iriamos si nos detivessemos sobre esta questão, quando os archivos dos serviços clinicos dos medicos mais notaveis do mundo estão prenhes de informações preciosas, havendo até a observação daquella mulher, que amamentando um petiz de cinco mezes accommettido das mais graves convul-

sões, bebia quatro garrafas de vinho por dia ! (3)

Ha uma pratica condemnavel que é a de, para possuirem mais leite, lavaram as nutrizes o bico do seio com alçool, rhum, aguardente ou qualquer outra substancia alcoolica, o que tem produzido não pequenos maleficios. (4)

ALCOOLISMO CHRONICO

A intoxicação acoolica chronica entre as creanças é tambem muito menos rara do que geralmente se imagina e no nosso escritorio casos possuímos que tanta lastima despertam, quanto o seu interesse scientifico.

Certo não é necessaria a ingestão diaria de grandes quantidades de alçool para acarretar o ethylismo chronico na infancia. Provado ficou que as menores parcelas de bebidas espirituosas mesmo diluidas com agua, administradas á creança, ser-lhe-hão profundamente nocivas. (5)

Não precisamos ir a longinquos paizes para ter o fundo desgosto de ver, em sua plenitude, os effeitos da intoxicação alcoolica agindo demoradamenté sobre as creanças.

Aqui bem perto de nós, em certo logar de um Estado visinho, a menos de 40 minutos de distancia desta Capital,—é de todos os dias, não

(3) Ausset, Mennier, Delobel, Charpentier, Verney, Soltman, Morel, Ferrand,

(4) Milon.

(5) Rodiet, Bourneville, Baumgarten, Vidal, Decroizilles, Combe, Demme, Vallier, Marfan, Lanceraux, etc.

(1) Delobel.

(2) Monin, Lademe, Lanceraux e Goyard.

mais causando surpresa alguma ás pessoas do lugar, — encontrar-se creancinhas de 2 e 3 annos, embriagadas pelos proprios paes, *facies* edemaciado e pallido, olhar apagado, aspecto impressionante, a vagarem pelas ruas em marcha tropega, titubiante, ou dormindo pesadamente pelos desvãos das portas ou nas moitas dos caminhos.

De mais grave dyspepsia póde ser o alcool causador (1) e esta doença é frequentemente uma das primeiras manifestações do ethylismo infantil chronico.

As perturbações nervosas porém, sobrepujam todas: terrores nocturnos, visões torturantes, insomnia, allucinações, delirio, tremores, convulsões, paralytilas, meningites, estado cômatozo (2) e um grande numero de symptomas outros, bizerros uns, com modificações de character outros, mostrando-se, em certos casos, a excitação muito exaggerada, podendo chegar até loucura ! (3)

Lesões do estomago e do figado, do apparelho circulatorio, respiratorio ou renal, benignas ou graves, como a diversos clinicos nacionaes e estrangeiros, dado nos ha sido, muitas vezes, observar.

O rachitismo, a atrophia, a anemia e outros males não são raros em creanças victimas do veneno que é o alcool.

(1) Magnus, Huss, Morel, Lanceraux, Klippel.

(2) Lasegue, Rodiet, Cimby, Grancher.

(3) Guillez, Enerich, Kende, Cariackin, Carra, Ladrague, Combe.

ALCOOL E ANALPHABETISMO

Sem duvida alguma o alcoolismo estende-se de maneira prodigiosa por toda a parte pelo desconhecimento existente dos males de que é responsavel, actuando directamente sobre sua progenitora.

Ora si se verificou em varias partes do mundo que 80 % dos criminosos adolescentes são filhos de alcoolistas (4) e segundo foi affirmado 80 % tambem dos criminosos desta Capital (estatistica sobre 14.890 individuos) (5) eram analphabetos, extranhavel não parece reconhecer-se a influencia da ignorancia sobre o abuso das bebidas alcoolicas.

A intelligencia da creança — é facto conhecido, — muito soffre com a herança acoolica dos paes.

Tão grande é essa influencia que estudos sérios vieram provar mediante longa observação sobre 500 alumnos de uma escola de Vienna (6) que a nota "Bôa" orçava na proporção de 41.8 %, baixando a zéro entre aquellas que faziam o maior uso do alcool.

Em sua notavel these do Instituto de Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro, — um dos mais brilhantes e consubstanciosos trabalhos que sobre o alcoolismo infantil se ha publicado, — nosso discipulo GALENO REVOREDO DE BARROS, tendo podido dar ao assumpto o mais proficuo desenvolvimento, repor-

(4) Bayer.

(5) Hermeto Lima.

(6) Paul Garmer.

tando-se a muitas de nossas observações clinicas, pensava dever-se procurar na instrução e particularmente na educação, os recursos maximos para evitar os desastres do alcoolismo, particularmente o infantil.

“A instrução popular, em relação aos perigos do alcoolismo — dizia elle, — deve começar desde a primeira idade. Nas escolas primarias e no seio da familia, a creança deve ser informada, tão minuciosamente quanto possivel, os males decorrentes do abuso das bebidas alcoolicas”.

Sem duvida ninguem deixará de reconhecer o valor inestimavel da educação dos pequenos seres ao desabrochar da intelligencia e por consequencia da comprehensão, os quaes pela sua natural docilidade tão facilmente reconhecerão, com uma salutar propaganda, todo o mal a ser evitado.

A creança, muito mais que o adulto, participando da influencia do meio em que vive, pela accentuada tendencia á imitação — traço physiologico nos primeiros annos da existencia, — está muito sujeita aos máos exemplos, d’onde ha relevancia do merito da instrução e da educação bem orientadas.

Em seus brilhantes livros sobre a infancia EVARISTO DE MORAES, — certamente o maior criminalista patricio, — estende-se em copiosas e instructivas considerações sobre a chamada pathologia social, “phenomeno que tanto alarma a sociedade moderna” e que “se manifesta intensamente no Rio de Janeiro”.

Discute o caso da creança *viciavel*, o terreno preparado para o *contagio* recobrando energia no meio favorevel. Lembra o estudo de LOMBROSO “sobre algumas familias sinistras, em cujo seio as creanças appareciam predestinadas ao crime, quando não ás psychoses, ao suicidio ou á morte em tenra idade e tudo resultante de intoxicações ou infecções contrahidas, muitos annos atraz por seus antepassados”. (1)

Em relação á instrução, pensar muitos observadores não ser elle por si só sufficiente, tendo quasi nulla influencia sobre a formação do character, que depende essencialmente dos sentimentos e das emoções, estimulados pela educação familiar e pela ambiencia social (2), não sendo dado esquecer a vantagem da sua continuacão na escola. (3)

O flagello é, porém, tremendo e terrivel a calamidade do ethylismo, tão generalisado na superficie da terra e sem contestação tão nociva á infancia.

ALCOOLISMO THERAPEUTICO

A’ mór parte dos presentes causará surpresa, declaramos aqui que, *com o intuito de curar*, medicos ha que envenenam, inconscientemente, as creancinhas doentes sob seu tratamento: são os tonicos e os vinhos do mais alto gráo al-

(1) Eug. Prevost.

(2) Lino Ferriani.

(3) Evaristo de Moraes, Albonel, etc.

coolico, os elixires de toda a especie, poções com cognac, rhum ou aguardente, propinadas, sob este ou aquele pretexto, a intoxicarem o debil organismo infantil.

Hoje felizmente a maioria da classe medica abomina o alcoolismo therapeutico, prescrevendo todos os medicamentos encerrando alcool e até annos pessados tão entusiasticamente proclomados.

“Em um sem numero de casos são as prescrições medicas a causa do alcoolismo da creança” (1) e não poucos são os autores que pen-

(1) Kowlesky.

sam do mesmo modo (2), chegando-se a assentar que o alcool, geralmente nutil (3), deve ser riscado da therapeutica infantil.

E' commum serem apresentados aos nossos Servicos Clinicos creanças cujos graves soffrimentos só pódem ser attribuidos á ingestão de remedios alcoolicos prescriptos por medicos com o fito de debellar a anemia, a fraqueza, as perturbações digestivas, etc., etc.

(2) Sainsburry, Goriakin, Moreau, Comby, Jeffrey, Kassovitz.

(3) Comby.

SOBRENOMES



Veridiano de Carvalho

Em todos os paizes busca-se nos logares, nas cousas e nos attributos os sobrenomes dos individuos e ha-os bem exquisitos.

Nos sobrenomes portuguezes preponderam a geographia, a zoologia, a botanica, a physica, etc.

Temos fulanos de tal: Lisbôa, Porto, Coimbra, Braga, Guimarães, Vianna, Caminha, Lessa, Faro e outras cidades, villas e aldeias de Portugal.

Sicranos de tal: Leão, Lobo, Raposo, Carneiro, Cordeiro, Coelho, Lebre, Leitão, Gavião, Coruja, Falcão, Patto, Pardal, Pinto, Grillo, não faltando até Camello, Camarão, Sardinha, Jacaré, Cobra, Barata, Aranha e mesmo Cão! (Digo Cão, navegador).

Temos fulanos de tal: Pereira, Lavan-

geira, Limoeiro, Pecegueiro, Figueira, Macieira, Oliveira, Carvalho, Nogueira, Pinheiro, Loureiro, Salgueiro, etc.

Sicranos tal: Serra, Monte, Prado, Veiga, Couto, Ribeiro, Lago, Rego, Poça, Ceára, Horta, Quintal, Jardim, etc.

Temos fulanos de tal... qualquer cousa para ahi, como: Corrêa, Cunha, Lima, Machado, Rocha, Terra, Ferro, Palha, Madeira, Pederneiras, Areas e Barros.

Sicranos, finalmente, que são quasi sempre a antithese dos seus sobrenomes, como Delgado, Gordo, Crespo, Garrido, Cortez, Trigueiro, Bello, Feio, Moreno, Forte, Valente, Bravo, Callado, Justo, Severo, Pacifico, Gentil, Benevolo e por ahi além.

METHODOLOGIA



PHENOMENOS PHYSICOS E PHENOMENOS CHIMICOS

Deve a professora collocar sobre a mesa um copo, uma caneta, uma lamina de ferro, assucar ou sal, alcool, um fogareiro, um pedaço de gelo, etc.

— Luiz, que objecto tenho na mão ?

— Um copo.

— Que vê você atraz do copo, José ?

— Uma caneta.

— Sim, está vendo você a caneta com a sua propria fórma e com a sua propria côr.

— Sabe dizer qual é a côr desta caneta, Rubens ?

— Encarnada.

— Muito bem. Edson, tem alguma coisa dentro deste copo ?

— Não senhora.

— Oswaldo, você é da mesma opinião do Edson ?

— Sou, sim senhora.

— Pois vocês estão enganados; apesar do copo não conter agua, ou outro liquido qualquer, como vinho, leite, etc., está cheio de ar. Não existe vacuo no espaço. Vou agora, verificar quem comprehendeu; venha até aqui, José Maria. Existe algum corpo entre nós dois ?

— Existe.

— Muito bem. Quero saber que corpo é esse.

— O ar.

— E sabe porque esse corpo não impede que nos vejamos um ao outro sem que sirva entretanto de obstaculo ?

— Não senhora.

— Porque o ar é um corpo transparente. Para que o ar deixe de existir em qualquer lugar é preciso que se applique uma machina propria para retira-lo, chamada machina pnemautica. Egdar, que vê você agora dentro do copo ? Algum liquido ?

— Sim, a agua.

— Jayro, experimente esta agua ; tem sabor ;

— Não senhora.

— Não tem; os corpos que não têm sabor chamam-se insipidos; logo a agua não tendo sabor, é um corpo...

— Insipido.

— Muito bem. Eraldo, a agua tem algum cheiro ? Verifique.

— Não senhora.

— Tem côr, Propicio ?

— Tem, é branca.

— E' branca, meu filho, ella não tem côr. E' a agua um corpo insipido, por que não tem sabor; é um corpo inodoro, porque não tem cheiro; é um corpo incolor, porque não possui côr. Compreenderam ? Anthenor, será a agua um corpo inodoro ?

— Sim.

— Porque ?

— Porque não tem cheiro.

— Muito bem. Geruso a agua tem sabor ?

— Não senhora; é um corpo insipido.

— Zanellio, vae você dizer qual a côr da agua.

— Agua não possui côr, é um corpo incolor.

— Sim. (A professora põe um pouco de sal dentro d'agua.

Manoel, agora é a sua vez de beber um pouquinho d'agua; que careta !... está ruim assim ?

— Está muito salgada.

— Foi porque eu puz assucar, não concorda, Plandulpho ?

— Não, a senhora poz o sal.

— E está vendo você o sal ?

— Não senhora.

— Porque ? Não sabe ? Ouça: o sal dissolveu-se n'agua e as suas moleculas confundiram-se com as moleculas d'agua.

Molecula é a menor parte de um corpo. (A professora despeja a agua salgada dentro do papeiro, põe no fogareiro e deixa-a ferver. Durante esse tempo, ella procura distrahir os alumnos, afim de que os mesmos não fiquem aborrecidos.)

— Que está subindo do papeiro, Alvaro ?

— Fumaça.

— Bem. Aquella fumaça, que você vê, é a agua transformada em estado de vapor; isto é, a agua em estado gazozo. A agua tem tres estados: liquido, solido e gazozo. A agua em estado liquido é a que bebemos; em estado solido é o gêlo; olhem um pedaço, gostam muito de gêlo ?

— Gostamos.

— A agua em estado gazozo, é como vocês estão vendo; á proporção que a agua vae fervendo, vae diminuindo a quantidade que havia no papeiro. Esta agua em estado de vapor, pode voltar ao seu estado liquido.

— E pôde professora ?

— Pôde sim, reparem. (Tampa o papeiro com um pires.) Vou agora descobri-lo; que notam vocês ?

— O pires está cheio de uns pingos.

— Estes pingos ou gottas são effeitos da liquefação da agua, isto é, a agua em estado liquido. Reparem, o papeiro ainda tem agua ?

— Não senhora.

— Que tem agora ?

— Sal.

— Perfeitamente; é a isto que chamamos phenomeno physico. A agua evaporou-se deixando o sal. Sabem o que é phenomeno physico ?

— Já, sim senhora.

— Mario, você viu quando colloquei esta lamina de ferro, sobre a mesa ? Estava suja ?

— Não senhora, eu examinando-a notei que estava muito limpinha.

— E ainda está ?

— Não senhora, agora está manchada.

— Porque ?

— Não sei; observei que a senhora poz a lamina sobre a fumaça, collocando-a depois na janella; e seria por esse motivo que a mesma ficou manchada ?

— Foi; o ferro quando soffre alteração não pôde voltar ao estado primitivo, dando lugar ao phenomeno chamado chimico. Está a lamina cheia de ferrugem, portanto temos o oxido de ferro, que é a combinação do oxigenio do ar atmosferico com o ferro. Ficaram sabendo o que é phenomeno chimico ?

— Ficamos.

— E sabem dizer que differença existe entre phenomeno physico e phenomeno chimico ? Não sabem; vou explicar: phenomeno physico é o que não altera a molecula do corpo, e phenomeno chimico é o que altera a molecula do mesmo. Está terminada nossa lição. Na proxima aula vamos estudar a formação das nuvens.

TELCIDIA ARAUJO LIMA

Professora do Grupo Escolar "D. Pedro II".

UMA LIÇÃO DE CÔRES

MATERIAL DIDACTICO

Frasquinhas contendo anilinas dissolvidas, um jarro com varias flôres, cubos de côres diversas, etc.

Primeiramente exponha a mestra, em presença dos alumnos, um copo contendo agua, faça-os repararem um pouco e depois pergunte :

— Que é isto ?

Elles por certo responderão: um copo meio d'agua.

— Perfeitamente. Um copo com agua. Vocês poderão dizer-me de que côr é esta agua que está aqui no copo e a da que bebemos todos os dias ?

— A agua, professora, não tem côr.

— Sim. A agua não tem côr, por isto dizemos que a agua é incolor.

Olhem agora para o copo. (Deita um pouco de anilina vermelha, mexe bem e depois pergunta) : Que aconteceu agora á agua ?

— Ficou vermelha.

— Muito bem. A agua que ha poucos instantes não tinha côr, ficou vermelha, agora.

Vocês já brincaram alguma vez, cortando qualquer cousa com uma faca ou canivete ?

— Já, sim senhora.

— E nunca se deu o caso do canivete se desviar e pegar os seus dedinhos ?

— Já, e muitas vezes.

— Cortou o dedo, não foi assim ?

— Foi.

— Que foi que escorreu do seu dedinho assim cortado ?

— Foi o sangue.

— E de que côr é esse sangue que percorre todo o nosso corpo ?

— E' vermelha.

(A professora tirando do jarro uma rosa.) Como se chama isto que tenho na mão ?

— Uma rosa.

— Então, vocês, que são meninos inteligentes, poderão dizer-me de que côr é esta rosa bonitinha e cheirosa que tenho aqui ?

— E' vermelha.

— Ariel, mostre-me nas cartas de linguagem, alguma cousa que tenha mais ou menos esta côr que você está vendo aqui neste copo.

(Ariel apontando na carta:) — O vestido desta menina é vermelho, a crista do gallo é vermelho, o chapéo da boneca é vermelho e as meias deste menino tambem são vermelhas.

Muito bem. Esta côr vermelha que, vemos sempre, é uma côr primaria, é a côr mãe, foi uma das primeiras côres que appareceram, por isto tomou o nome de primaria, que quer dizer — primeira.

A professora chamará um alumno e mandará escolher entre os objectos presentes, um que tenha a côr que acabamos de conhecer e o apresentará aos outros collegas, assim: tenho na mão um cubo vermelho, de côr primaria, porque não se ferrou de nenhuma outra côr.

(A mestra deitando em outro copo com agua, um pouco de anilina azul :)

— São eguaes estas duas côres ?

— Não senhora.

— Porque não são eguaes ?

— Porque uma é vermelha e a outra é azul.

— Vocês conhecem alguma cousa que tenha mais ou menos esta côr ? Mostre-a no mappa de linguagem.

— O céu é azul, o avental da boneca é azul e esta bola é azul.

(A professora apresentando o terceiro copo :)

— Vou mostrar agora a vocês, outra côr muito bonita, e deitando nagua um pouco de anilina amarella, pergunta :)

São eguaes estas tres côres ?

— Não senhora; uma é vermelha, outra azul e esta ultima é amarella.

— Conhecem vocês alguma cousa com esta côr amarella ?

— Sim. O meu canario é amarello, o

bico do pato é amarello, e este pintinho é amarello tambem. A professora chamará uma alumna e dir-lhe-á : Folinha vá áquelle conjuncto de flôres e veja se encontra uma florinha amarella.

Acertou. Agora olhem todos para a mesa.

(Com os tres copos juntos.)

Estão aqui as tres côres primarias: vermelho, azul e amarello. Receberam este nome porque foram as primeiras que appareceram. Veremos agora se com estas tres côres poderemos formar novas côres. A professora deita em outro copo um pouco de anilina vermelha e em seguida um pouco de anilina amarella, depois de bem misturadas diz: viram que belleza, que transformação maravilhosa ? !

O vermelho com o amarello produziram outra côr linda — o alaranjado.

Jonas, veja se você encontra um cubo parecido com esta côr.

— Prompto.

— Muito bem. E de que côr é o seu cubo ?

— E' alaranjado.

— Sabe tambem como se formou ?

— Sei, sim. Foi deste cubo vermelho com este amarello.

— Pois bem; vamos agora misturar um pouco de anilina vermelha com a azul para ver se resulta a mesma côr. Estão vendo ? Formamos outra côr differente. Sabem que nome tem esta nova côr ?

Chama-se — roxo.

Já viram de que se formou o roxo ?

— Eu sei, foi do vermelho com o azul.

— Mostre-me agora nos cubos as côres que formaram esta nova côr.

— Prompto.

— Muito bem. Vamos formar outra côr. (Deita em outro copo o amarello e um pouco do azul. Depois de bem mexidos em presença dos alumnos, diz : Que linda côr ! A côr de nossa bandeira. Como

se chamará esta côr, que tanto apreciamos ?

— Verde.

— Acertaram. E' verdade mesmo.

Vocês me poderão trazer aqui, alguma cousa com esta côr !

— Olhe aqui: as folhas das rosas são verdes.

— Quem quererá formar com os dados esta nova côr ?

— Eu, professora.

— Está direito. O amarello com o azul formaram o verde.

Já viram quantas côres lindas ? ! Estas tres côres que appareceram agora, — o alaranjado, o roxo e o verde são côres secundarias ou segundas. E sabem porque tomaram este nome ?

Porque foram formadas, como vocês acabaram de ver a pouco, destas tres aqui, (mostrando) que foram as primeiras. Agora para terminar, vou mostrar a vocês outra cousa. Deita um pouco de anilina branca em outro copo com agua e pergunta aos alumnos se o que está no copo representa alguma côr.

— Sim. Representa o branco.

— Pois olhem. Diz-se que o branco não é propriamente uma côr e sim uma combinação de côres, e que se nós podessemos reunir em partes eguaes todas as côres, que existem no mundo o resultado seria o branco. Mas !... Se a mamãe perguntasse a vocês, de que côr é o leite ? Que lhe responderiam ?

— Eu diria que é branco.

— E diria muito bem.

Eu não vejo motivo plausivel para se dizer que o branco não merece o nome de côr. Agora, Zequinha, procure um cubo de côr branca e mostre-o aos seus colleguinhas.

— Olhem aqui.

(A professora mostrando o copo com anilina preta). Quem conhece isto ?

— Eu, é um copo de côr preta.

— Sim. E' um copo com anilina preta. Que acham vocês ? E' mesmo preta esta côr ?

— E' sim, senhora.

— Pois, não querem tambem que o preto seja uma côr exacta. Muitos dizem que o preto não é uma côr, é apenas a ausencia da luz e de todas as côres. Não duvido. Mas, se a sua mamãe pergunta: filhinha, de que côr é o carvão ? Por certo você lhe responderá :—preto. Não é assim ? Ainda temos muitas côres lindas que vocês irão conhecendo quando passarem para as classes mais adiantadas. Agora vou terminar com uma adivinhação. Com que foi que vocês viram tantas côres bonitas, estas lindas flôres, e estes cubos pintadinhos ?

— Com os olhos.

— Muito bem. E' por meio destes olhos bonitinhos, que vocês conhecem o papae, a mamãe, os maninhos, as flôres, as côres e tudo quanto existe sobre a terra.

MARIA ROSALIA AMBROZZIO.

ZOOLOGIA

— Paulo, é chegado o momento de tratarmos da *zoologia*.

Vocês sabem que a tudo o que existe na natureza chamamos *ser*, e sem duvida notaram que todos os *seres* não são iguaes. O menino sabe que ha differença entre a pedra, o giz, a banca, as plantas, os homens, etc.; mas não sabe que o giz a banca, a pedra são *seres inanimados*, isto é, seres que não têm vida; as plantas e os homens são *seres animados*, portanto seres que vivem.

Na aula passada nós estudamos uma parte dos seres vivos, estudamos as plantas, não foi ? e eu lhes disse que a parte da Historia Natural que estuda as plantas chama-se *botanica*. Agora vão ficar sabendo que a parte que estuda os animaes chama-se *zoologia*.

Paulo, exemplo de alguns animaes ?

— A vacca, o camello, a gallinha, o sapo, o macaco.

— Muito bem.

E o homem tambem não é um animal ? E' sim, o homem é um animal differente dos outros por ser doptado de raciocinio e de sentimentos, que os outros animaes não possuem e que por isso são considerados inferiores. Portanto, o homem é um animal racional; e o cachorro, o galo, o boi são animaes irracionaes.

Ha uma parte da zoologia que estuda exclusivamente o homem, esta parte chama-se *anatomia humana* ou *anthropologia*. Devemos estudal-a na proxima aula. Hoje, porém, trataremos sómente da *zoologia* em geral.

Qualquer menino intelligente e curioso pôde observar que a formiga, o sururú, a ostra são animaes completamente differentes do macaco, da gallinha, da cobra, etc., tanto pelo tamanho como pela conformação; a ostra a formiga são animaes moles, desprovidos de ossos, ao passo que o cachorro, o gato, a gallinha possuem um esqueleto e se caracterizam por uma reunião de ossinhos chamados vertebras, que se acham na parte posterior do esqueleto; devido a estas vertebras, são elles chamados animaes *vertebrados*.

Os animaes vertebrados pertencem a diversas familias.

Dos *vertebrados* nós conhecemos: o macaco, o cachorro, o gato, o lebre, o rato, o tatú, etc., que são animaes *MAMMIFEROS*, isto é, animaes que têm mammas.

— Aloysio, dê exemplo de um mamifero ?

— A preguiça.

— Muito bem.

— Vocês precisam de saber que o morcego, a baleia, que muita gente pensa ser um peixe, os cassacos e os vampiros, são tambem *mammiferos*.

Vamos ver outros vertebrados: a gallinha, o urubú, o papagaio, o pombo têm o corpo coberto de pennas e possuem bico, a estes chamamos AVES.

O tubarão, o pirarucú, o bacalhão são animaes que vivem nagua, doptados de vertebras, são chamados PEIXES. Os sapos, e as rãs são os BATRACHIOS, tambem animaes vertebrados.

As cobres, as tartarugas, os kagados, o jacaré são REPTIS; reptis são animaes que se arrastam pelo solo.

Agora, Jorge, você vai repetir quantas especies de vertebrados conhece.

— Os *mammiferos*, as *aves*, os *peixes*, os *batrachios* e os *repteis*.

— Muito bem. Porque estes, são vertebrados ?

— Porque tem vertebras.

— Perfeitamente.

— Anthenor, exemplo de mammiferos ?

— O carneiro, o tatú, o macaco, o morcego, o preguiça, a baleia.

— Bem.

— José, exemplo de aves ?

— O perú, o urubú, a gallinha.

— Sim; exemplo de reptis ?

— As cobras, os kagados.

— Porque a cobra é um reptil.

— Porque se arrasta no solo.

— Cite, Luiz, alguns batrachios ?

— O sapo, a rã.

— E, alguns peixes ?

— O bacalhão, a tainha, a carapeba.

— Muito bem. Vamos agora ver quaes são os invertebrados.

— O siri, o camarão, o caranguejo, o pitú não possuem vertebras e são chamados CRUSTACEOS; os crustaceos têm o corpo coberto de uma substancia resistente que os defende dos outros animaes.

São invertebrados, ainda, a lesma, o sururú, o caramujo, a ostra, que se denominam MOLUSCOS; e a abelha, o mosquito, a

mosca, o grillo, o bizouro, e as formigas que são chamados INSECTOS. As formigas são animaes interessantes, possuem uma linguagem mimica importante, por meio das antenas, pequenos musculos tacteis dianteiros.

Já repararam os meninos que a formiga interrompe a marcha, sempre que encontra outra, ambas estacionando para se comunicarem ?

— A formiga é um animal interessante, porém devemos fazer-lhe guerra, sem treguas, porque acabam com as plantas mais uteis e mais bellas. E', portanto, um animal daninho; devemos destruir todos os animaes nocivos, e ao mesmo tempo proteger todos os animaes uteis.

— Diga, Luiz, quaes são os invertebrados que conhece ?

— Os *moluscos*, os *crustaceos* e os *insectos*.

— Paulo, exemplo de alguns insectos ?

— A abelha, o bizouro, a esperença, a traça, etc.

— Aloysio, exemplo de um crustaceo ?

— O siri.

— Muito bem.

— Anthenor, alguns moluscos ?

— O sururú, a ostra.

— Sim.

— Porque são, moluscos ?

— Porque têm o corpo mole.

— Perfeitamente.

— Terminando a nossa lição fico certo de que adquiriram vocês algumas noções indispensaveis de zoologia geral.

NAIR CORDEIRO DOS SANTOS.
Professora do Grupo Escolar Modelo "D. Pedro II".

A ALAVANCA

Alguns pedreiros trabalhavam nos alicerces de uma casa.

Pedrinho gostava de observalos e delles se acereava durante parte do dia.

Quasi todas as manhãs appareciam caminhões carregados de pedras. Havia alli pedras de todos os tamanhos, pequenas como um côco da Bahia e grandes que tres ou quatro homens juntos não podiam levantar-as do chão.

Os pedreiros aproveitavam todas as pedras. Quando precisavam de uma pedra grande pegavam numa barra de aço, grossa, e collocavam uma das pontas debaixo da pedra apoiavam a barra de aço sobre um tóco de madeira dura e forcejavam na outra outra da barra.

A pedra ia rolando, aos poucos, até o ponto em que devia ser collocada.

Pedrinho soube logo que a barra de aço chamava-se alavanca.

O papae explicou-lhe que a pedra movida pela alavanca tambem tinha um nome: resistencia.

O toco de madeira dura sobre o qual se apoiava a alavanca chamava-se fulchro ou ponto de apoio.

A força empregada pelos pedreiros para moverem a pedra denominava-se potencia.

— Mas você, acrescentou o pae, já conhece outras alavancas. O monjolo é uma alavanca. A agua é a potencia. O peso da mão: a resistencia. Os esteios sobre os quaes se apoia o travessão do monjolo são o fulchro.

O carrinho de mão é outra alavanca.

A carga que vae no carrinho é a resistencia. A força da pessoa que empurra é a potencia. O eixo da roda sobre o qual se apoio o carrinho é o fulchro.

O pedal da machina de costura é tambem uma alavanca.

A força do pé da costureira é a potencia.

Os pontos em que se apoia o eixo que fica em baixo do pedal são o fulchro.

As engrenagens da machina são a resistencia.

Repare, agora, em outra cousa: na alavanca dos pedreiros e no monjolo o fulchro está no meio.

No carrinho de mão é a resistencia que está no meio.

Temos, portanto, tres typos de alavanca: interfixa, interresistente, interpotente.

Temos, portanto, tres typos de alavanca: interfixa, interresistente, interpotente.

Alavanca interfixa é a que tem o fulchro no meio.

Alavanca interresistente, quando está no meio a resistencia.

Alavanca interpotente, se está no meio a potencia.

Uma tesoura é formada de duas alavancas. O alicate, o quebra-nozes, a torquez tambem são formados de duas alavancas e, por isso, são chamados systemas de alavancas.

A tesoura, o alicate, a torquez, o frisor são systemas de alavancas interfixas.

O quebra-nozes, o espreme-limão, o amassa-rolhas são systemas de alavancas interresistentes.

O pega-brasas, a pinça, o pega-doces são systemas de alavancas interpotentes.

Da Revista Escolar infantil de S. Paulo.

O ensino da lingua portuguesa deve constituir sempre e cada vez mais a grande preocupação do professor, sobretudo do professor primario que vae formar a base dos conhecimentos da criança. Nesta materia o methodo é tudo. E' preciso primeiro saber escrever certo, para depois aprender o porque

A Educação

Embora ensine ha muito pouco tempo, não tendo portanto pratica bastante para conhecer o caracter subtil e divergente das creanças, esforço-me para bem comprehender-o, e assim quero dizer algumas palavras, humildes e fracas, sobre a educação.

Da nobre e ardua missão de ensinar, é talvez a educação a parte mais escabrosa, e por esta razão um pouco difficil de obter.

Muitas vezes o esforço empregado, para dar uma certa civilidade aos alumnos, é completamente desfeito nos lares, onde, deveriam ter continuação os ensinamentos educativos das escolas.

Não desanimar, porém, apesar dos revezes da existencia, esforçar-me para bem cumprir com os meus deveres, e terei vencido.

A maneira correcta e polida, que devem têr as creanças para com os paes e mestres assim como para com os irmãos e collegas custa-se muito a conseguir, principalmente se não houver igual cuidado por parte dos paes, causadores directos da bôa ou má educação de seus filhos.

Um dos pontos mais importantes e que requer o maximo cuidado por parte da professora é a hygiene.

Não a parte da hygiene que trata da construeção dos predios onde funcionam as escolas, da disposição das salas de aula, da organização das carteiras, dos objectos necessarios ao uso do professor, etc. tão esclarecida pelos pedagogos e hygienistas, mas da que deve manter nos proprios alumnos.

E' extremamente desagradavel, deparar-se ao par de uma sala de aula devidamente preparada, com todos os requisitos indispensaveis da Pedagogia, uma porção de meninos poucos limpos, mal assejados,

os quaes causam sempre uma certa repulção, apesar dos esforços empregados para tel-os ao lado, ensinando-lhes, ministrando-lhes os conhecimentos necessarios.

Por mais que se peça aos alumnos que compareçam ás aulas, não só com o vestuario e o corpo assejados, bem como os seus livros e cadernos, muito poucas vezes se é attendida.

O descuido natural das creanças, e muitas vezes a falta de cuidado e hygiene de alguns lares, concorrem ou antes impedem que tenham algum proveito os conselhos da professora.

Para se conseguir alguma coisa por parte de alumnos é necessario muita paciencia, e felizmente tendo-a em bôa quantidade, escolho um dia em cada semana, dia este que mudo sempre, afim de que os meus educandos não estejam prevenidos, para fazer uma lição a que chamo "aula de Civilidade", a qual termino por um exame geral aos cabellos, ouvidos, unhas e dentes de todos os alumnos.

Faço-a geralmente no dia em que tenho menos trabalho e noto que é uma aula grandemente apreciada pelas creanças, pois não sómente, *elogio aquelle que se apresenta mais bem tratado, como levanto a nota de sua conducta.*

Qual a criança por mais desleixada que seja que deseje ser observada diante dos collegas, por estar com as unhas ou os dentes sujos, principalmente sendo do sexo feminino ?

Todas querem brilhar por serem cuidadas com o seu corpo, talvez por um pouco de vaidade, mas vaidade esta que muito contribue para que ao lado de uma profunda inclinação se possa encontrar, nos futuros homens, hoje creanças brasileiras uma não menos solida educação.

FLORA MALTA FERRAZ.

LIÇÃO DE COISAS

- Mariana, de que é feito o teu calçado?
 — Meu calçado é de couro.
 — Sabes como se pôde obter o couro, de que é feito ?
 — Sei, sim, senhora. O couro é feito com pelles de animaes.
 — Pódes dizer o nome de alguns desses animaes ?
 — O boi, o veado, a camurça e muitos outros.
 — Com a pelle do boi se faz um couro grosso, que se colloca na parte inferior do calçado. Sabes como se chama ?
 — Sim, sei, senhora. E' a sola.
 — Muito bem. E que é que se pôde fazer com a sola ?
 — Arreios, cintos, polainas, correias, redeas, etc.
 — Falaste em arreios. Quantas especies de arreios conheces ?
 — O sellim dos cavallos de montaria, o silhão para mulheres que andam a cavallo, o arreio da carroça, o arreio do troy, o arreio do carro.
 — Que é que pôde fazer com o couro ?
 — Calçados...
 — E's capaz de dizer-me as especies de calçados que conheces ?
 — Botinas, sapatos, sapatinhos, borzequins, botas, sandalias, chinellos, etc.
 — Que mais se pôde fazer com o couro ?
 — Bolsas...
 — De que especies ?
 — Bolsas para collegiaes, para senhoras, para homens, para nikes etc.
 — Que mais ?
 — Malas de mão, maletas, malas grandes, etc.
 — Bem. Pódes continuar.
 — Carteiras para dinheiro, para papeis, etc. Pastas para escriptorios, para collegiaes, etc. Capas para livros encaderna-

dos. Carneiras, para chapéos. Mochilas para soldados. Luvas. Colleiras para cães. Chapéos. Bonés, etc.

OS REINOS DA NATUREZA

Os meus meninos conhecem, com toda a certeza, a pedra, a agua, a terra, a areia, o ar, o ferro, o ouro, o cobre, o enxofre.

Sabem, tambem, o que é uma roseira, um pecegueiro, uma jaboticabeira, um cão, um gato, um cavallo e um macaco.

Façamos, então, tres grupos :

1.º — pedra, agua, terra, areia, ar, ferro, ouro, cobre, enxofre.

2.º — roseira, pecegueiro, jaboticabeira, craveiro.

3.º — cão, gato, cavallo, macaco.

Se tirarmos a pedra de um logar e o collocarmos em outro, nenhuma mudança se realizará na pedra.

Tirando, porém, uma roseira do logar em que está plantada e ponda-a sobre uma mesa, a roseira seccará.

Que conclusão tiraremos disso ? E' que a roseira tem vida e a pedra, a areia, o ar não têm vida.

Não é só a roseira que tem vida. Todas as plantas têm vida. Os animaes tambem têm vida, são seres vivos.

A pedra, a agua, a areia, a terra, o ar; o ferro, o ouro e o enxofre são seres brutos, são mineraes e formam o reino mineral.

A roseira, o craveiro, o pecegueiro, a jaboticabeira, o jasmineiro são vegetaes e constituem o reino vegetal.

O cão, o gato, o macaco, o cavallo, a rã, o tubarão, a borboleta são animaes e formam o reino animal.

Ha differença entre os mineraes e os animaes e vegetaes. Os mineraes não nascem, vivem, nutrem-se, reproduzem-se e morrem como acontece com os vegetaes e animaes.

Entre os animaes e vegetaes tambem ha

diferença. Os animaes, em geral, nascem, vivem, nutrem-se, reproduzem-se e morrem no mesmo lugar.

Os meninos estarão curiosos de saber como são formados os animaes e os vegetaes.

Comecemos pelos animaes.

Já viram uma laranja bahiana ?

A laranja tem, por fóra, a casca. No interior estão os gomes e uma especie de umbigo, que parece uma laranja pequenina dentro da laranja maior.

Os animaes são formados de cellulas. As cellulas são bolinhas pequenissimas parecidas com a laranja bahiana.

A parte de fóra, a casca, chama-se membrana. Os gomos da laranja são o protoplasma. O umbigo, isto é, a laranjinha, é o nucleo.

A cellula apresenta tres partes: a membrana, o protoplasma e o nucleo.

Ha animaes formados de uma cellula e são, por isso, chamados animaes monocellulares ou unicellulares.

A ameba é um animal monocellular.

A ameba é constituída de uma só cellula, mas essa cellula não tem membrana, só apresenta protoplasma e nucleo.

O protoplasma e o nucleo são, portanto, as partes essenciaes da cellula.

Se cortarmos uma cellula em duas partes: uma ficará com o nucleo e outra sem elle, sómente a parte que ficou com o nucleo continuará a viver, a outra morrerá.

Só ha vida onde houver protoplasma nucleado, sem protoplasma nucleado, a vida não existe. Os seres vivos são, todos, constituídos de protoplasma nucleado.

Os animaes formados de muitas cellulas chamam-se animaes pluricellulares.

No homem ha um trilhão de cellulas. Um trilhão é representado pelo algarismo um, seguido de doze zeros :.....
1.000.000.000.000.

As cellulas são pequenissimas e só podemos vel-as ao microscopio.

Nem todas as cellulas têm a fórmula de bolinha, isto é, a fórmula espherica. Algumas são cylindricas, estrellares, polygonaes, etc.

A BALANÇA

A balança é uma alavanca interfixa.

Reparem na balança da pharmacia. Ha duas conchas pequenas dependuradas num travessão de metal.

Por baixo do travessão ha uma barra que o sustenta: é o suporte.

No suporte ha uma reintrancia que se chama almofada.

O ponto do travessão que tóca na almofada é de aço e denomina-se cutello.

Na parte de cima do travessão vê-se um ponteiro: é o fiel da balança.

O fiel da balança oscilla deante de um arco graduado, no meio do qual está um zéro.

Do cutello até a uma das pontas do travessão temos o braço do travessão. Do cutello até a outra ponta o outro braço do travessão.

A balança para ser bôa deve ser justa e sensível.

E' justa quando os braços do travessão têm igual comprimento e igual peso.

E' sensível quando os braços do travessão são compridos e leves.

Vocês conhecem as balanças dos armazens. As conchas ou pratos não estão dependurados no travessão. Apoiam-se sobre elle. São balanças Roberval.

Conhecem, com certeza, as balanças dos peixeiros. Têm os braços do travessão desiguaes, um comprido e outro muito mais curto. Chamam-se balanças romanas.

A balança decimal de Quintenz e as balanças das estradas de ferro tambem são balanças de braços desiguaes.

O VOCABULO PARAHYBA

Wenceslau de Almeida

Dentre o acervo já muito opulento de palavras tupis-guaranis que definitivamente se incorporaram ao lexico de nossa lingua, bem que pela maior parte modificadas na sua estrutura phonologica, nenhuma certamente em valor extrinseco sobrepuja ao tetrasyllabo de que nos vamos occupar linhas abaixo, se attendermos que além da latitude de sua significação geographica, serviu outr'ora para nomear um dos grupos ethnographicos dos primitivos habitadores do Brasil (1) e serve ainda na actualidade para designar uma das especies mais conhecidas e prestimosas de nossa flora.

Mas aqui só temos que considerar o toponymo, sua significação etymologica, sua representação graphica.

O vocabulo *Parahyba* designa três rios do Brasil e regiões que elles serventiam.

As duas correntes mais importantes pelo volume das aguas que encerram, pela extensão dos terrenos que fertilizam e, ainda, mais consideraveis do ponto de vista historicos,—cedo procurou-se distinguir nominalmente, accrescendo ao sympathico e expressivo termo indigena a posição em que as ditas correntes se collocavam em relação aos pontos cardeaes.

Assim, o caudaloso curso originario da serra da Bocaina recebeu

no seu nome o attributo — *do Sul* — e aquelle pelo qual se conhecia a massa fluida que tem por berço a serra Jabitacá oppoz-se o colectivo — *do Norte*.

O terceiro rio, isto é, o menos notavel dos Parahybas, pôde ainda por muito tempo, até os nossos dias, conservar inalterada a estrutura onomastica, o designativo pelo qual o aborigena baptisou o manancial da serra do Gigante, tarde conhecido do civilizado que, pelo menos na parte superior do rio, só utilisou-o transcorridos quasi seculo e meio do descobrimento do Brasil. (2)

Incolume por mais de tres centurias, das invocações, quasi sempre infelizes na toponimia, o designativo do nosso rio natal só ha uns trinta annos surgiu, nos compendios escolares, accrescido de uma relação attribuitiva, a exemplo dos rios homonymos.

A novidade tem a sua historia. Tracemol-a:

Ao se referir a esta unidade potamographica da *chorographia do Brasil* consagrado a Pernambuco, dr. Alfredo Moreira Pinto observou, com apoio numa informação sem fundamento, que nas nascentes se lhe dá nome de *Parahyba do Sul*. E attentando para a irracionalidade desse modificativo escreveu em nota :

“Nós diriamos Parahyba do Meio por causa do Parahyba do

Sul, de S. Paulo, Minas e Rio".
(3)

Mais tarde, em 1894, o benemérito professor faz no *Diccionario Geographico do Brasil*, uso da justa-posição que apenas alvittrara no trabalho anterior, christando assim o nosso rio.

Sem duvida, quer nos parecer, orientado pela citada nota de Moreira Pinto, aliás muito judiciosa, o dr. Antonio Alexandre Borges do Reis, conhecido professor bahiano, mencionou o rio alagoense sob a innovação cabivel, é certo, mas sobremodo desgraciosa de *Parahyba do Meio*.

E assim tambem o mencionaram, algum tempo depois, a *Encyclopedia Portugueza*, publicada em Lisboa sob a direcção do prof. Maximiano Lemos, o *Diccionario Practico Illustrado*, de Jayme de Séguier, o *Compendio de Geographia* do dr. Pinheiro Bittencourt, o *Atlas* organizado pelo prof. Olavo Freire e, ultimamente, a *Encyclopedia e Diccionario Universal*, edictada no Rio de Janeiro.

O appendice, entretanto, não appareceu até hoje em nenhum trabalho chorographico surgido aqui no Estado, em nenhum documento official que se relacione com o rio em apreço.

Em apoio dá assertiva lembraremos a collecção do *Almanak do Estado*, finda em 1897, a *Carta Chorographica do Estado de Alagoas*, organizado em 1893 pela Commissão de Emigração e Collo-nização, o *Indicador Geral do Estado* (1902), *Viçosa de Alagôas*, pelo Dr. Alfredo Brandão (1914), a *Physiographia de Alagôas* me-

moria apresentada ao congresso de Geographia pelo Dr. M. Moreira e Silva (1919).

O dr. Alfredo Brandão, porém, applaude a suggestão de Moreira Pinto, pois que assim, disse elle, evitar-se-ia confusão entre os dous outros Parahybas, o do Norte e o do Sul.

Muito pequeno como é o tributario da lagoa Manguaba, em comparação com os seus dous alentados homonymos, não nos parece justificado o receio, de modo que se faça preciso uma innovação anti-esthetica, como se nos afigura.

Fallemos agora da etymologia, da significação intrinseca do vocabulo. Consoante a opinião mais seguida, elle representa a fusão de dous vocabulos tupis (*para aiba*), indicando o primeiro um substantivo e o segundo, no caso vertente, um qualificativo, ordem de construcção muito commum na occurrencia de dous nomes justa-postos, em que o segundo em geral rege o primeiro. Alguns interpretores, entretanto, justificam de outro modo a decomposição: — *Parai-iba*, na qual o ultimo elemento passa a ter a funcção de genitivo.

Vejamos como se tem em portugês comprehendido essas dicções:

Pará, o rio, segundo uns, mar segundo outros. Terceira opinião, conciliando o entender de uns e de outros amplia o significado da palavra, que passa a ter ambos os valores.

Aiba (*aib*) ruim, imprestavel, mau, gasto, arruinado, penoso, escabroso, pequenino; ferida, chagas, mato, brenhas.

Iba (ib) arvore, mastro, haste, braço, cabo (não são no sentido de extremidade, parte de utensilio, mas tambem como expressão geographica — cabo do rio ou do mar. segundo o sr. Ignacio José Malta).

A traducção de Parahyba deve, portanto, escudar-se no primeiro ou num dos dous vocabulos que se lhe seguem, attendida a caracteristica do rio que nomea ou os accidentes mais notaveis dos lugares ribeirinhos.

Ha, todavia, opiniões as mais desencontradas sobre o assumpto. algumas dellas simplesmente ridiculas.

Segundo todas as probabilidades, foi Elias Herckman o primeiro homem de letras que procurou estudar a contextura do vocabulo, quando em 1639, escrevendo uma *Descripção Geral da Capitania da Parahyba* (4) encorporou a esse valioso trabalho a explicação de grande numero de palavras pertencentes á terminologia indigena. Para o onomastico da região sobre a qual discorria deu o operoso e malogrado auxiliar das Indias Occidentaes o significado de *mar corrompido ou agua má* ou, *ainda, porto mau para se entrar* — porto sinuoso cuja entrada é má “pois *Pará* quer dizer rio ou porto com uma curva e *yba* significa mau, de onde se segue que esse rio, o maior dessa região (Parahyba do Norte) tira o seu nome da bocca ou entrada sinuosa que tem...”

Commentando as interpretações do escriptor hollandês, o dr. Theodoro Sampaio num artigo inserto da Revista do Instituto Archeolo-

gico e Geographico Pernambucano, vol. XI, affirmou que o significado attribuido ao nome em questão não procede, pois que, em tal caso, o indio terá empregado a expressão *Ypanema* ou *Paranema*.

E elucida : “Parahyba é o mesmo que *Para ayba* e se traduz rio ruim ou impraticavel por motivo de difficuldades oriundas do proprio leito. Costumavam os selvagens denominar *parahyba* ou *paranahyba*, os trechos encachoeirados, inacessiveis á navegação. O Tietê, tambem conhecido por Anhemby, tem um trecho encachoeirado que os indios denominavam *Paranahyba*.”

Temos depois de Herckman a traducção de d. Domingos de Loreto Couto :—*rio caudaloso*, na obra a que deu o titulo de “Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco”, de 1750, mas somente publicada em 1904 nos Annaes da Bibliotheca Nacional. E’ pena, porque seria curioso, não tivesse o illustre beneditino justificado a interpretação. Provavelmente teria corrido para isso a existencia em guarani, ou tupi do sul, do adverbio *aib* com o significado de muito assás, bastante, segundo o vocabularo do dr. Baptista Caetano.

O padre mestre Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão acreditava que Parahyba era simples corruptela de *Pira-aiba*, peixe mau.

A “Collecção de etymologias brasilicas” do erudito frade, inserta primeiramente no tomo VIII da Revista do Instituto Historico, do Rio, vem transcripta no 2.º vo-

lume da *Chorographia Historica* de Mello Moraes, aonde a respeito o sr. Ignacio José Malta faz um “Breves reparos”, entre os quaes o de que o nosso vocabulo não vem de Pira-ayba (5) nem significa peixe mau, vindo porém, de *Para*, rio ou mar, e de *Yba*, ponta de terra entrada no mar ou rio, isto é, cabo.

Milliet de Sant Adolphe no seu Dictionario Geographico Historico e Descriptivo do Brasil (1845) assim decompoz o termo em seus elementos de formação: *Pará*-rio, *hyba* agua clara. Consequentemente: *rio de aguas claras* ou *das aguas claras*, na conclusão de Teixeira de Mello e Moreira Pinto.

Martius relacionando o vocabulo no *Glossaria Linguarum Brasiliensium* limita-se a dizer que tem varia etymologia, mas acrescenta: “Aliis agoa clara Milliet”.

Assim modificada essa versão resurge n’um livro didactico, *La Terra Illustrée*, de F. I. C. *eau claire*.

Varnhagen, o visconde de Porto Seguro (*Historia Geral do Brasil*) referindo-se ao Parahyba do Norte opinou pela significação *rio mau*. Justificando-a, não alludiu aos accidentes do rio, mas ao costume do selvagem qualificar os cursos d’agua conforme os sentidos que com elles se relacionam os objectos nomeados, chamando-lhes, por exemplo, bons ou maus se os havia sido aos nomeantes, de onde vem, concluiu, *Parahyba, Parnahyba, Paranahyba* — rio mau.

No *Vocabulario das palavras Guaranis usadas pelo traductor da Conquista Espiritual do Padre A. Ruiz de Montoia* (Annaes da Bibl.

Nac. vol. VII) não se dicionarisa *Parahyba*, mas *Parai*, agua do mar, agua salgada (*para-ig*) braço de mar, lagamar, alagado (*para-ig*) que se “não deve confundir com *aparaib* e outros.”

Aqui não ha applicação alguma ao caso (6).

No *Ensaio accerca de alguns termos da lingua tupy conservados na geographia de Alagoas* (Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, vol. I, n.º 8), o dr. João Francisco Dias Cabral accceitou, sem todavia justifical-a, a significação de *braço de mar* para o affluente da lagôa Manguaba, significação que, por sua vez o professor Coriolano de Medeiros considerou adaptavel ao Parahyba do Norte.

Eis os fundamentos dessa opinião: “. . . e esta parece ser uma das mais accetaveis significações, pois os primeiros exploradores—geographos—que vieram ao Parahyba o consideraram—um braço de mar. Quem conhece o rio Parahyba sabe que não é impraticavel, nem corrompido, nem mau”.

Entretanto, das palavras com que o illustre parahybano se serve para descrevê-lo, deduz-se que o Parahyba do Norte, pelo menos na sua parte superior,—na sua maior parte — offerece obstaculos serios á navegação regular, de todo impraticavel em certos periodos.

“E’ mais propriamente um escoadouro: só no inverno tem consideravel volume d’agua, no verão apresenta ao sol a arêa branca do seu leito, onde permanecem a dis-

tancia, alguns poços..." (Dicc. do Est. da Parahyba).

Mesmo quanto á foz, já nos primórdios do século XVII o geographo Hessel Gerritsz notava-lhe numerosos bancos de arêa que lhe dificultavam o accesso (Ann. da Bibl. Nac. vol. XXIX).

Estas e outras circumstancias poderiam ter influido para a imposição do nome, segundo o modo de ver do Visconde de Porto Seguro.

Mas não adientemos opinião. Outras versões ainda vieram a surgir. Entre estas a consignada pelo dr. Macêdo Soares: — *mar pequeno*.

E' muito para sentir que se não ultimasse a população do meritorio *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*, sobr'estada no v. *candidateiro* (7) pois assim teríamos os fundamentos da interpretação, incidentalmente lembrada nos exemplos de composição dos brasileirismos innumerados em que tem entrada os diminutivos *tapis aiba* e *aiva*.

Para o illustrado dr. João Mendes de Almeida (*Diccionario Geographico da Província de S. Paulo*), Parahyba é corruptela de *Poró-aiba*, contraído em *Por'aib* "excessivamente escaboso". De *porô* para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *aib*, "mau", com o accrescimento de *a* por acabar em consoante. Allusivo, diz ainda João Mendes, a ter no leito (o Parahyba do Sul) muitas obstrucções, bancos de arêa, cachoeiras e saltos, como se vê no municipio de Queluz, que tornam impraticavel sua navegação regular; além dos banhados

marginaes produzindo molestias. São turvas as suas aguas".

Aproxima-se dessa versão a que se encontra no Almanak Popular Brasileiro para 1902: — *muito escabroso* (no artigo intitulado "Origem e significação dos nomes dos Estados do Brasil").

Ultimamente nova interpretação deu-nos o bacharel Affonso Ruy de Souza na memoria que traçou para o 5.º Congresso de Geographia, sob o titulo *Dos povos da America, especialmente os indigenas do Brasil*. Para esse autor Parahyba quer dizer *mar manso* (v. Annaes do referido Congresso pag. 585).

Curiosa, para não dizer extravagante, é a traducção que segundo uma das publicações diarias do Rio, *A Rua*, de 13 de Janeiro de 1818, teria attribuido o dr. Barbosa Rodrigues Junior: — *rio que nasce no céu* (Parahyba). (8)

Depois de haver no seu luminoso trabalho *O Homem Americano perante a linguistica* consignado a traducção do *rio mau* (o Parahyba do Norte), *rio ruim* (o Paranyba, de Pernambuco e Alagoas) o dr. M. Moreira e Silva deu á palavra a significação de *rio accidentado*, quando na *Physiographia de Alagoas* descreveu o segundo rio, sem nenhuma contradicção o mais pedregoso da região.

E' de notar que explicando o sentido da locução — *rio que forma um braço de mar*, do *Itacema*, José de Alencar que, como se sabe, foi assiduo cultor da lingua tupi-guarani, escreveu: "E' o *Parnahyba*.... Vem de *Para-mar*, *manhe-correr* e *hyba*-braço: braço corrente do mar.

Geralmente se diz que *Pará* significa rio e *Paraná* mar; é inteiramente o contrario”.

Esta opinião se afina a de Baptista Cactano e de outros interpretores, igualmente acatados. Todavia uma pergunta se impõe: Como explicar essa disparidade de tantos rios, riachos e ribeiros cujos nomes trazem aquella raiz?

Já notamos que a ella se tem attribuido igualmente o duplo significado de rio e mar. Ignacio Malta que a perfila faz a propósito citação do seguinte passo de Humboldt: “O radical (*pará*) entre povoações americanas distantes uma das outras mais de 500 leguas, designa mar, rio, agua, chuva, lago: ex.: os Cara-ybas Maypares, Brasis e Peruvianos”.

Mesmo Alencar depois de haver interpretado a palavra do modo que vimos, pareceu vacillar quanto ao seu verdadeiro sentido, por isso que numa das annotações do *Ubirajara* expressava o conceito de que *pará* “significou a grande abundancia d’agua e foi primitivamente empregado para designar os lagos e por ventura as vastas inundações do Amazonas” e que mais tarde, acrescentando-se-lhe o verbo *nanhe* correr, passou *paranam* a designar os rios caudalosos”.

Affirma o dr. Theodoro Sampaio (*O Tupy na Geographia Nacional*, 1902) que os indios primitivamente não tinham um vocabulo especial para designar o mar, considerando-o um rio enorme, cuja outra margem se lhes não divisava. Dahi *paraná*, contracção de *para-*

aná, elementos que traduzem aquellas idéas dos selvicolas.

Entretanto, na 2.^a edição daquelle trabalho (1914) o autor abona essa opinião para admittir aquella que dá para o oceano o mesmo nome de *pará* e attribue *paraná* ao caudal grande “semelhante ao mar”.

“Si, como opinam alguns scienistas, disse elle, os tupis eram um povo do interior, que só mais tarde, quando se expandiram, viram o mar, o nome com que o designavam deve ter sido um vocabulo derivado de outro, exprimindo idéa semelhante. A agua confinada ou lagoa *ypá* seria o vocabulo primeiro, traduzindo uma idéa, ou imagem de uma cousa familiar aos selvagens das regiões centraes, para quem o mar visto pela primeira vez, seria comparavel a uma lagôa de *aguas revoltas* ou *encrespadas* e dahi o nome *ypa-rá* que literalmente significa lagôa crespa ou agitada. De accordo com essa hypothese *pará* é simples derivado de *ypará*. Depois da expansão pelas regiões maritimas o nome *pará* ficou sendo em a definitiva a denominação do mar”.

A primeira opinião, todavia, parece-nos mais aceitavel.

Moreira e Silva no citado escripto *O homem americano perante a linguistica*, a nosso ver põe a questão nos seus verdadeiros termos quando, estudando os vocabulos *pará* e *paraná*, sustenta de modo vivaz que a significação de *rio* dada a esta e a de *mar* attribuido áquella palavra está em inteiro desaccordo com a verdade dos factos.

Acceitando com o dr. Th. Sam-

paio *ypá* (lagoa) como o primitivo nucleo de formação de um e outro vocabulo, o nosso illustre coestudante assim os decompõe: *y* agua, *ypá* lagôa, *ypa-rá* lagoa aberta, *ypara-na* lagoa aberta grande, isto é, rio grande ou mar.

Posta assim a questão, dissipadas se nos afigura toda as duvidas suscitadas relativamente ao vocabulo *Parahyba*, explicado, como o está de modo exuberante, que outra função a desinencia aqui não exerce que expressar a qualificação pejorativa da idéa traduzida no primeiro composto.

Essa foisem duvida a impressão que acudiu logo ao espirito rude, mas arguto do selvagem quando attentou para o alveo petreo do rio alagoense — o rio dos pedregaes, na expressão exacta e precisa do joven scientist Octavio Brandão Rego.

Semelhantemente foi o que teria succedido em relação ao *Parahyba* do Sul, consoante as palavras descriptas do dr. João Mendes.

Circunstancias mais ou menos analogos ou accordes aos motivos já expostos, teriam occorrido quanto ao *Parahyba* do Norte.

Nesses entraves á navegação, absolutos ou relativos, periodicos ou permanentes, vai nosso vocabulo encontrar a sua origem, os fundamentos de sua etymologia.

* * *

A escripta :

Se, conforme se documentou, a significação do *Parahyba* ha sido por tão differentes modos apreciada — através das accepções varias e até entre si contradictorias, a que os seus elementos de formação, ou

judgados como taes se prestam,—a graphia por sua vez há muitas vezes differido, bem que neste particular a divergencia se restrinja a representação da syllaba accentuada.

A occurrencia do hiato, por um lado, e o som *i*, por outro, são o motivo dessa variedade graphica, que consiste na recusa, por uns, e na justificativa, por outros, do *h* para o assignalamento da diereze, e do *y* para a caracterização daquelle som, que muitos acreditam diverso do correspondido em lingua portugueza, confundindo-o com o *i* especial do *abanheeng*.

De passagem note-se a existencia de duas formas discordantes, não já em relação á escripta, mas á propria phonetica, por isso que numa dellas se dá a troca e na outra a suppressão de uma letra.

Refirimo-nos *Paraiva* que encontramos em dous documentos scientificistas — e foram os unicos que tivemos ao alcance de nossa vista; atraves de traslados authenticos (9) — e *Praiba*, desautorizada prosodia que, aliás, por muito tempo se não vacillou, pelo menos aqui em Alagoas, empregar nas escripturas publicas e em papeis outros de official. (10)

Uma e outra forma serve, todavia, e de um modo inequivoco e expressivo, para attestar a simplicidade seguida na escripta da syllaba predominante, tal como surge dos primeiros autographos em que o vocabulo apparece, desacompanhado de qualquer notação prosodica (*Paraiba*).

Entre os papeis que dessa manei-

ra trazem escripta a palavra, salientamos pela sua irrecusavel authenticidade e importancia historica, o mappa de Diogo Homem, de 1529 (Bibliotheca de Weimar), e de Doet, organizado em 1596 e o de Lageren, que traz a data de 1596, todos elles reproduzidos em bellos *fac-similes* no atlas que acompanha a memoria do Barão do Rio Branco relativa á questão do Amapá.

Era a orthographia do padre Antonio Vieira e provavelmente a de Anchieta, o autor da primeira grammatica indigena, pois que do composto *aiba* fez sempre uso, assim orthographado.

Fôra tambem a forma preferida pelos que nos ultimos tempos estudaram o idioma selvagem: Baptista Caetano, Macedo Soares, Barbosa Rodrigues.

No seculo XVII era, quer nos parecer, a graphia mais empregada, segundo o demonstra o numero não pequeno de manuscriptos contemporaneos existentes na Bibliotheca Nacional e os diversos que o saudoso historiographo Irineu Ferreira Pinto trasladou para o seu livro *Datas e Notas para a historia da Parahyba*.

Quando em 1638 ou pouco antes, Nassau, o illustrado e benemerito governador do Brasil hollandês houve de conferir a diversas municipalidades um brazão d'armas destinado ao sello dos papeis officiaes, conservando a orthographia corrente na toponymia, incluiu entre esses emblemas um que no primeiro desenho trazia em circulo a legenda — *Camera van Paraiba*. (V. o *fac-simile* na Revista do Instituto

Arch. e Geogr. Pern. vol. XI, inserto com a memoria do dr. Alfredo de Carvalho relativa ao assumpto).

Todavia, em muitos papeis desses dias, afastadas a forma Parahiba apresenta-se, assignalando o *h* simplesmente a separação de vogaes, que noutros escriptos é apenas indicada pelo accento agudo, substituido em raros outros, e já mui posteriormente, por um trama, que, como se sabe, só muito tarde se introduziu entre as notações graphicas do portugûes.

Em concurrencia surgem tambem *Parayba* e *Parahyba* forma, esta ultima, que veio predominar do sêgundo quartel do seculo XIX em diante, tornando-se a graphia official.

Do primeiro destes dous modos escreviam Loreto Couto, Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres, Ignacio Malta e, na actualidade, o historiador Rocha Pombo.

A cartographia tambem nos apresenta exemplos desse modo de escrever, a contar desde logo, de uma reproducção, em 1566, do mappa de Diogo Homem.

No de Fernão Vaz Dourado, tambem desse anno, muito apagado aliás, parecer estar assim igualmente escripto.

Escusado seria particularizar as erronias, provavelmente oriundas de lapsos, taes como *Paraiuba*, *Parahia*, *Parayba Piraiba* e *Marayba* (esta na carta de João Mendes, de 1582).

Mas detenhamo-nos um pouco sobre a escripta usual :

Descorrendo sobre o *Y*, do em-

prego, ao seu ver condemnavel dessa letra, além das dicções provinidas do grego, José Alexandre Passos accentuou que o ingresso desse character na graphia da maior parte do nomes emprestados ao tupi tem a mesma improcedencia por que o introduziram em palavras lidomamente portuguezas com o valor, ora de *i* assyllabico, ora de *i* tonico.

Assim Parayba, disse elle "que correctamente se deve escrever com *i* procedido de *h* (Parahiba), da mesma forma que se pratica com outros nomes da desinencia *iba* (v. g. Guaratiba, Manguaratiba), juntando-se o *h* quando for preciso indicar separação de vogaes".

Transigia, entretanto, o erudito autor do meritorio, *Diccionario Grammatical Portuguez* com o uso do *i* na graphia dos nomes indigenas quando procedida de vogaes fortes (*tuyuyu, tuyuya*) (por exemplo) ou nos oxitonos (*Mucury, Parahy* etc.) com aquelle mesmo valor de accento agudo que tem o *h* em bahú, bahia e outros.

A tendencia moderna, porém é para a eliminção do *h*, quando não represente os sons palataes (grupos *ch—x, th, nh*) ou o exija o rigorismo etymologico, por bem poucos seguido e tanto mais escusavel quanto se tem a considerar que a funcção de tal symbolo entre os romanos, como entre os gregos, era assignalar a aspiração, que na pronuncia portugueza não existe e no proprio latim por ultimo desaparecera.

Por tudo isso ja em 1746 aconselhava o padre Luis A. Verney no

Verdadeiro Methodo de Estudar :

...Nenhum Portuguez deve servir-se do *H* senam quando tem diferente pronuncia, v. g. depois do *e*, como em Chave, depois do *u*, como em minha etc".

Parahyba, como se vê, não se ajusta a nenhuma das situações apreciadas. Para supprimir-lhe o *h* da escripta ha, além das considerações expostas, uma circumstancia bem attendivel : a coexistencia no portuguez, de uma palavra orthoepicamente affim :—*Paraiso*, que ninguem escreve com *h*. Ainda em justificativa dessa exclusão, releva notar que os especialistas, grammaticos ou glossologos, que primeiro procuraram methodizar a representação graphica das palavras brasilicas, reservaram o *h* para indicativo de voz aspirada, soando quasi *c=k, ç=s* ou *f*, observa-nos o citado autor do *Diccionario Brasileiro* a proposito das graphias *cabahu, Cahapara* e *cahiva* em vez de *cabaú, caipora* e *caiva*.

Inteira razão assiste, porem, a Aler. Passos na impugnação do *i* grego. Aliás, essa ou outra qualquer letra ou diacritico alienigena que melhor se preste ao assignalamento de sons estranhos a nossa fala, só teriam cabimento, só se justificariam num compendio ou livro especial destinado ao ensino da linguagem a que essas vozes pertencem.

Mesmo assim, o *y* applicado a especie não procederia ante a verificação similitude phonologica, salvo o homonymo designativo da nossa bella e prestadia *simaruba*, que, aliás, em sua terminação não

obedece ao mesmo etymo, mas a bem diversa origem, conforme se vê da nota 6: o *i*, neste caso, era gutturalmente pronunciado pelo indio e ainda o é no *Amazonas*.

Encerrando aqui as nossas considerações e illustrando-as com a opinião acatada de respeitavel americanologo — o dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares — transcrevemos do trabalho mencionado acima :

“como porem o *h* é mudo e o *y* das formas que trazem não se pronuncia differente do *i* portugûes, a escripta *aiba*, *aiva*, parece não só mais conforme com a pronuncia, mas tambem com a etymologia”.

Nada por conseguinte justifica a escripta corrente. **PARAIBA** é a verdadeira orthographia.

(1) Assim era effectivamente designada uma tribu selvagem que existiu no Sul, proximidades do grande rio fluminense, indios a que João de Lery se referiu chamando-os *Paraibes*, lembra-nos o conselheiro Tristão Araripe numa das notas á traducção da “Historia de uma viagem”.

O dr. João Severiano da Fonseca em sua “Viagem ao redor do Brasil” refere-se a umas ilhas *Parahybas*, situadas no norte de nosso país.

Observe-se que o nosso vocabulo ainda apparece, agglutinado, em *Parahybuna* e *Parahytinga* (affluentes do Parahyba do Sul), nomes que o dr. Th. Sampaio traduz em *Parahyba preto* e *Parahyba branco*; e no hybridismo *Parahybinha* que designa um affluente do Parahyba, de Alagôas, e a outro, do Parahyba do Norte.

(2) Muito embora nos principios do seculo XVII se achasse fundada nas adjacencias da embocadura o “Engenho Velho”, primeiro dos estabelecimentos desta ordem que houve nesta parte do Estado de Alagôas, a maior porção do valle res-

pectivo continuou ainda por muito tempo deshabitada e desconhecida.

Prova completa desta affirmativa dá-nos o *Diario da viagem do capitão João Blaer, aos Palmares em 1645*, inedito hollandez que o dr. Alfredo de Carvalho traduziu para a Revista do Instituto Arch. e Geogr. Pernambucano (vol. X n.º 56).

Após a referencia á substituição, por motivo de molestias de Blaer pelo tenente Jürgens Reijmbach, na expedição enviada contra os palmarinos, o relator informa que ao chegar ao Parahyba, a gente que havia reconduzido aquelle capitão ás Alagôas dissera que *com grande trabalho tinha conseguido subir aquelle rio Parahyba andando pelo leito cheio de penhascos submersos, porquanto as margens estão cobertas de vegetação tão densa que é quasi impossivel atravessa-la*.

(3) Em um livro de registo de casamento, da matriz de Atalaia, de 1817, inscreveu-se alguns celebrados na “Capella de Nossa Senhora da Conceição de *Paraiba do Sul*” pelo padre Manoel Marques Padilha, cujo nome surge em outros actos em *S. Lourenço*, numa capella sob aquella mesma invocação. Parece que se trata de um lugar até então innominado, a que se procurava dar um daquelles dous nomes, aqui postos em italico. E’ sem duvida a actual povoação do Lourenço, municipio de Victoria (Quebrangulo).

O rio tem, entretanto, na sesmaria concedida a D. Jeronyma Cardim de Fróes, viuva do legendario bandeirante Domingos Jorge Velho (6-5-1716), o nome de *Parahyba Grande*, devido ao *Parahybinha*, nesse documentado chamado *Parahyba Pequeno*.

A primeira designação vê-se tambem na sesmaria do paulista João de Araujo Delgado, um dos officiaes de Jorge Velho (10-12-1723).

Alguns papeis desse tempo nomeiam tambem o citado affluente, de *Parahyba-Mirim*, forma que, sem necessidade, se procurou reviver na *Carta Chorographica do Estado de Alagoas* (1893).

(4) Traduzido pelo dr. José Hygino Duarte Correia e inserta na Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pern. n.º 31.

(5) *Paraiba* nome vulgar de um peixe.

voraz e monstruoso do Amazonas. A sua carne, de uma apparencia desagradavel, diz Barbosa Rodrigues, é contudo desprezado pelos natuzaes por ser muito carregada e má. Só é aproveitado quando o peixe é pequeno e ainda conhecido por filhote. O nome indigena indica a má qualidade de peixe”.

(6) O insigne americanista dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, auctor desse vocabulario, assim definiu *aparaib*: “arvore ou pau d’arco, nome dado a varias arvores, entre outras a *Rhisophora Mangle*”.

A planta que em Alagôas e em outros Estados da Republica se dá o nome, não de *aparahiba* (de *apara*, curva?) mas de *parahyba* é a especie madeireira que na classificação botanica recebeu de Augusto de Saint Hilaire o designativo de *simaruba versicolor*.

Arvore do rio talvez expresse o exacto sentido da composição indiana (*para-iba*, differente de *para-aiba*, que melhor se perceberá attendendo-se para o trecho abaixo trasladado, de interessante memoria setecentista, que o juiz de fóra Joaquim de Amorim Castro traçou ao enviar para a metropole portugueza, amostra de varias madeiras existentes no termo de sua jurisdição (Cachoeira Bahia):

“Pau Parahyba, de 70 palmos de comprimento, 10 e 11 de circumferencia, leve e poroso, de cor muito branca. Este e o pinho do Brasil (diria melhor do Norte, em razão do pinho do Paraná), de que servem os habitantes para fazerem obras, que tenham pouco prazo e applicou de ordinario em portas outros fins semelhantes... cresce nos lugares humidos e baixos por onde

correm rios e lagôas...” (Annaes da Bibl. Nac. XXXIV, 162).

(7) Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. XIII, com separata.

(8) O professor Eduardo Carlos Pereira reportando-se, num dos capitulos de sua conceituada “Grammatica Expositiva”, aos elementos estrangeiros que entram na formação do vocabulo portuguez, menciona *Parahyba* com o significado de *rio ruivo*. Queremos acreditar que no autographo estivesse escripto *rio ruim*, sendo aquelle ruivo méro lapso typographico despercebido pelo revisor.

(9) *Descripção do Rio Grande do Norte*, por Domingos da Beiga, apud Notas historicas do dr. Tavares Lyra sobre aquelle Estado.

— *Descripção da cidade e barra de Parahyba* pelo piloto Antonio Gonçalves Paschôa, anterior a 1630, in Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Parahybano, vol. 3.º.

A desinencia assim escripta representa uma variante de aiba por diversa audição da pronuncia. O Visconde de Beaupaire-Rohan em seu Diccionario de Vocabulos Brasileiros diz que de aiva ainda se fazia 1888) algum uso em S. Paulo e Paraná e refere a proposito: “No Paraná perguntando eu a um rustico como se achava de saude, respondeu-me: A’s vezes bem e ás vezes ahiva”.

(10) Baste citar, entre estes ultimos, o acto da Camara Municipal das Alagoas, então capital da antiga Provincia, de 25 de Abril de 1833, e o da de Villa Nova de Assembléa, hoje cidade de Vigosa, de 3 de Julho do mesmo anno, em qual estabeleceram districtos de paz, segundo a attribuição que lhes competia sobre o assumpto.

Diccionario Brasileiro da Lingua Portugueza

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O primeiro fasciculo dessa obra sem igual, tem 120 paginas

PREÇO 20\$000

Vende-se na CASA RAMALHO—Maceió

Rua Dr. Rocha Cavalcante ns. 168-174

NOTICIÁRIO



VIDA ESCOLAR

MÊS DE JULHO

DIA 1.º

Foi removida, por conveniência de ensino, a professora publica de instrução primaria da cadeira do sexo feminino do povoado Barra de Santo Antonio, Municipio de São Luiz do Quitunde, D. Maria Antonia dos Reis, para a cadeira, vaga, do sexo masculino do povoado Ipioca, Municipio da Capital.

DIA 4

Foi nomeada a alumna mestra D. Maria Nobre Silva, para exercer o cargo de professora adjuncta do Grupo Escolar "Torquato Cabral" da cidade do Parahyba.

— Foram removidas, por conveniência de ensino, as professoras publicas de instrução primaria D. Aurea Alvim Wanderley da 3.ª cadeira isolada de Bebedouro para a 1.ª cadeira isolada de Jacutinga, arrabalde desta cidade, D. Hortencia Campos Barbosa da cadeira mixta do povoado Cruz de Almas, Municipio da Capital, para a 3.ª cadeira isolada de Bebedouro e D. Leticia Canuto Xavier de Araujo da 1.ª cadeira isolada de Jacutinga, desta cidade, para a cadeira mixta do povoado Cruz de Almas, Municipio de Maceió.

DIA 5

Foram justificadas as faltas dadas pela professora adjuncta do Grupo Escolar "Diegues Junior", desta cidade, D. Marietta de Carvalho Menezes.

— Foram justificadas as faltas dadas pela professora publica de Gurganema, na cidade de Viçosa, D. Anna Ferreira Torres.

— Foram justificadas as faltas dadas pela professora extranumeraria da cidade de S. José da Lage, D. Maria da Natividade Lemos.

DIA 7

Foram justificadas as faltas dadas pela professora adjuncta do Grupo Escolar "D. Pedro II", desta cidade, D. Flora Alcantara de Barros Correia.

— Foi exonerado o cidadão José Maria Barros, do cargo de presidente, em commissão, da Junta Escolar do Municipio de São Luiz do Quitunde e foi nomeado para substituil-o, o Bacharel Luiz Potyguar de Oliveira Fernandes.

DIA 8

Foi removida, com decesso, a professora publica de instrução primaria da 1.ª entrancia da cadeira de 1.ª categoria do sexo masculino do povoado Tanque d'Arca,

Município de Anadia, D. Maria Leal Guimarães para a cadeira mixta, vaga, de 2.^a categoria do povoado Nicho, Município de Muricy.

DIA 11

O Exm.^o Sr. Governador do Estado resolve approvar o termo de contracto celebrado nesta data entre o Sr. Dr. Secretario do Interior e D. Grinauria Guimarães Barbosa, afim de ministrar, durante um anno, o ensino de costura e corte aos alumnos do Grupo Escolar "Rocha Cavalcante", da cidade de União.

— Foi jubilada D. Maria da Gloria Nunes, professora publica do povoado Capivara, em Traipú, por não poder mais continuar no magisterio, tal o seu estado de saude.

DIA 12

Conforme pediu, foi exonerado o cidadão Sebastião Felisberto dos Santos, do cargo de professor publico subvencionado do povoado Flecheiras, Município de S. Luiz do Quitunde.

— Foi nomeada a alumna mestra, D. Maria da Natividade Lemos, para exercer o cargo de profssoora effectiva de 1.^a entrancia da cadeira mixta, vaga, da 1.^a categoria do povoado Curralinho, Município de Muricy.

— D. Clotides Alves de Lima, professora publica da cidade de Egreja Nova, pedindo 30 dias de licença para seu tratamento, na forma da lei.

— Foi designada a junta medica de inspecção de saude composta dos Drs. José Carneiro, José Mauricio e Hebreliano Wanderley.

— D. Joanna da Conceição, professora publica da villa de Piranhas, pedindo 60 dias de licença — Foram designados os Drs. José Carneiro, José Mauricio e Hebreliano Wanderley para comporem a junta medica de inspecção de saude a que se deve submeter a requerente.

DIA 13

Foram justificadas as faltas dadas por D. Olivia Izabel Tavares, professora publica desta Capital.

DIA 14

O Governador do Estado, á vista da representação da Directoria Geral da Instrucção Publica, em officio de 12 deste mês, sob n.^o 1.100, resolve converter em cadeira ra de categoria a cadeira subvencionada do sexo masculino, vaga, do povoado Flecheiras, Município de São Luiz do Quitunde.

— Foi nomeado o cidadão Sebastião Felisberto dos Santos, para exercer o cargo de professor effectivo de 1.^a entrancia da cadeira de 1.^a categoria do sexo masculino do povoado Flecheiras, Município de São Luiz do Quitunde.

— Foi nomeada D. Alayde Rosa de Lima, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta, vaga, do povoado Páo Amarello, Município de Limoeiro.

— O Exm.^o Snr. Governador do

Estado, á vista da representação da Directoria Geral da Instrucção Publica, em officio de 12 deste mês, sob n. 1.095, resolve converter em cadeira de categoria a cadeira subvencionada do sexo masculino, vaga, do povoado Flecheiras, Municipio de São Luiz do Quitunde.

DIA 18

D. Auta de Oliveira Souza, professora publica do povoado Piquete, municipio de São José da Lage, pedindo 60 dias de licença, para tratamento de saude, na forma da lei. Foram designados os Drs. José Carneiro de Albuquerque, José Mauricio e Hebreliano Wanderley para inspecionarem de saude a professora publica de instrucção primaria, D. Auta de Oliveira Souza.

DIA 19

O Exm.^o Snr. Governador do Estado, á vista da representação da Directoria Geral da Instrucção Publica, em officio desta data, sob n. 1149, resolve converter em cadeira de categoria a cadeira mixta, vaga, do povoado Barra do Ipanema, Municipio de Mello Monte.

— Foi exonerada D. Maria Lisboa de Albuquerque, do cargo de professora extranumeraria da cadeira do sexo masculino da cidade de Paulo Affonso, conforme pediu.

— Foi exonerada D. Flora de Mello Vieira, do cargo de professora extranumeraria da cadeira mixta do povoado Itamaracá, Municipio de Muricy, conforme pediu.

— Foi nomeada D. Symphorosa Lopes Carneiro, para exercer o cargo de professora extranumeraria

por tempo indeterminado, da cadeira do sexo masculino, vaga, do povoado Tanque d'Arca, Municipio de Anadia.

— Foram justificadas as faltas dadas por D. Amalia da Silva Fragoso, professora publica do povoado Sertãozinho, Municipio de Sant'Anna do Ipanema.

— Foram justificadas as faltas, a contar de 22 a 30, dadas pela professora da Chã de Bebedouro, desta Capital, D. Deolinda Alves de Carvalho.

DIA 20

Foi nomeado o Bacharel José Casado de Farias Filho, para exercer o cargo de Membro da Junta Escolar do Municipio de Arapiraca e o de Presidente em commissão, da mesma Junta.

— Foi nomeado o cidadão Pedro Fernandes Pimentel, para exercer o cargo de Membro da Junta Escolar do Municipio de Camaragibe.

— Foi nomeada D. Flora de Mello Vieira, para exercer o cargo de professora extranumeraria da cadeira do sexo feminino do povoado Utinga, Municipio de Santa Luzia do Norte.

— Foram justificadas as faltas de D. Linaura da Silva Imbuseiro, professora publica do povoado Curalinho, Municipio de Muricy.

— Foram justificadas as faltas de D. Suzana da Silva Xavier, professora publica do povoado Barra de Santo Antonio Grande, Municipio de São Luiz do Quitunde.

— Foram justificadas as faltas dadas por D. Maria Percê de Car-

valho, professora publica da cidade de Cururipe.

DIA 24

Foi removida com acesso, a professora publica de instrucção primaria da cadeira mixta de 1.^a categoria do povoado Sertãozinho, Municipio de Sant'Anna do Ipanema D. Amalia da Silva Fragoço, para a cadeira mixta de 2.^a categoria do povoado Santa Ritta, Municipio de Alagôas.

— Foi exonerado o cidadão José Gomes da Silveira, do cargo de Presidente, em commissão, da Junta Escolar do Municipio de Viçosa, e foi nomeado, para substituil-o, o Bacharel Arnaldo de Vasconcellos Correia Murta.

— Foram nomeados os cidadãos João Eloy de Queiroz e José Pereira Camello, para exercerem respectivamente, os cargos de Inspectores Ruraes de Ensino dos povoados Palmeira de Fóra e Lagôa do Caldeirão, Municipio de Palmeira dos Indios.

— Foram nomeadas D. D. Antonia de Britto Sampaio e Maria Alves Soares Junior, para exercerem, respectivamente, os cargos de professoras extranumerarias, por tempo indeterminado, das cadeiras mixtas, vagas, do povoado Lagôa do Caldeirão e Barra do Ipanema, nos Municipios de Palmeira dos Indios e Bello Monte.

— Foi removida por conveniencia do ensino, a professora publica de instrucção primaria da cadeira mixta do povoado Santa Ritta, Municipio de Alagôas, D. Maria Herminia de Bar-

ros, para a cadeira do sexo feminino, vaga, da cidade de Traipú.

DIA 25

Foram justificadas as faltas dadas pela professora adjuncta do Grupo Escolar "Diegues Junior", desta cidade, D. Maria Victoria de Araujo Jorge.

DIA 26

Foi concedido á professora D. Aurelia de Oliveira, professora de Mangabeiras arrebalde desta Capital, um anno de licença.

— Foram concedidos a D. Auta de Oliveira Souza, professora publica de instrucção primaria do povoado Piquete, Municipio de São José da Lage, 90 dias de licença.

DIA 28

Foi considerado sem effeito o acto de 22 de junho ultimo, nomeando D. Maria da Gloria Azevedo, para exercer o cargo e professora extranumeraria por tempo indeterminado da cadeira mixta do povoado Entre-Montes, Municipio de Piranhas, e foi nomeada novamente para o dito cargo.

— Foi nomeada D. Senhora Correia Lima, para exercer o cargo de professora extranumeraria por tempo indeterminado da cadeira do sexo feminino, vaga, da cidade de Coruripe.

DIA 31

Foi exonerado o cidadão Alfeu Lins, do cargo de Inspector Rural de ensino do povoado Nincho, Municipio de Muricy, por não residir mais na referida localidade, e foi nomeado para substituil-o o cidadão Fernando Maia Gomes.

MES DE AGOSTO

DIA 4

Foi mandado pagar á professora publica do povoado Raiz, municipio de São Luiz do Quitunde, D. Maria Candida da Silva, a ajuda de custo a que tem direito, na forma do Regulamento da Instrucção Publica vigente.

— Foram jubiladas, com os vencimentos proporcionaes ao tempo de serviço, de accordo com o artigo 10 do Regulamento baixado com o Decreto n. 1183, de 17 de Setembro de 1926, combinado com o § 2.º do Decreto n. 1140, de 19 de Setembro de 1925, as professoras publicas de instrucção primaria, D. Laurinda Alves da Luz, da cadeira mixta do povoado Peroba, Municipio de Maragogy e D. Olindina dos Santos Balbino, da 1.ª cadeira do sexo feminino da cidade de Muricy, visto se acharem impossibilitadas de continuar a exercer suas funcções, segundo os laudos medicos de inspecção de saude a que se submetteram e contarem, a primeira, 13 annos, 3 mezes e 27 dias de exercicio publico, e a segunda, 12 annos, 5 mezes e 5 dias.

— Foi nomeado o cidadão Enéas de Albuquerque, para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Timbó, Municipio de União.

— Foi exonerada D. Enedina Gomes da Silva do cargo de professora extranumeraria, da cadeira do sexo feminino do povoado Branquinha, Municipio de Muricy, conforme pediu.

— Foi designada a professora

publica de instrucção primaria da cadeira mixta do povoado Cajueiro, Municipio do Parahyba, D. Linaura da Silva Imbuzeiro, para servir, em commissão, no Grupo Escolar Torquato Cabral, da cidade daquelle Municipio.

— Foi nomeada D. Etelvina da Costa Mello, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta, vaga, da cidade de Maragogy.

DIA 5

Foram justificadas as faltas dadas por D. Esther Caparica da Silva, professora subvencionada de Mangabeiras, nesta Capital.

DIA 7

Foi concedido a D. Primitiva de Oliveira, professora publica que ora serve no Grupo Escolar "Cincinato Pinto", desta Capital, um anno de licença.

— Conforme pediu, foi exonerada D. Eulalia de Oliveira Graça, do cargo de professora extranumeraria da cadeira do sexo masculino do povoado Branquinha, Municipio de Muricy, e foi nomeada para substituil-a, D. Emilia Nogueira da Silva.

DIA 8

Foram justificadas as faltas de D. Georgina da Silva Freitas, professora publica do povoado Tanque d'Arca, Municipio de Anadia.

— Foram justificadas as faltas

dadas pela professora publica de Gurganema, na cidade de Viçosa, D. Anna Ferreira Torres.

DIA 10

Foi nomeada D. Maria de Lourdes Valente Jucá, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado da cadeira do sexo feminino da cidade de São José da Lage.

— Foi nomeado o cidadão Antonio Arnaldo Beserra Cansanção, para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Santo Aleixo, Municipio de Muricy.

— Foi nomeada a alumna-mestra, D. Eulalia de Oliveira Graça, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Santo Aleixo, Municipio de Muricy.

DIA 11

Foi mandado pagar a D. Julieta Lima de Araujo Torres, professora publica do povoado Branquinha, Municipio de Viçosa, a ajuda de custo a que tem direito, na forma da lei.

DIA 14

Foram nomeadas D. D. Julita Pimentel Santos e Olivia Ferro de Moura, para exercerem respectivamente, os cargos de professoras extranumerarias, por tempo indeterminado, das cadeiras mixtas, vagas, dos povoados Bananal e Caçamba, Municipio de Viçosa.

— Foi nomeada a alumna mestra D. Odette Maria de Jesus, para

exercer o cargo de professora extranumeraria da cadeira mixta de Mangabeiras, arrabalde desta Capital, na fórmula do artigo 165, combinado com os artigos 258 e 259, n. 2 do actual Regulamento da Instrução Publica.

— D. Joanna da Conceição, professora publica da villa de Piranhas, pedindo 60 dias de licença, para tratar de sua saude. Foram designados os Drs. Luiz Tavares Sobrinho, Carlos Martins e Amphrisio Freire Ribeiro, para comporem a junta medica de inspecção de saude a que se deve submeter a requerente.

DIA 17

Conforme pediu, foi removida a professora publica de instrução primaria da cadeira mixta do povoado Olhos d'Agua do Accioly, Municipio de Palmeira dos Indios, D. Augusta Maria Costa, para a cadeira mixta de 1.^a categoria, vaga, do povoado Capivara, Municipio de Traipú.

— Foi exonerado o cidadão Procopio Vieira de Almeida, do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Riachão do Cipó, Municipio do Parahyba, por não residir na referida localidade.

— Foi nomeada D. Maria Vieira Brandão, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira vaga, do sexo feminino, do povoado Branquinha, Municipio de Muricy.

— D. Mary Martins do Carmo, professora publica de Barra, Municipio de Camaragibe, pedindo 30 dias de licença para seu tratamen-

to. Foram designados os Drs. Hebreliano Wanderley, José Mauricio Rodrigues e José Carneiro de Albuquerque para inspeccionarem de saúde a requerente, ás 13 horas do dia 22 do corrente.

DIA 21

Foi exonerado o Dr. José Rodrigues Calheiros do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Lourenço de Albuquerque, Municipio de Santa Luzia do Norte, por não residir mais na referida localidade, e foi nomeado para substituil-o, o cidadão Ananias Iago da Cunha.

— Foi nomeada D. Rosa Clemente Pereira, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta o povoado Flecheiras, Municipio de São Luiz do Quitunde.

DIA 22

Foi considerado sem effeito o acto de 20 deste mês, nomeando D. Rosa Clemente Pereira, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Flecheiras, Municipio de S. Luiz do Quitunde, e foi nomeada novamente, para o dito cargo na cadeira do sexo feminino do mesmo povoado.

— Foi nomeada D. Domicilia Mello de Oliveira, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da daira mixta do povoado Raiz, no referido Municipio.

DIA 25

Foi mandado pagar a D. Elecina Mercêdes de Mesquita, professora publica do povoado Itamaracá, Municipio de Muricy, a ajuda de custo a que tem direito na fórmula da lei.

— Foram concedidos a D. Isaura Maria de Jesus, professora publica da villa de Junqueiro, 4 mezes de licença para tratar de negocios de seu particular interesse.

— Foi indeferido o pedido de 30 dias de licença da professora D. Mary Martins do Carmo.

— D. Asterica das Virgens Muritiba, professora publica de Palmeira dos Indios, pedindo 3 mezes de licença para tratamento de saúde, na fórmula da lei.

DIA 29

Foi exonerado o cidadão José Lucas Portella, do cargo de Inspector de Instrução Rural de Ensino do povoado Barra do Canhoto, Municipio de União e foi nomeado para substituil-o, o cidadão Juvenal Mendonça.

— Foi exonerado o cidadão Antonio Tenorio de Mello, do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Mangabeira, Municipio de Pilar, por não residir mais na referida localidade, e foi nomeado o cidadão José Ignacio da Costa, para substituil-o.

DIA 31

Foi nomeado o cidadão Manoel Collecto de Mello para, exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Olhos d'Agua, Municipio de Piranhas.

REVISTA DE ENSINO

SUMMARIO

O pinheiro	Hans Andersen
Historia do Brazil—A questão mi- litar	Auryno Maciel
A fidelidade do cão	Ad. Marroquim
Alagôas.	Tito de Barros
Lingua Portuguêsa	Ruy Barbosa e Car- neiro Ribeiro
A disciplina da Liberdade	M. R. Ambrozzio
Lição de Hygiene	
Methodo Montessori.	M. de Poew
O cão	
Jogos escolares	
Poesia Indigena	
O Palito	
Gymnastica a braços livres	Helena Barros
Concurso de professores	
O que toda creança deve saber	
Methodologia	Diversos
Brasil Colonia e Brasil Imperio	Alencastro Fraga
Cartas de Paris	O. Maia
Noticiario	
O Brasil	Olavo Bilac

